

700

Revista da Semana

Ano XLIV N.º 40 - Cr\$ 1,50 em todo o Brasil - 2 de Outubro de 1943



Reportagem de Guerra neste numero

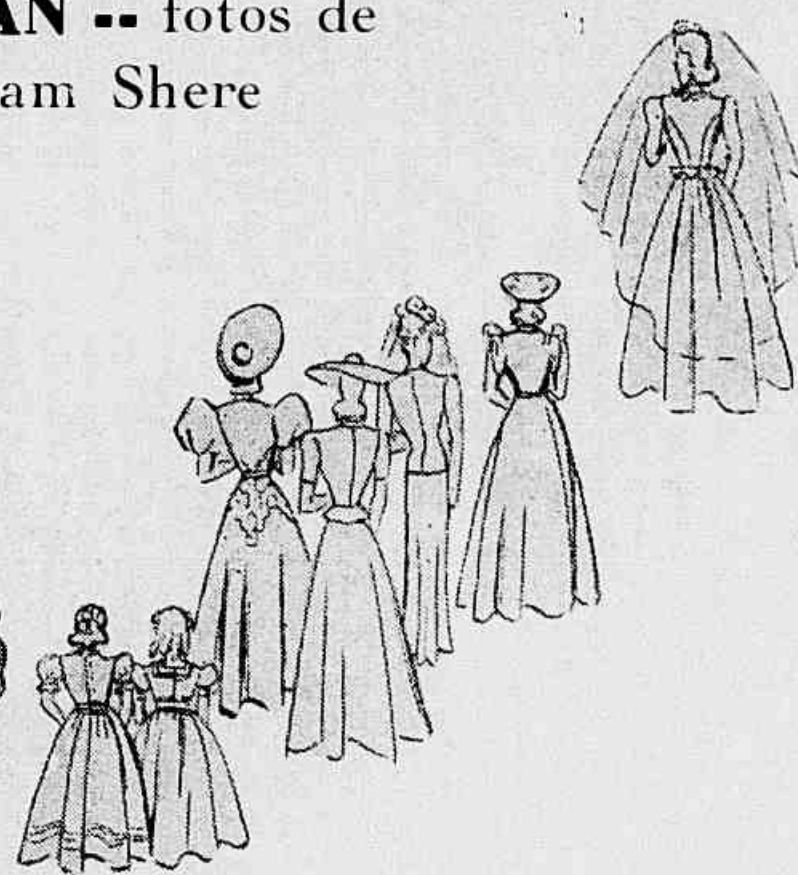


Cumprindo a promessa feita anteriormente apresentamos mais dois encantadores modelos para noivas:

O primeiro, em *organza* estampada, longa cauda e babadinhos. Muito graciosa a disposição do véu de *tule* curto.

Quanto ao outro, vindo especialmente de *The Tailored Woman* é confeccionado em *voile* suíço com *pois* bordados. As mangas curtas terminam em babadinhos da mesma renda de Chantilly com que é feito o gracioso toucado.

SUSAN -- fotos de Jam Shere



"Marcha

Nupcial"

Realidade da Burguesia

JOSÉ ARTHUR RIOS

O burguês existe. Eis um fato patente a todo aquêle que, hoje, relancear os olhos á volta de si. Ha, porém, várias formas de existencia. O burguês existe, não como as árvores e os animais — de uma existencia prudente e sábia — mas sim, como os arranha-céus e os anuncios luminosos — de uma existencia arrogante e intrusiva. O burguês realmente existe, mas não vive. Seu modo de ser é ao contrário um ultraje à plenitude dessa palavra — vida — onde palpita uma música estranha e embriagadora, feita de cantos de pássaros, de ventos poderosos, de oceânicos rumores.

No entanto, ninguém lhe vá dizer tal coisa. Ele está firmemente convencido do contrário e também de que essa maneira de viver é a melhor possível. Como Candide êle crê que este é o melhor dos mundos habitáveis. E, do mesmo modo que o Dr. Pangloss via nos óculos a única razão de ser do nariz, o burguês crê com segurança que a razão de ser do mundo é... o burguês, isto é êle proprio.

Para que nos convençamos disto basta olhar um espécime desta fauna fecunda e caprichosa: a burguesia. Não importa qual. A burguesia é menos uma categoria social que um estado de espírito. O burguês é o mesmo no tempo e no espaço. Sua origem — como a de todas coisas grandes e eternas — perde-se na imemorial noite dos tempos. Rastreamo-lo nas comédias de Aristófanes — “naquela Grécia esplêndida e tranquila” — nos *fabliaux* medievais, na Inglaterra de Chaucer, na França de Zola e Flaubert, nos Estados Unidos de *Babbitt*.

Voltemos, porém, como bons naturalistas, á contemplação do exemplar-burguês de que nos haviam apartado em má hora considerações de ordem histórico-literária. Si conseguíssemos assestar sobre um desses individuos a lupa de um gigantesco microscópio teríamos diversas surpresas. Haveríamos de vê-lo, antes de tudo, porejar uma grande satisfação consigo proprio. Si quisermos defini-lo teremos de fazê-lo como um homem satisfeito. Não julguemos, entretanto, que o seja passivamente, com bonomia. O burguês é um ser que luta por assegurar a sua auto-satisfação, evitando tudo que a possa perturbar, que possa despertar-lhe no espírito dúvidas a respeito de sua própria superioridade: a idéia de Deus, por exemplo, por êle cultivada com as precauções de um botânico que possui em seu herbário uma planta venenosa. Nessa reação do burguês contra tudo que lhe possa inquietar a santa paz está a sua agressividade. Tres seres o irritam especialmente: o Herói, o Santo e o Artista. Contra êles o burguês volta sua alma predileta: o ridículo. Arremessa sobre êles a sua esmagadora mediania. Isto não é de hoje. A sátira — um dos generos mais mesquinhos de arte — foi indubitavelmente criada por um burguês.

Qual será, porém, esse ideal pelo qual se bate o burguês? Esse ideal é o conforto. Ele invadiu todos os setores da civilização moderna que é nitidamente burguesa. A medida que se foi estabelecendo o predomínio do burguês na sociedade moderna esta idéia de viver materialmente bem, de tratar o corpo como um ser de eleição, foi lenta-

mente consolidando. Podemos dizer, a tal ponto se vulgarizou esta noção, que vivemos a civilização do conforto, onde nada se poupou para dar ao homem o mínimo de trabalho, para proporcionar-lhe um prazer meramente sensorial. O burguês é o homem do menor esforço. Não trocou a epopéia antiga pelo romance moderno, de leitura mais facil e comoda? Não substituiu ao teatro, que exige uma certa soma de imaginação e raciocínio, o cinema que dispensa tudo isso? Não trocou a casa pelo apartamento e fez da máquina o escravo diligente que lhe poupa todos os esforços? Não se pense, porém, que sejam estas as maiores criações da fecunda civilização burguesa. O maior invento do burguês, a sua criação máxima que a posteridade deslumbrada assinalará como o marco definitivo de nosso tempo, semelhante ás pirâmides do Egito e ás catedrais góticas, é essa coisa complexa e singular que constitue o Casino. Impossível defini-lo. Há nêle de tudo. Ali, o burguês come, joga, dança e leva a família a ouvir pornografia gratuita. Ali, de volta do trabalho esfalfante, regressando da sinecura ou do banco, êle gasta essa coisa tão preciosa e tão difícil de gastar: o seu dinheiro. Ai passa, beato, as suas noites. Ai vão seus filhos que são a sua própria imagem (porque ha burgueses juniors como ha burgueses seniors), a aprender os primeiros passos da profissão de perdulário e jogador, a adquirir esta preciosa mentalidade uniforme que é o grande escudo do mundo burguês. Eis toda a grandeza dos Casinos, verdadeira instituição do nosso tempo, buscada pelas famílias, pelos casais em lua de mel, pelas matronas entediadas, pelos ricos entorpecidos — pelas “colunas da sociedade”, emfim — favorecida pelos chefes de estado, escolhida pelas damas da sociedade para centro de suas festas de beneficencia, engalanada, nas datas nacionais, pela bandeira do país.

O leitor bondoso ha-de perguntar-se neste ponto, qual foi o despreocupado ócio ou o caprichoso devaneio que nos levou a estudar tão precioso tema. Ai! E' que tememos uma grande catastrophe: o fim do burguês! Sim, senhores, o burguês estrebucha! A civilização do conforto vive o seu crepúsculo. E o autor dessa hecatombe é a guerra. Razão tinham os burgueses de temê-la, como perturbadora daquela morna felicidade em que banhavam! A civilização do comodismo, do epicurismo — de todos os *ismos* burgueses — não poderá manter os seus valores no mundo que o arado da guerra revolve e cujos fundos sulcos aguardam uma palavra de verdade e vida. O mundo do riso fácil dos prazeres comodos do Casino não bastará a essa humanidade sofredora do após guerra, ansiosa pelo sério, pela concentração do espírito nas camadas mais profundas do ser, onde o burguês não desceria nem de escafandro e lanterna elétrica. Aproveitai burgueses! Ide aos vossos casinos. Que não se perca uma só noite nessa deliciosa ebridade dos sentidos, nesse crescente entorpecimento da inteligencia que são vosso apanágio e vossa glória!

E, rápido, detenho a pena para que não me ponha a gritar: “Mane, Tecel, Fares! Tremei, burgueses!” Pois os profetas não estão em moda e, desde os templos bíblicos, não são simpáticos á policia.

PINTURA CHINEZA

O PROFESSOR CHANG MOSTRA COMO APROVEITA OITO MINUTOS ABORRECIDOS

As fotografias que ilustram estas paginas foram posadas por um dos grandes pintores da China, professor Chang Shu-Chi da Universidade Nacional de Chungking.

Ele nos mostra aqui como apronta uma obra prima de arte chinesa em exactamente oito minutos. Na figura abaixo, ele se prepara para pintar quando o relógio marca três horas e trinta minutos. A' direita, marcando o relógio três horas e trinta e oito minutos, ele segura o quadro terminado.

A rapidez é a técnica do artista Chang. Dedicou-se trinta e um anos a aperfeiçoar a sua arte. Devido ao fato de suas pinturas serem feitas na seda, com aquarela, não podendo raspar as linhas desenhadas, o grande problema é atender ao momento preciso em que deve ser dada a pincelada. Se uma pequena linha for mal-traçada, toda a pintura estará perdida, sendo preciso recomeçar inteiramente.

Chang Shu-Chi se encontra presentemente nos Estados Unidos da América do Norte, conseguindo dinheiro para o fundo de auxilio á China.



TERMINADA A PINTURA De passaros pousados num ramo, o professor Chang Shu-Chi mostra-nos o quadro, exactamente oito minutos depois de ter iniciado. Chang começou a pintar aos nove anos de idade. Agora com quarenta, é um dos maiores artistas da China.



PREPARANDO-SE. Exatamente ás três horas e trinta minutos (reparem o relógio) o artista humedece o pincel, iniciando o trabalho.



1 MINUTO. Com movimentos tão rapidos que a camera não fixa claramente a mão, começa a desenhar os passaros.



2 MINUTOS. Os passaros agora estão desenhados e o artista rapidamente pinta o ramo.



3 MINUTOS. O artista apanha um noovo pincel para pintar o verde das folhas em contraste com a cor das flores.



4 MINUTOS. Ainda outro pincel é usado para pintar os ramos em que pousam os passaros.



5 MINUTOS. Um tom mais carregado para as flores reproduzindo a variedade de efeito produzida pela luz do sol. Os pires contêm água para molhar os pincéis.



TERMINANDO. Nos últimos três minutos o artista Chang dá os últimos retoques e então levanta o pincel para escrever o seu nome em caracteres chineses.

Casada ou Solteira

Quando levar uma queda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação destes importantes órgãos útero-ovarianos use **Regulador Gestelra**. Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas.

Use **Regulador Gestelra**

Regulador Gestelra trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, sensação de sufocação, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, peso e dormência nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gestelra evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo

a usar **Regulador Gestelra**

Revista da Semana

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7868

Corresp. na Baía: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

A nossa capa

A guerra moderna é uma guerra de inteligência e técnica. Em tempo algum foram requeridos tantos conhecimentos especializados no campo de batalha. Por isso os exércitos que disputam hoje a posse do mundo esforçam-se por constituir corpos de especialistas que se encarreguem de abrir caminho para o grosso das tropas. Entre esses destaca-se o Corpo de Engenheiros do Exército Norte-Americano ao qual dedicamos hoje a nossa capa.

Em todos os setores da guerra, seja nas inabundáveis ilhas do Pacífico, seja nas praias italianas, o Corpo de Engenheiros tem prestado valiosíssimos serviços à causa aliada. Na invasão da África coube-lhe papel relevante. E agora será, pela sua eficiência e bravura, um dos fatores decisivos da invasão da Europa. Suas finalidades são muitas: constroem pontes, destroem ninhos de metralhadoras, transpõem rios, furam matagais, aventuram-se sobre pantanos, edificam entrancheamentos, organizam

instalações de toda espécie quando a cabeça de ponte se firma em território inimigo.

Toda a sua obra se resume em três palavras: Eles abrem o caminho. Sim, abrem o caminho à vitória das Nações Unidas que é o mesmo que dizer: abrem o caminho à liberdade, ao direito, à fraternidade nos escuros caminhos da Fortaleza Européia.

MEDIDOR GATO
SUPRIME A BALANCA E A MEDIDA

NA PARTE INTERNA ACIMA SE INDICAM QUANTIDADES PARA LÍQUIDOS, FARINHAS, AÇÚCAR, ETC. SENDO INALTEGÁVEIS AS INSCRIÇÕES POR SER FABRICADO COM FOLHA INOXIDÁVEL.

Avenda nas casas de ferragens e couçao.

FREITAS, COUTO & CIA. L^{da}
FERRAGISTAS
R. MIGUEL COUTO 23-T: 23-4733 e 23-4719-910

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

! Saliar de Casa Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de biles. Se a biles não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pímulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de biles e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a biles correr livremente. Peça as Pímulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.

Dr. José de Albuquerque

Membro da Sociedade de Sexologia de Paris

DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM

RUA DO ROSARIO, 172 — DE 1 ÀS 7

OS comprimidos DE



Piralyina
GRANADO

LIVRAM DE QUALQUER DOR

TARQUINO

DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DYSPEPSIA - ULCERAS

Papéis

BANKETS



PRISÃO de VENTRE?

Pímulas

ALOICAS

REGULARIZAM OS INTÉRIOS SEM TORTURA-LOS.



Senhoras!

CAPSULAS

MENAGOL

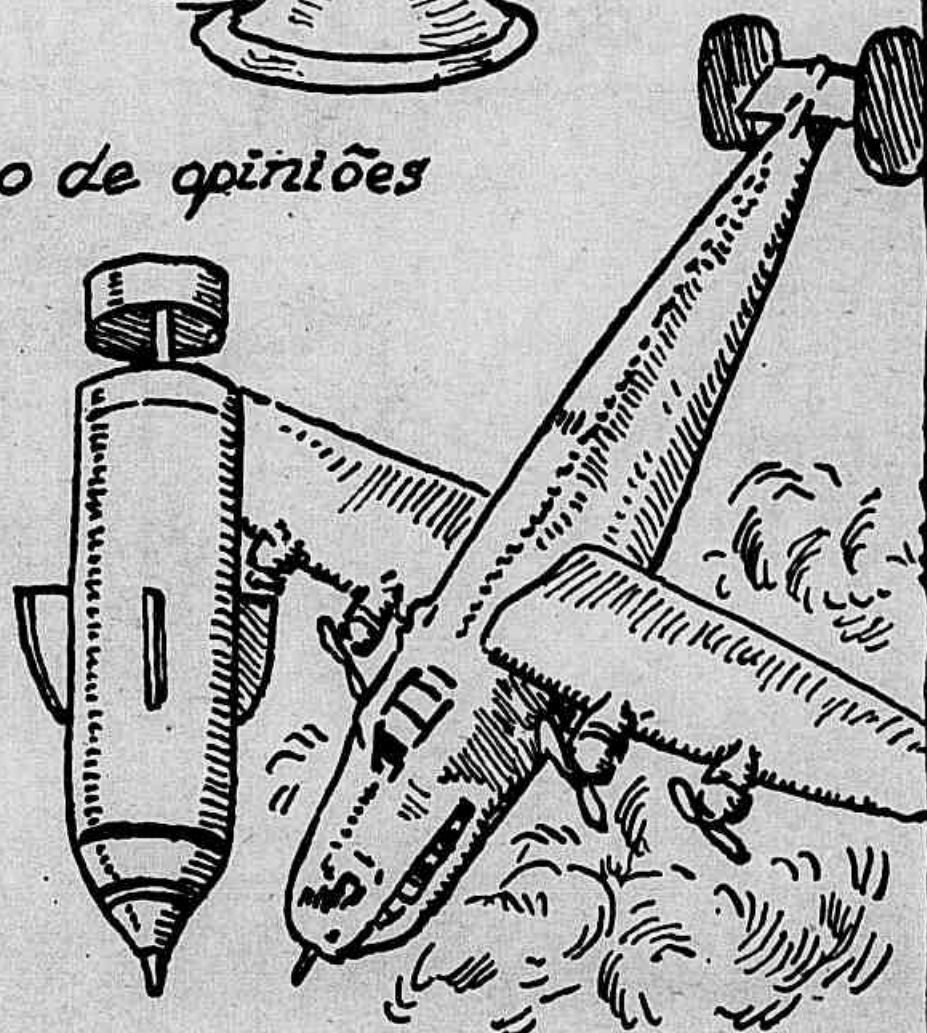
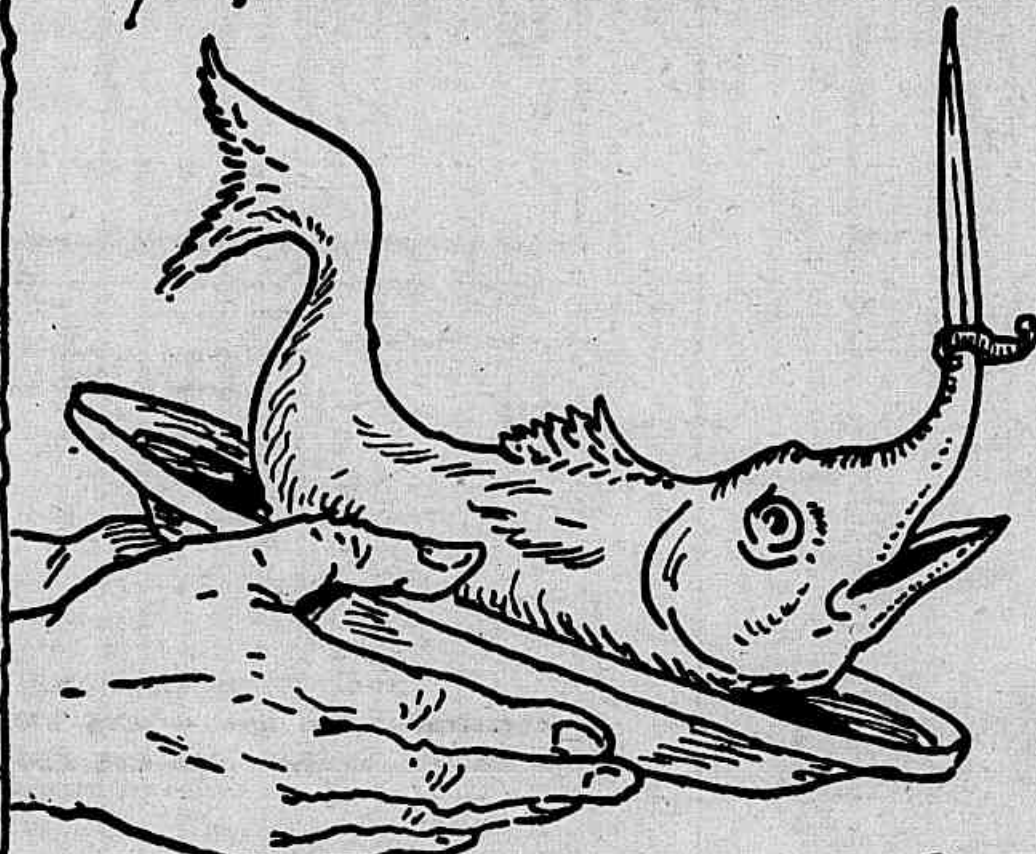
PARA FALTA DE MENSTRUÇÃO

APR. PELA CEN. SANIT. N. 80 - J. 5

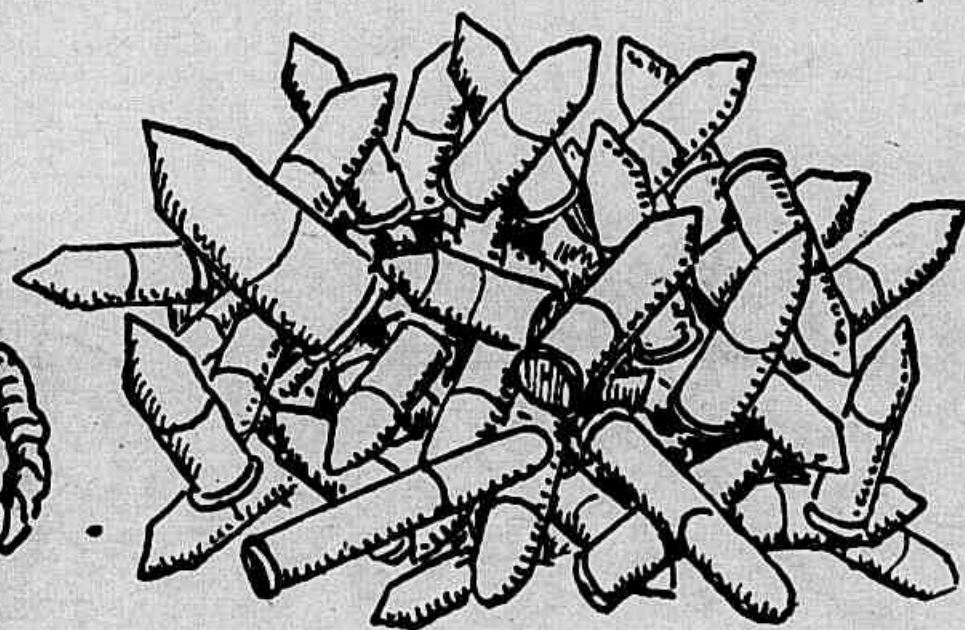
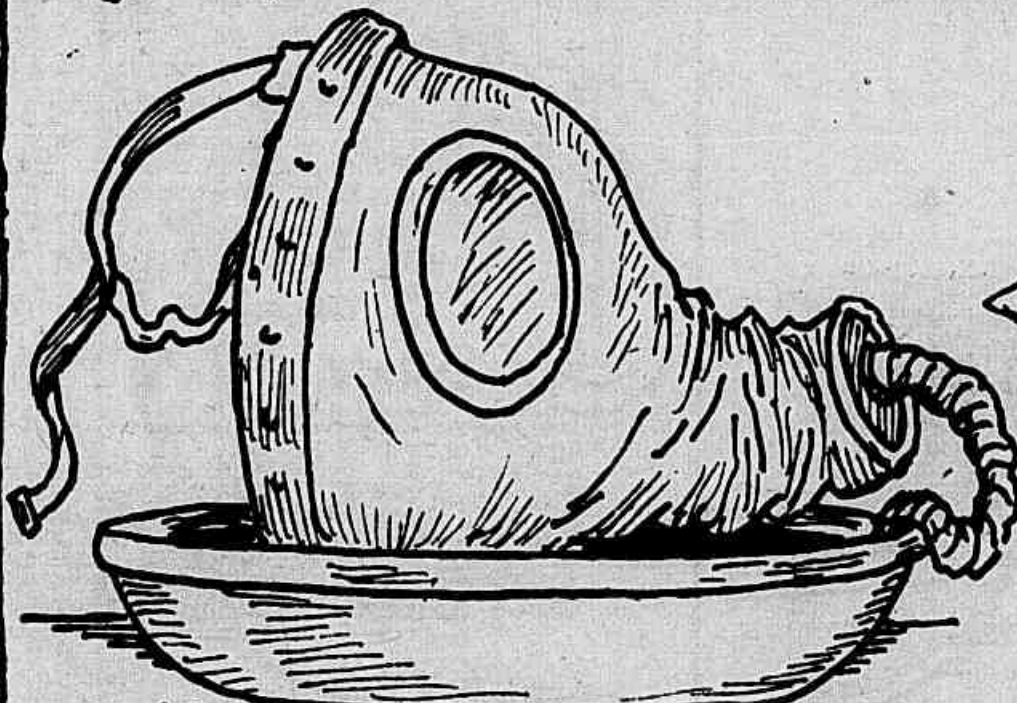
PRATOS DO DIA



Sopa de boatos com molho de opiniões

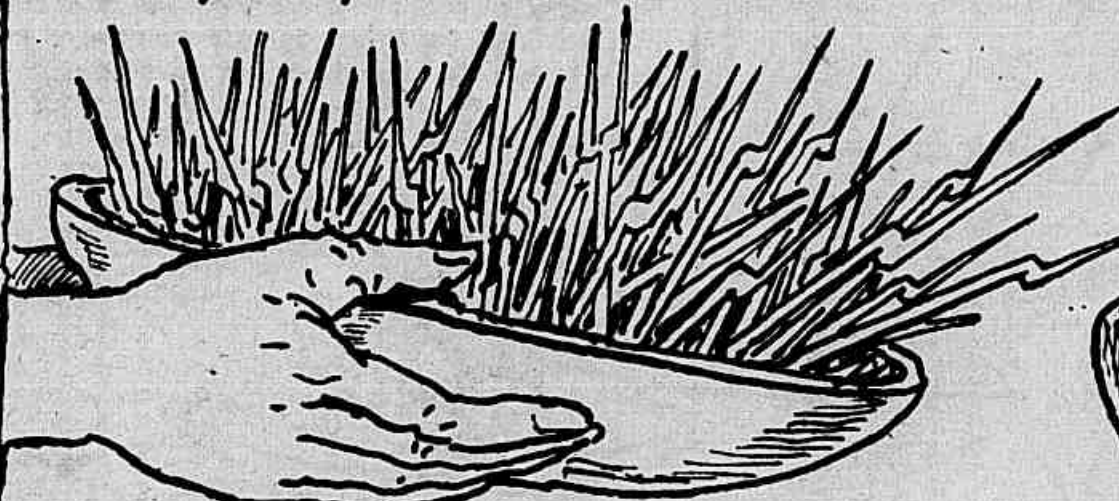


Pêixe-espada de escabeche. Paio de fumêiro. Serviço volante.



Cabeça de porco sem molho.

Confeitos sortidos.



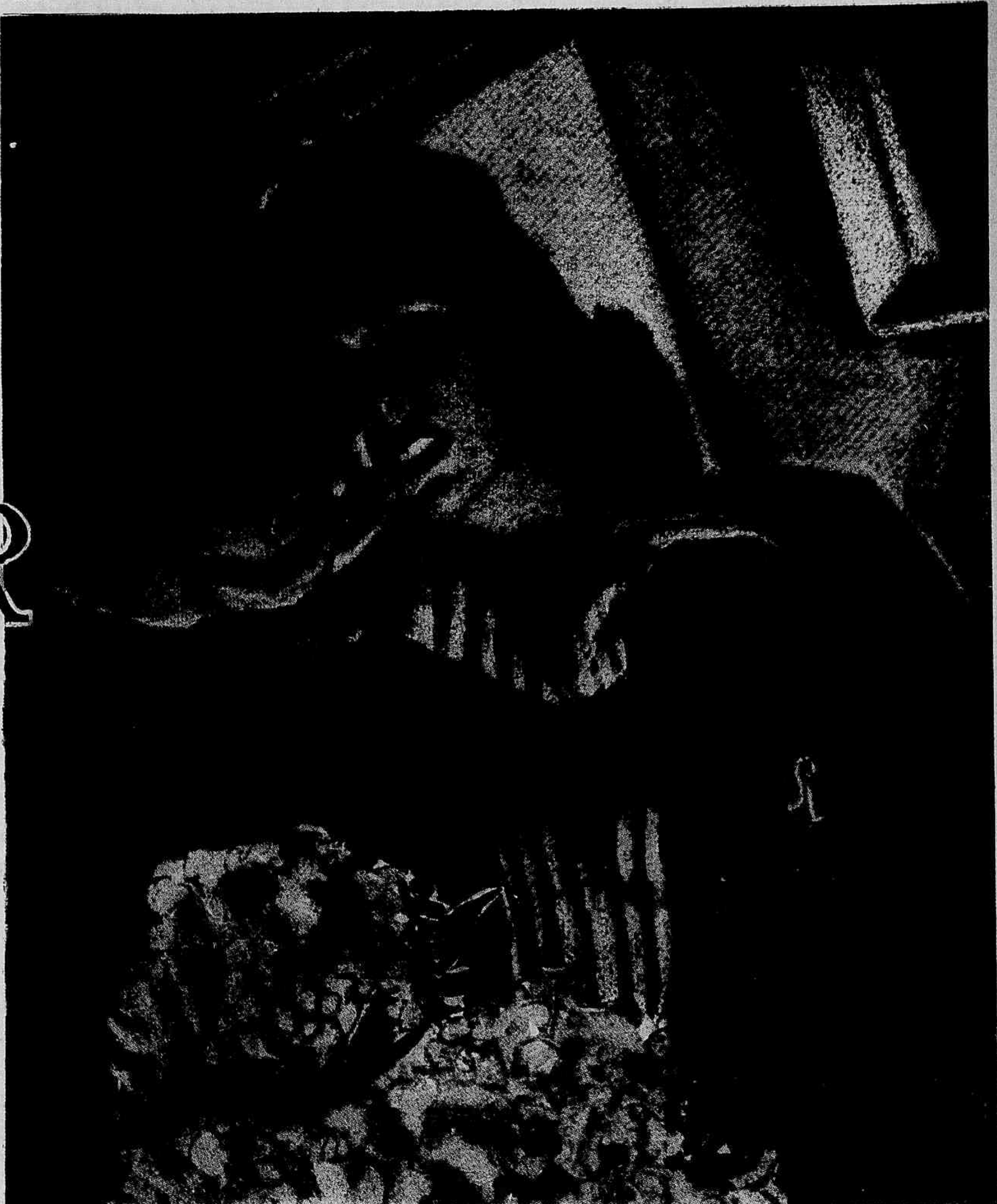
Assadas no espêto.

Aperitivo desnecessário.

RALIL

SEM DEIXAR VESTÍ- GIOS

• ALICE
CAMPBELL



(Novela traduzida do inglês especialmente
para a REVISTA DA SEMANA)

Emergindo do nevoeiro espesso, ela esgueirou-se com um ar de alívio para dentro do vestibulo do cinema, que era um refúgio tépido, vagamente iluminado. Uma cauda de vapor úmido seguiu-a através da porta, recordação obsessiva do mundo que havia deixado para trás. O rosto formigava-lhe da frialdade, porém não sentia frio. Estava mesmo um tanto esfomeada pela pressa.

— Ainda há cadeiras de dois shillings e quatro pence? — perguntou no guichê, por hábito, pois essa noite estava perfeitamente disposta a pagar três shillings e seis ou mesmo cinco shillings e nove pence.

— Ainda há uma porção de dois-e-quatro, madame. Um tempo destes é o único que atrapalha nosso negócio — informou-lhe a moça, e enfiou pela abertura uma entrada azul.

Ela entregou meia coroa. A despeito da temperatura, trazia as mãos sem luvas, a fina aliança de casamento pendendo frouxamente no dedo. Distraidamente apanhou o troco.

— Sim, é um nevoeiro horrível, não é? Mas desconfio que de manhã terá passado.

O porteiro reconheceu-a e sorriu, tocando no boné. Mais de uma vez havia conversado com ela, em noites concorridas, enquanto ela esperava um lugar. Era quando havia trabalhado até tarde e vinha diretamente do escritório. Os filmes ajudavam-na a dormir, quando estava muito cansada, assim lhe dissera ela. Não parecia ser muito forte, embora fosse muito viva. Tratava-se duma senhora, pois não, uma senhora bem decente. Ele via muitas de outra espécie, para não notar a diferença.

— Se a senhora tem pressa, está na hora justamente de começar a fita principal — informou-lhe, mantendo aberta a porta de entrada.

Na sala escura e fumacenta ela tateou procurando uma cadeira, mal podendo distinguir a faixa de luz da lâmpada do empregado. Uma vez sentada, afundou com um profundo hausto, fechando os olhos. As mãos, repousando sobre a bolsa, cruzaram-se com força.

II

Como estava cansada! Cansada demais para poder repousar... O chefe tinha razão, precisava realmente tomar um descanso completo, ir para qualquer canto. Bem, afinal talvez pudesse arranjar isso. Agora podia deixar Martin em segurança, por um par de semanas. Ada poderia tomar conta dele e ver que ele acordasse a tempo de ir para a

escola. Ele agora estava um rapazinho já grande, com quatorze anos, bem alto para a idade. Alto e forte, como... Não importa, os olhos pareciam com os seus. Havia nele qualquer coisa do pai dela. Só de raro em raro percebia um vislumbre de qualquer coisa desagradável, inquietante — aquela coisa impiedosa e infantil de que havia aprendido a desconfiar. Graças a Deus, ele havia perdido aquilo, ficara para trás.

Forçou-se a tomar longos e regulares haustos respiratórios, a ficar tranquila. Era isso mesmo, devia ficar tranquila. Estúpido ter de repetir que não havia razão para se preocupar, que não havia necessidade de se atormentar. Naturalmente, se tivesse ido direto para casa ficaria estirada sem dormir horas e horas, os nervos em pontá. Não valia a pena. A música acalmava-a. Aquela tensão era da Sinfonia do Novo Mundo, doia um bocado, mas que tema harmonioso e gentil, embalando a gente numa sensação de segurança. Dvorak colhera-o dos negros americanos. "Swing Low, Sweet Chariot" — era isto. Outro dia Martin estava assobiando isto mesmo, sem saber o que era. Tão apaziguante, tão... Os pensamentos levavam-na longe. Uma vez mais se achou rígida, apertando a bolsa com dedos de aço. Vamos, nada disso! A respeito de que era o filme?

Por um momento fixou os olhos na tela, com uma vontade determinada. As passagens da película chispavam despidas de significação, enquanto através delas estava vendo outras cenas, frescas na memória. Nervos, nervos! Com um esforço, libertou-se, procurou dirgir a imaginação. Se devia pensar, era preciso ter algum propósito. Um novo artigo, um ponto de vista que pudesse transformar em dinheiro.

Fleet Street, os escritórios escuros... Que porção de bobagens fatigantes havia apreendido ultimamente! Quem no mundo ia ler aquilo? "Pudins para os meninos na fase de crescimento". — "Livros que formam o futuro". — "Equipamento para as férias na Suíça" — como se ela entendesse alguma coisa de tais assuntos! Suíça, Suíça... aí estava uma idéia. Por que não adiar suas férias e levar Martin para Murren? Fazia dois anos que ele vinha falando nisso, apenas ela andava muito apertada. As brancas amplidões cheias de sol, os frios cimos remotos dar-lhe-iam a placidez que desejava, aplacar-lhe-iam o espírito conturbado. Amanhã iria apanhar alguns daqueles folhetos fascinantes, ela e Martin haveriam de esmiuçá-los, juntos.

III

De repente endireitou-se. Não, amanhã não. Em que estava pensando? Haveria muito o que fazer. Na próxima semana, talvez... Onde estava ela? Oh, sim, em Fleet Street. Que dia aquele! Não fôra capaz de terminar. Depois aquele nevoeiro, aquele "fog" tremendo. Fôra por isso que viera andando o tempo todo, em vez de se confiar a um ônibus. Passo a passo pelo caminho. Pois não, deveria ter gasto dez minutos para atravessar

Trafalgar Square! De qualquer modo eram... a que horas tinha entrado naquela confeitaria cheia de gente? Era... eram oito horas exatamente, havia reparado no relógio. Como haviam demorado em servir! Era incrível que fosse preciso esperar tanto para des-pachar uma coisa tão simples como dois ovos estalados e uma xícara de chá. Quantos pedidos desses a garçonete teria de atender no correr duma noite? Ela havia se sentido como fazendo parte duma horda, como se tivesse perdido a identidade e fosse obrigada a ter uma etiqueta com um número.

Dolorosamente, com atenção concentrada, prendeu-se nesses detalhes, visualizando cada passo de seu difícil avanço através do tráfego escurecido — de Fleet Street à confeitaria, da confeitaria até aqui. Era curioso como, ao tomarem forma definida, essas coisas a traziam ao chão sólido da normalidade, dispersando o tumulto de fantasias que a vinham atormentando. Era uma prova de que sua vontade era forte, que era capaz de se controlar perfeitamente. Quando chegasse em casa, devia tomar um pouco de leite quente e talvez uma aspirina. Depois dormiria pesadamente e acordaria descansada e pronta para prosseguir...

Quando saiu do cinema, o "fog" havia atenuado um pouco. Era possível ver os edifícios do outro lado e mesmo os grotescos ônibus rodando por Tottenham Court Road, comodamente cômicos do itinerário. Na esquina tomou um, n.º 19, que a levaria, sem ser preciso mudar para outro, a Paulton Square. Reanimada e acalmada, agora, começou a tentar com uma viva emoção expectante as despesas prováveis com as férias na Suíça. Naturalmente — e por um segundo o medo lhe constrangiu o coração — podia acontecer alguma coisa que lhe transtornasse o projeto; todavia não fazia mal em planejar. Não alarlar nada a Martin por enquanto, para o caso de uma decepção.

Com a chave de sobressalência, entrou na pequena casa, ligou a luz, relaxou os olhos pela sala de jantar. Estava quente e acolhedora, os carvões na lareira brilhavam rubros. Na mesa havia um prato de sandwiches e uma garrafa térmica, deixados por Ada, caso ela não tivesse nada para comer. Ada era boa! Devia ter cuidado para não acordá-la.

Espertou o fogo até fazer uma chama alegre, pois queria fazer uma coisa antes de ir dormir. Mas, ainda não era agora. Tiraria a roupa e iria escutar para ver se Martin estava dormindo.

— E' você, Mamãe? Ouvi você entrar.

Era a voz sonolenta do garoto chamando-a, quando ia subir as escadas. Abriu a porta do quarto dele, docemente.

— S'shiu... você devia estar dormindo. Falta um quarto para meia noite!

— Eu estava dormindo. Escute, venha cá um momento. Acenda a luz.

IV

Ela assim fez e a iluminação revelou um montão desarrumado de livros e roupas, entremeados pelos fios de um rádio construído em casa. Da cama espiava um rosto corado pelo frio, os olhos azuis piscando na luz súbita, por baixo de louros cabelos emaranhados.

A primeira observação que ela fez foi uma coisa maquinal.

— Martin! Sua roupa nova do colégio... tudo atirado numa cadeira, e Bildad dormindo em cima!

Um pelo-de-arama, jogado de seu coxim, rastejou para o chão e ficou procurando um refúgio com um ar de queixa.

— Desculpe, mamãe! Eu sempre penduro a roupa, mas esta noite fiquei tão interessado, escutando o rádio, que esqueci Bildad. Sem vergonha! Venha cá!

Fez um lugar para ele, convidativamente, porém o cão, ofendido em seus sentimentos mais profundos, havia se metido debaixo da cama.

— Por que você não veio jantar em casa? Foi ao cinema? Felizada! Sim, e que foi que você viu? Foi bom?

Ela sorriu e se sentou na cama, alisando os lençóis desalinados.

— Deixe-me ver... qual era o nome? Você sabe que memória eu tenho para os títulos. Era naquela pequena com o...

— Onde você foi? Marble Arch? Oh, que cinema cacete! Você deve ter visto Rita Bolo em "Asas quebradas". Pura porcaria. Por que é que você não vai assistir a um filme de verdade?

— Bolo... sim, é esse nome mesmo. Uma coisinha loura, de cachos, como os de Bubbles.

Ele olhou para ela com escárnio.

— Rita Bolo? Você está comendo mosca. Ela é a pequena morena, de olhos grandes, que cai dum aeroplano dentro d'água. Escute, você estava dormindo?

— Não de todo. — Riu, desculpando-se. — Eu estava muito cansada para prestar muita atenção. Apenas deixei o tempo passar.

Tirando o pequeno chapéu de feltro, enfiou os dedos pelos cabelos, afastando-os da testa. Os cabelos eram louros e macios, um nimbo a emoldurar-lhe as feições delicadas e a atenuar-lhe o ar de séria compenetração. Ele examinou-a com aprovação minuciosa.

— Gosto mais de você sem chapéu. Você está mesmo cansada. Teve um dia aborrecido?

— Muito.

— Tola! Eu bem lhe digo — falte ao escritório amanhã e fique na cama. Você devia ficar mesmo, falando sério. Ninguém repara.

— Não é tão fácil, meu bem. De manhã eu estarei perfeitamente.

Ele deu um muchocho.

— Eu não gosto de ver você trabalhando deste modo. Você não era assim. Isso não parece direito... Eu resolvi uma coisa. Não vou entrar em nenhuma universidade, você diga o que quiser. Assim que tiver acabado os estudos nessa escola — faltam quatro anos — vou procurar um emprego. Quando fizer vinte anos quero estar ganhando a minha vida e também ajudando você.

Ela sorriu, o rosto pequeno e calmo adoçando-se maravilhosamente. Estendeu a mão e lhe tocou na face.

— E' mesmo, Martin? Bem, veremos. Talvez não seja necessário.

— E' o que estou dizendo, você não pode impedir-me. — Repuxou os punhos do pijama, uma espécie de hesitação embaraçosa dominando-o. — Mamãe... que é que você acha? Hoje vi papai novamente. Com esta foram três vezes nesta semana. Fiquei admirado!

Ela retesou-se repentinamente, os olhos que um momento antes haviam parecido juvenis endurecendo com uma chispa de aço. No entanto, a resposta que deu foi alegremente despreocupada.

— Sim? Onde?

Ele não levantou os olhos.

— Ele estava esperando por mim, quando eu sai de Victoria Station... Deixe dizer, mas ele é admirável, não é? De fato... Eu tinha esquecido como ele era... Diferente, não sei mesmo porque... Não tem nada parecido com os pais dos outros meninos. Esses são tão sérios, tão... ao passo que ele é sempre alegre, rindo a respeito de certas coisas que os outros não percebem nunca. E' divertido estar com ele, dá uma animação, não sei como. Você compreende, tudo fica vivo e amalucado. Não sei explicar bem o que eu quero dizer. Você alguma vez achou que ele fosse assim? Antes dele ir embora?

— Oh, sim, pois não. Ele era... assim mesmo.

Correu os dedos pelo chapéu, conformando-o cuidadosamente.

— Ele me levou de taxi a Rumpelmeier. Tomamos um chá simplesmente adorável, com toda espécie de bolos, alguns com aquele negócio pardo por cima. Como é que você chama? Oh, sim, "marron". Foi estupendo. Depois ele foi ao Hamley, noutro taxi, para olhar os modelos de iates. Oh, que beleza! Eles navegam perfeitamente. Ele me prometeu um, assim que eu resolver de que espécie quero. Ele vai andar no barco comigo.

Vai ser divertido! Andamos acima e abaixo, até as sete horas, depois ele me levou até ao trém subterrâneo, porque tinha um encontro marcado. Deu-me uma libra. Não foi o cúmulo, da parte dele?

— Foi, sim, não o há dúvida?

— Ele agora não precisa mais viver no sul da França, está com a saúde muito melhor. Ele disse que vai alugar um apartamento dando para Park Lane, e eu irei lá uma infinidade de vezes, quando estiver pronto. Vai ser uma maravilha — tudo em côres modernas, com grandes espelhos e quadros nas paredes. Quasi não vai ter cadeiras, mas apenas grandes divãs e uma quantidade de almofadas, como se usa na alta sociedade. Parece estranho, você não acha? Não eslou certo de gostar disso, mas ele diz que eu gostarei... Mamãe, por que foi mesmo que papai foi embora? Foi coisa de nervos dele?

Houve uma pausa infinitesimal, antes que ela respondesse.

— Um pouco de nervos, creio, Martin. Como você diz, ele é... diferente.

Ele acenou que sim, com um lampejo de compreensão.

— Eu sei. Ele não pode suportar certas coisas, não é? No entanto, está sempre rindo.

Quando eu lhe disse como era ruim para latim ele achou que era uma pilhéria formidável... Disse muitas outras coisas bem esquisitas. Por exemplo, disse que seu jornal é uma droga e que ninguém de seu conhecimento já o leu alguma vez. Disse...

— Meu bem, é muito tarde, você não vai querer acordar de manhã. Deixe-me acomodá-lo para que você possa dormir.

Como ele era criança, apesar de seus modos protetores e dos músculos rijos que era seu orgulho exibir! Um rapaz dessa idade era ainda transparente. Com uma mocinha nunca se sabe o que fica sob a tranquila superfície.

— Está certo, mamãe, um segundo para lhe contar. Ele disse... Que é isto? Não é a campainha da rua?

Ela havia se assustado ligeiramente. Da cozinha, lá em baixo, soava um apelo fraco e persistente. Ambos escutaram, alertas.

— Quem será que vem aqui a esta hora da noite? Devo ir lá em baixo ver?

Ele estava quasi saltando da cama, porém ela o empurrou para trás.

— Não, você vai se resfriar. Eu vou ver.

Agrarrando o chapéu e a bolsa, desceu para o hall, correu a corrente e abriu uma fresta na porta. Da treva úmida uma voz profunda dirigiu-se-lhe, formalizadamente.

— Mrs. Clavering mora aqui?

Ela abriu a porta um pouco mais, espiando para fora.

— Eu sou Mrs. Clavering.

V

Dois policiais corpulentos alçavam-se acima dela, no patamar. Um consultou uma tira de papel que mantinha na mão.

— Mrs. Hubert Clavering? — indagou lentamente.

— Pois não. Que é que os senhores querem?

Os dois entreolharam-se e o que havia falado temperou a garganta.

— Talvez fosse melhor entrarmos, madame.

— Naturalmente, entrem.

Grandes e desajeitados, com a cara solene, olhavam para ela, dentro da luz. Ela franziu as sobrancelhas interrogativamente.

(Continúa na página 47)



CREME DE BELEZA ORIENTAL

Não é gorduroso, e, por suas qualidades emolientes e refrigerantes, embranquece, amacia e assetina a cutis, dando-lhe a trans-parencia da juventude.

O uso diario deste creme evita as espinhas, cravos e manchas da pele, combatendo os efeitos nefastos do ar do mar e as queimaduras do sol e do frio, eliminando o brilho oleoso do nariz.

A VENDA EM TODO O BRASIL



Chesterton

Manuelto Kohnen, O.F.M.

Alvaro Lins publicou, há poucas semanas, numa de suas habituais crônicas no "Correio da Manhã", a seguinte nota:

"Chesterton não tinha o temperamento do ortodoxo. Causa surpresa que se haja tornado o campeão do conceito de ortodoxia contra o de heresia. Era isto, no entanto, uma manifestação da sua força de contradição, do seu espírito herético. Adotou a ortodoxia porque o seu tempo estava dominado pelas heresias: adotaria hoje, talvez, a heresia contra os modernos e duros conceitos de ortodoxia. Chesterton era uma figura típica de anti-moderno, no sentido da expressão de Maritain, o que representa a modernidade, a maneira pessoal de ser moderno, do espírito original e inconformista".

Chesterton é, conforme as anotações de A. Lins, um simples homem dominado pelo espírito da contradição. "Adotou a ortodoxia porque o seu tempo" — Chesterton faleceu em 1936 — "estava dominado pelas heresias". E a metamorfose veio repentinamente: "adotaria hoje, talvez, a heresia contra os modernos e duros conceitos de ortodoxia". Será que a ortodoxia se transformou, de 1936 a 1943, tão radicalmente? Ou não é o conceito da Ortodoxia, na essência, um fenómeno sobretemporal? A Ortodoxia do primeiro século do cristianismo não difere, essencialmente, em nada da Ortodoxia "moderna". Existiu, existe e existirá apenas e exclusivamente o dilema: ou Ortodoxia, ou Heresia. E Chesterton veio da Heresia à Ortodoxia. Mas este "Retorno à Ortodoxia" foi simplesmente um ato de contradição, de teimosia, de acaso ou, antes de tudo, da Graça misericordiosa do Eterno? Com outras palavras: podemos entregar a vida e obra de Chesterton à interpretação casualística, desvirtuando-as, ou haverá uma interpretação acima das ligeiras anotações jornalísticas? A resposta nos dará um simples resumo de um dos mais sérios estudos sobre Chesterton, do autor de K. Pflieger: "Chesterton, o aventureiro de Ortodoxia" (Vol. VII da Coleção "Presença", ed. pela STELLA Editora, Rio) e a citação de alguns trechos do depoimento de Chesterton sobre a sua volta à Ortodoxia (Veja: "Retorno a Cristo", II, Vol. III da Coleção "Presença", STELLA Editora, Rio, p.5-16, passim).

O pequenino e gracioso livro "Chesterton, o aventureiro da ortodoxia", é talvez um dos mais profundos estudos do fino crítico literário Pflieger.

Gilbert Keit Chesterton — quem não gostaria dessas três palavras sonoras?

Mas traçar — diz Pflieger — o perfil estuante de vida do homem que traz este nome, desvendar o centro pessoal de humanismo intensíssimo que sob este nome lavra como um incêndio na sua pátria inglesa, esboçar um arremedo sequer deste magnífico fenómeno é uma acrobacia medonhamente difícil, de que uma única pessoa quicá seria capaz: o próprio Chesterton.

A maioria dos homens vê o mundo através de óculos. Chesterton o vê sem óculos. Ele vê que Spengler, Shaw, Nietzsche, Wells, Maeterlink e outros têm a culpa de que a nossa vida se tornou literalmente treloucada. O autor de "Father Brown" acha que a ciência é feita para o homem e não o contrário.

Logicamente torna-se advogado do homem que é feito para a vida, para a vida legítima, reta, radiante, sempre maravilhosa, quer na miséria, quer na morte.

O tema eterno de Chesterton é o HOMEM, para não dizer o Filho do Homem: Cristo! Por isso o escritor da "Orthodoxy" retornou a Cristo dentro da Igreja Universal.

E' de estranhar como este homem de mentalidade espantosamente correta, bucólica, prática, acentua o primado do espírito. A essência de Chesterton e do homem chestertoneano é o "homo religiosus", que não pode existir sem religião.

Tornou-se — na linguagem de Pflieger — o aventureiro da ortodoxia, porque ortodoxia e vida são idênticas. Para o biógrafo de "St. Francis" foi uma das descobertas mais sensacionais que no flagrante da vida moderna, hoje e aqui, concreta e palpavelmente, se verifica que o cristianismo é a mais moderna de todas as coisas. Eis a aventura espiritual mais básica de sua vida. — E Pflieger mostra ainda o místico que vive no amago da vida e obra de Chesterton. Não é visionário como "Bloy", "Gide", "Soloviev", mas tem a visão e tendência da necessidade da união com Deus. Simplesmente maravilhoso é este estudo sobre Chesterton!

Chesterton mesmo afirma que sua volta ao Cristo — à Ortodoxia Personificada! — foi determinada por motivos "paradoxais, mas não contraditórios". Já em 1918 apareceu sua apologia em defesa da fé católica sob o título: "Orthodoxy" e só em 1922 retornou publicamente à Ortodoxia. Sobre este retorno escreve o grande inglês:

A pergunta: — "Por que sou católico?" é muito diferente destouta: — "Por que me tornei católico?" Os motivos são cada vez mais numerosos, e só se apresentam depois de o primeiro deles já nos haver levado à realização prática. Tão numerosos e tão diferentes são eles que o motivo primordial chega a se nos afigurar secundário ou destituído de importância. Seu grande número, entretanto, depressa se funde num só.

Certos agnósticos, entendidos em arte, gostam de verificar, não raro com bastante auto-suficiência, o que há de antigo e o que de renovado numa catedral ao passo que o católico procura saber, antes de mais nada, se ela foi renovada e se está em condições de novamente servir de catedral.

Todo o meu edifício da fé semelha uma catedral — demasiadamente grande para ser descrita até aos pormenores. Sim, dificilmente posso precisar a idade das diversas pedras. Creio, porém, poder afirmar que aquilo que, primeiro, me atraiu para o catolicismo afinal de contas me deveria ter detido ou afastado. Acho que mais de um católico deve seus primeiros passos a Roma à amabilidade do falecido sr. Kensit (O sr. Kensit, um pequeno livreiro da City, conhecido como protestante ferrenho, organizou em 1898 um bando que penetrava sistematicamente nas igrejas ritualistas para estorvar o culto divino. Morreu em 1902 em consequência de feridas recebidas num desses assaltos. A opinião pública virou-se, depressa, contra o sr. Kensit. Com a expressão "Kensitite Press" designam-se, na Inglaterra, as piores folhas eclesiásticas anti-romanas, a que faltam todo e qualquer bom senso e toda boa vontade).

Recordo-me, com particular nitidez, de dois casos em que as acusações de autores sérios me fizeram justamente simpatizar com o que eles condenavam.

No primeiro caso mencionavam Horton e Hocking, tremendos e apavorados, uma terrível blasfêmia que haviam encontrado num místico católico sobre a santíssima Virgem: — "Todas as outras criaturas devem tudo a Deus, mas a ela o próprio Deus deve gratidão". Estremeci como que sob uma clarinada e disse quase em alta voz: — "Quão maravilhosamente isto está dito!" Parecia-me que o incrível da Encarnação — contanto que se entenda bem o místico — dificilmente poderia ser exprimido melhor ou mais claro.

No segundo caso, estigmatizou alguém da "Daily News" (da qual também eu fazia parte), como exemplo típico do formalismo morto no culto católico, o seguinte fato: a alguns soldados e operários, que só mortos de cansaço podiam vir cedo à igreja, um bispo francês dissera que Deus se dava por satisfeito com a sua presença corporal e lhes perdoava o cansaço e a distração.

Mais uma vez disse a mim mesmo: — "Que boa porção de bom senso tem essa gente! Se alguém corresse dez milhas para me prestar um favor, eu lhe seria grato mesmo que, de cansaço, logo adormecesse perto de mim".

Assim, poderia citar outros exemplos idênticos, daquele primeiro tempo em que os incipientes e fracos movimentos da minha fé católica eram praticamente alimentados só por escritos anticatólicos. Não tenho a menor dúvida sobre o que se seguiu a esses primeiros movimentos. E' uma dívida que, quanto melhor a conheço, mais desejo saldá-la. Até muito antes de encontrar os dois homens eminentes a quem muito deve neste sentido: o rev. John O'Connor de Bradford e o sr. Hilaire Belloc, comecei a progredir neste rumo, e isso sob a influência do meu habitual liberalismo político, no próprio baluarte da "Daily News".

Tentarei assinalar um ou dois pontos que me impressionaram sobremaneira.

Há, no mundo, bem uns milhares de qualidades de misticismo, capazes de fazer enlouquecer um homem. Mas há uma só qualidade capaz de colocá-lo num estado normal. Certamente, a humanidade não suportaria muito tempo sem mística. Mesmo as primeiras sílabas estridentes da voz gélida de Voltaire acharam eco em Cagliostro. Nos tempos atuais tornam a espalhar-se entre nós a superstição e a credulidade com tamanha rapidez que, em breve, estarão lado a lado o agnóstico e o católico. O católico será o único homem que, com razão, se poderá caracterizar como racionalista. Começou a mesma dança de mistérios pelos fins da Roma pagã, a despeito de todos os intermezzos céuticos de Lucrécio ou Lucano.

Não é natural ser materialista, nem dá uma impressão natural. Não é natural a gente se contentar com a natureza. O homem é um místico. Nascido como místico, quase sempre morre como místico, sobretudo quando ele é agnóstico. Enquanto, porém, todas as sociedades humanas, cedo ou tarde, percebem este pendor para coisas extraordinárias, devo lembrar que apenas uma delas leva em conta as coisas quotidianas ou prosaicas. Todas as demais deixam de lado o que é prosaicamente quotidiano ou desprezam.

Muitos sinais místicos já fizeram estremecer o mundo. Mas um só o conservou: o santo está colocado ao lado do homem simples; o peregrino manifesta caridade à família; o monje defende o matrimônio. Entre nós, o melhor não é inimigo do bom. Toda outra revelação visionária degenera, no fim das contas, esta ou naquela filosofia inhumana, em simplificações destrutivas, em pesimismo, em otimismo em fatalismo, em nada e mais nada, em absurdo!

Livros Novos

GUMERCINDO SARAIVA NA GUERRA DOS MARAGATOS, de Castilhos Goycochéa — Rio de Janeiro, 1943.

"Gumercindo Saraiva — diz o sr. Castilhos Goycochéa numa nota preliminar — não me seduziu por ter defendido o parlamentarismo de Silveira Martins ou combatido o presidencialismo de Júlio de Castilhos, mas por haver sido uma expressão viva da raça que se formou no Rio Grande do Sul, notadamente na fronteira com o Uruguai e com a Argentina, cujo ambiente, no fim do século passado e no começo da centúria em meio, ainda permitia manifestações cívicas como a Revolução Federalista".

Foi por esse motivo, nesse sentido e não em razão de qualquer "proselitismo" que o historiógrafo sempre concienzoso e esmerado procedeu ao estudo da pessoa e dos feitos do famoso caudilho do Sul. E a sua obra tem hoje, acima de tudo e como sem dúvida foi seu objectivo, o valor da revelação. Em verdade, Gumercindo Saraiva era conhecido e falado em condições bem diversas das que por estas duzentas páginas se demonstram. Em princípio, o que dele constava não lhe era favorável. Ao tempo da sua acção de político e de guerrilheiro, não tinha defensores nem os podia ter nos órgãos mais ou menos orientadores da opinião. Prezávam-no os seus soldados, estimavam-no os seus correligionários e porventura todos os que pessoalmente o conheciam; mas as notícias que os jornais à distância espalhavam e as noções que, entre o inimigos mesmos dos poderes por ele combatidos, corriam de boca em boca só, por assim dizer, envolviam atrocidades e anedotas. A imprensa em geral, e ou convicta ou pela força das circunstâncias, estava do outro lado da barreira.

Ora o livro do sr. Castilhos Goycochéa vem não apenas, segundo a velha formula, restabelecer a verdade dos fatos mas também reconstituir uma individualidade moral que esta geração recebera desfigurada, desnaturada. Para isso o escritor tratou, paciente e escrupulosamente, de se informar fóra das coleções de gazetas e dos arquivos oficiais. Buscou as verdadeiras origens da Revolução Federalista, "fenômeno gaúcho", invocou os testemunhos, tanto quanto possível se aproximando de cada episódio e cada personagem. E, com a sua "maneira" franca, directa, sempre clara, nos oferece agora uma página de

História em que há — como nem sempre na História se verifica — um ato de independente e sã justiça.

CANTOS DE AMOR AO CÉU E À TERRA, versos de Emílio Kemp — Porto Alegre, 1943.

Emílio Kemp foi uma das figuras mais brilhantes, vivazes e simpáticas da roda literária do Rio. No seu tempo ainda havia uma roda só, sem se levar em conta algum novelista ou poeta isolado, à côté. Não era como hoje que ha muitas — ou nenhuma.

Na família das letras, entre velhos ou moços se mantinha uma intimidade, uma solidariedade quasi perfeita. Todos se conheciam e mais ou menos se amavam. Emílio Kemp gosava de todas as estimas. O seu belo espírito triunfava como a generosidade do seu caráter. Falava com entusiasmo extremo dos empreendimentos ou campanhas de arte que iam surgindo, como se de cada vez estivesse em jogo uma grande aspiração sua, o destino da sua vida.

A vida, que tem de atender a outras questões e adotar outros ideais, levou Emílio Kemp do Rio de Janeiro. Deu-lhe outras ocupações, que não propriamente a de fazer versos. Mas o poeta continuou o mesmo. Ou, antes, pelos tempos aquém caminhou e subiu sempre, cada vez com intuição, mais nobre e mais veemente amor às formas de expressão. Além dum romance e dalgumas comédias, tem nos dado boa meia dúzia de livros de versos. Aqui temos o último. Nele Emílio Kemp percorre as fases do seu grande sonho. E por um momento — o primeiro no livro — pensa que o sonho terminou:

*O' meus dias de sol! Dias felizes
Em que penduro a um ramo de arvoredo
A minha harpa que o vento enche de cantos!
Brilhai, dias de sol! Dias fecundos
Que neste fim de vida inda se enfloram
E os seus recores de festivas cores!
O' meus dias de sol! Dias felizes:
Guardai, da voz do vento remexendo
Na harpa suspensa ao ramo de arvoredo,
Estes cantos de amor ao céu e à terra.*

Mas em homens do temperamento e do sentimento de Kemp a poesia é, como diz aquele personagem de anedota, "vitalícia". E eis um soneto que, fazendo lembrar a forma serena dum Machado de Assis, eloquentemente nos faz ver a divina harpa sempre nas mãos daqueles que a vibraram com alma verdadeira e verdadeira inspiração.

*Não se me dá fazer, de novo, as juras
De amor, que tantas vezes já fizemos,
E às presentes juntarmos as futuras
Que no correr da vida trocaremos.*

*Mais tarde, deslembados das agruras
Que sentimos agora e dos extremos
Receios de outras noites mais escuras,
Uma por uma, a rir, recordaremos.*

*Mas não com um riso mau ou desdenhoso
Por julgarmos sem fé e sem verdade
As promessas da nossa mocidade.*

*Eu te direi, então, que o maior gozo
É na velhice ver que as juras feitas
Foram cumpridas, justas e perfeitas.*



OS BRAÇOS SUPPLICANTES, contos de Eliezer Burlá — Rio de Janeiro, 1943.

O sr. Eliezer Burlá reuniu no presente volume nove contos, nos quais decerto quiz variar o mais possível a natureza dos assuntos e os processos de narração. Vão estas histórias do puro idealismo ao realismo extremado e até, em algumas passagens, um tanto excessivo. Certos traços de observação desmedida, a todo o transe, dos quais se diria terem desaparecido das letras brasileiras, ultimamente voltaram a figurar em certas obras como elemento deveras imprescindível. Foram, está visto, os jovens escritores que os adotaram, na sua ansia de sensacionalismo, de novidade — e esquecendo que se não tratava de criação desta época ou desta geração, mas dum sistema ou modelo já usado e abandonado. O sr. Eliezer Burlá não é, em verdade, dos que mais abusam das expressões destabocadas. Não vai, como vários outros, ao ponto de pôr num livro destinado a toda a gente aquilo que não proferiria diante de pessoas por quem tivesse qualquer espécie de respeito. Não escreve aquilo que não é uso entre pessoas de educação ou simplesmente de boa índole pronunciar... Por um pouco mais, porém, iria às do cabo.

O seu estilo, qualquer que seja o motivo a desenvolver, mantém um ímpeto moço, veemente e por isso mesmo de veras simpático. Certas descrições, certos episódios flagrantes empolgam e entusiasma. Parece-nos haver no sr. Eliezer Burlá o estofo e já também o corte dum belo e vigoroso escritor. E não reconhecemos ao tempo o direito de dizer que nos enganamos.

A LENDA DUMA QUINTA SENHORIAL, romance de Selma Lagerlöf, tradução revista por Marques Rebelo — Rio de Janeiro, 1943.

E' este de certo, fóra da Suécia, ou talvez lá mesmo, o livro menos conhecido da grande escritora Selma Lagerlöf. Quando se fala deste nome ilustre, coroado da láurea, entre todas desejada nas ciências e nas letras, que é o Premio Nobel, logo se citam *A lenda* ou *A saga de Gosta Berling*, *As rainhas de Kungahälla* ou essa série de contos: *Os laços invisíveis*, em que se inclui o célebre *Tio Ruben* e outras obras-primas do gênero. *A lenda duma quinta senhorial* ou *Uma lenda senhorial* não gosa de tamanha divulgação. Por que? Não lhe falta a imaginação cativante nem a enternecedora poesia que caracterizam os trabalhos da insigne novelista escandinava.

A ação decorre, ora sentimental, ora aventureira, e em boa parte nos cenários de campo ou de floresta, que Selma Lagerlöf interpreta com especial noção do pitoresco e um sentimento do belo, seja grandioso ou idílico, que sempre se comunica à nossa emotividade. De vez em quando ouve-se o violino bucólico e tradicional que tão frequentemente aparece nas histórias e nas lendas suecas, e inspirou uma das mais formosas e comoventes páginas da escritora, *O violinista*, recentemente publicado pela REVISTA DA SEMANA. E sempre o espírito peregrino de Selma Lagerlöf vai conosco pelas páginas da *lenda senhorial*, fazendo-nos enlevadora companhia.



PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos,

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUEDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

OESTE PAULISTA

SEBASTIÃO ALMEIDA OLIVEIRA

Recanto privilegiado da terra bandeirante, fértil e acolhedora, onde se processou um dos mais impressionantes surtos econômicos de todo o país, redundando numa floração virente de jovens cidades, a região riopretana estava a exigir o aparecimento de um escritor que lhe estudasse o relevo sociológico e a aculturação do homem na gleba sertaneja.

Surgindo, agora, nas montras das livrarias, *Oeste Paulista*, de A. Tavares de Almeida, cabe-nos afirmar que se acha plenamente satisfeita essa exigência e sanada imperdoável lacuna dado que, com o evoluir dos tempos, ausência de documentário dessa espécie viria prejudicar seriamente qualquer pesquisa de vulto sobre o nosso passado agrário.

E' a nosso vêr, um dos mais sérios trabalhos que se intentou fazer até hoje, no gênero, em pleno interior brasileiro — retrato, de um Brasil desconhecido — na frase lapidada de Lins do Rego, empregando, em sua fatura, materiais puros, colhidos *in-loco*, nesta encruzilhada racial em que o mineiro — telúrico por excelência — aliado ao paulista, não menos aferrado á terra e seus primeiros povoadores, acolheram, de mãos dadas, o imigrante ádvena para nos oferecer esse milagre de fixação e acomodamento, de fraternidade e trabalho, que aqui vemos realizado.

Lidando vetustos recenseamentos, carunchosos livros de tombo, esvurmendo cartórios e devassando os segredos do pretérito, manejando estatísticas por ele mesmo empreendidas, Tavares de Almeida logrou obter esplendida vitória literaria num assunto tido e havido por todos como árido e nada atraente. Assim mais do que superficial exposição de fatos, *Oeste Paulista* trás em cada página a prova irrecusavel da teoria exposta. Acresce que, sendo a estatística apenas um instrumento de trabalho, na expressão do autor, sua leitura requer bastos conhecimentos do material que enuncia dado que os numeros não mentem jamais.

Resultante dos inquéritos e pesquisas feitas seguindo as pegadas desses homens que "se atolaram no massapé etnográfico e sofreram a sedução dissoluta e criadora dos trópicos" utilizando-nos de vigorosa afirmativa de um seu comentador, deu-nos o biógrafo de toda uma região seguro e valioso depoimento da vida estuante que nela poreja e na qual laboram etnias providas de latitudes várias atraídas pelas "botica mágica das terras novas". Aqui vivem, sadiamente, homens de todos os cantos do mundo, exclama entusiasmado o patriota que, em livro assim, de fé e afirmação, soube, com tamanha propriedade, destrinçar o complexo estrutural da sociedade, o comportamento fisiológico de cada grupo nacional, produzindo quadros interpretativos em que são analisados todos os contatos raciais dos que aqui elegeram seu *habitat*. E, manejando dessarte elementos diretamente colhidos nas fontes nativas, ponde, o sociólogo, reduzir, de muito, possíveis erros de interpretação encontrados em obras dessa natureza.

Com esses dados estudou os lineamentos da formação social e política da região: a colonização da gleba latifundiária a principio e, mais tarde, fragmentada; o espraio do rio humano a se derramar pelos contrafortes dos taboleiros fixando-se pelos vales ribeirinhos e, assim, ao lado da célula mater — Rio Preto — surgiram Mirassol, Tanabi, Monte Aprazível, Ibirá, Nova Granada, Potirendaba, Uchôa, José Bonifácio, Cedral, Palestina e Pereira-Barreto estas, por sua vèz, assistindo ao eclodir de outros núcleos demográficos — os distritos.

Poude ele assim verificar que o fusonamento étnico se processou normalmente sem tropeços e até os chamados quistos raciais, o insolúvel nipônico á frente, sofrem aqui seu natural desgaste em que pesem afirmações contrárias de impenitentes xenólobos. E com segura dialética desmentiu a propalada crença de que os *estored-men* do planalto tendem ao perecimento. Nada disso. Além de sua comprovada resistência o negro é alegre e comunicativo. Ama a dança e sua alma transborda de música, enfrentando a luta pela vida com alegria. Na sociedade sertaneja não há o preconceito de cor e assim pode ele viver e prosperar sem coações ou peias.

E, prosseguindo, perquiriu o influxo das classes liberais, do delegado de carreira, da professorinha rural, do coronel de roça, do compadre e até do curandeiro e do capanga. Mas combateu com rigor a ação nefasta do *grileiro* e de outras mazelas; desaprovou o costume do arrendamento de terras oriundo do surto algodoeiro e verberou a influência desnacionalizante do clero alienígena pouco propenso á difusão dos principios de brasilidade.

O autor fervoroso admirador de Gilberto Freire, nele banhou seu espírito extraíndo de *Casa Grande e Senzala* e outros escritos do renomado mestre, não só a técnica de trabalho como ainda o gosto pronunciado pelos estudos que tratam da formação brasileira. E não se diga que lhe são estranhos os ensaios de Roquete Pinto, Alberto Torres, Sud Mennucci, Sergio Milliet, Lins do Rego, Rubens do Amaral, Oliveira Viana e tantos outros vultos — extintos e contemporâneos — da sociologia patricia. De todos eles e dos estrangeiros com os quais tratou, compoz ele o *substratum* de sua cultura logrando, assim, apresentar-nos essa obra cíclica em que trata da experiência etnográfica e cultural, do esboço de organização de uma sociedade agrária e da experiência camponesa, obra que lhe situará o nome entre os grandes pensadores e ensaístas de nossa terra.

JÁ MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES

Prof. ARNALDO DE MORAES

3.^a EDIÇÃO

PREÇO: Cr\$ 15,00

Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



PRINCE DE GALES
UM PRODUTO
COSTA PENNA



Dois gêmeos
INSEPARÁVEIS
NOS BRINQUEDOS,
NAS MANHAS E NO
USO DO
TALCO LADY

As crianças gostam e os adultos preferem, após o banho, o Talco Lady, como complemento necessário á higiene da pele, nos dias quentes para refrescar e perfumar o corpo.



TALCO
Lady
REFRESCANTE * BÓRICO * PERFUMADO

A VENDA EM TODO O BRASIL

A função dos acentos em português

Obra em que BRITO MENDES explica, com a máxima clareza, a maneira de acentuar os palavras em português, de acordo com a ortografia fonética oficialmente adotada e trazendo anexo o formulário ortográfico da Academia Brasileira de Letras.

PREÇO: CR\$ 4,00 — PEDIDOS À

Livraria-Editora Zelio Valverde

Travessa do Ouvidor, 27 — Caixa Postal 2956 — Rio
Remessas para o interior pelo Serviço de Reembolso Postal.

Elas conhecem a Glória...

♦ LEMBRANÇA DE MARK RAMPION —
NA SEARA DAS VITÓRIAS — O OBJETIVO
MAIS ALTO. ♦

Reportagem
de SARAH MARQUES
(Especial para a "Revista da Semana")

Maria Lenk se debruçava na amurada da piscina do Botafogo, à hora da aula. Era a primeira vés que eu a via. O *sport* nunca foi o meu fraco.

Mark Rampion, o personagem mais sedutor de Aldous Huxley, me incluiria, de certo, entre aquelas figuras de enorme cabeça sobre um corpo franzino de anão. Não, está claro, por excesso de massa cinzenta. Mas porque na luta pela vida, "trocando miolo da cabeça por miolo de pão", não me sobra tempo para nadar, jogar voleibol ou subir ao cume das montanhas que namoro de longe.

Maria Lenk não me pareceu, entretanto, a impressão daquelas outras criações do artista: os microcéfalos de enormes pernas e troncos gigantescos. Não. Vi-a harmoniosa, com seus ombros rétos no casaco simples e seu passo elastico nos sapatos baixos. Vi-a com os olhos iluminados de entusiasmo, com um sorriso bom para a vida. Vi-a ensinar e corrigir, acreditando veementemente que, ali, na piscina do Botafogo, na tarde cinza e côr de rosa estava, realmente, servindo à mocidade de hoje e ao Brasil de amanhã.

Os saltos das alunas na agua azul de cloro pontuavam a conversa. O rumor dos corpos adolescentes cortando as ondas acompanhavam sonoramente a palestra. Não sei quantas véses o fio do dialogo foi cortado: — "Helena, abra mais os braços! Carmen, afasta menos as pernas!" De repente um espadanar brusco de espumas nos obrigava a um recuo rápido. E foi gôta a gôta que fiquei sabendo a historia de Maria Lenk que todo o Brasil conhece e todo o mundo sportivo admira.

A ESTRELA NASCE

Há pessoas que a gloria escolhe no berço. Como as fadas dos contos antigos, chega na calada da noite, afasta os cortinados, tóca a fronte do bebê adormecido: — "E's meu!" Depois a vida rola, uma porção de cousas acontecem, o predestinado nunca pensa na gloria. Mas ela espera, paciente, numa curva do caminho. Um dia, aparece, de repente



Maria Lenk pertence aos escolhidos. Nunca pensou em nadar. Em 1930, era uma adolescente como todas as outras. Estudava. Gostava de cinema, de histórias românticas, de poesias. Anunciou-se, em São Paulo, uma competição de nado. Então, de repente, Mariazinha pensou: — “E se eu entrasse no páreo?”

Não sabia nadar. Tomou um professor. Aprendeu desde o princípio, com toda a técnica e todas as regras que procura, hoje, transmitir às suas alunas. No dia da prova foi classificada em primeiro lugar.

— “Das minhas vitórias todas, foi a mais emocionante para mim. Era a primeira. Depois, quando se é menina, todas as coisas belas da vida têm uma luz mais clara.”

— “Quantos prêmios venceu depois desse, Maria?”

— “Não sei mais. Foram muitos. Mamã guarda, em São Paulo, todos os meus troféus...”

Ela diz isso sorrindo com tanta ternura que a tarde ficou, subitamente, comovida, como se duas mãos muito suaves e muito boas de mãe passassem enternecidas e vaidosas sobre todo o ouro e toda a púrpura do poente.

OUTRAS VITÓRIAS

E' difícil para os favoritos do público determinarem por que entre muitas horas luminosas de triunfo algumas se desfazem, imediatamente, na poeira do esquecimento, e outras ficam para sempre iluminando a saudade. Maria Lenk se lembra, por exemplo com especial carinho de uma vitória alcançada em São Paulo, em 1932, numa competição exclusivamente feminina. E, naturalmente, pela grandiosidade do cenário e pela força das concorrentes, pela repercussão mundial da vitória, do prêmio obtido nos Estados Unidos.

ADMIRAÇÕES

Maria Lenk não tem essa modestia fingida e mentirosa de tanta gente que se atribue todos os defeitos para que a gente lhes dê, generosamente, algumas qualidades. Sabe que é um valor no seu gênero e no seu meio. Entretanto, não nega as virtudes alheias. Fala com entusiasmo e admiração de duas nadadoras: Helen Madison, a americana

que se sagrou campeã olímpica de nado livre em 1932 e recordista do mundo em todas as distâncias; e Willy den Onden, a holandesa que detém, agora, o record mundial de nado livre.

Em pequenos detalhes, nesta ou naquela qualidade, na graça de um gesto, ou na força de um movimento, admira algumas outras.

— E você, Maria Lenk? Que pensa sobre você mesma?”

— Sei que em natação atingi o máximo. Não poderei ir além de onde estou”.



— E quando se lembra das suas primeiras braçadas, do primeiro contacto com o frio da piscina, acha que melhorou muito?”

— Naturalmente. Entretanto, na natação, o progresso é lento e difícil. Não dá saltos bruscos.”

Observei que ninguém vê crescerem as plantas, desenvolver-se o organismo humano, amadurecerem os frutos ou florescerem as árvores. Um dia, a gente encontra o milagre simples da vida e se surpreende da própria distração.

Maria Lenk achou que eu buscava termos de comparação muito inconscientes. Para ela, a natação é uma arte.

— “Se você vir uma escultura começada, no dia seguinte não descobrirá nenhuma diferença. Entretanto, o cinzel trabalhou, roendo a pedra, desbastando a massa informe de gesso. Mas, si não acompanhar o trabalho lento do escultor, você se admirará quando encontrar a estátua acabada e perfeita. Assim, nós só sentimos que um esportista progrediu e só avaliamos a sua determinação de chegar ao absoluto quando deixamos de vê-lo muito tempo.”

OBJETIVO

— “Então, se você não pode avançar mais na natação, se não pretende mais competir em nenhuma prova, sua carreira perdeu o objetivo. Não perdeu?”

— “A carreira de recordista, sim. A minha vida, não. Eis o meu objetivo!”

Ela está mostrando a piscina azul onde os *maillots* coloridos evoluem em nados de costa, mergulhos, acrobacias. Fala com entusiasmo da sua nova carreira — professora de educação física. Não quer formar campeãs ou recordistas. Quer concorrer para a eugenia da nossa gente; transmitir às meninas de hoje a saúde e a harmonia que ela sorveu a largos tragos na luz plena do mar que em seus braços franzinos de mulher se dobra suavemente como uma fêra domada. Depois, as meninas serão mães. As crianças nascerão belas e sadias, amando o sol, adorando o mar. E' nesse Brasil de amanhã que Maria Lenk pensa debruçada sobre a piscina do Botafogo: — “Helena, erga mais os braços! Carmen, não afaste tanto as pernas!” E quando a voz da professora de hoje se tiver apagado no silêncio do Tempo, o livro que ela está escrevendo ensinará às gerações por que Maria Lenk conheceu a Glória.

ROMA

ESCRAGNOLLE DORIA

A GUERRA das guerras atual, ultra-calamitosa, enche-se de sucessos horríveis e horrisonos. Sobresaltam quantos prezim na paz a flôr da vida e a civilização como fruto. Dia e noite perde-se imensamente o capital precioso de existências, de tanto custo a dôres maternas. Perdem-se também tesouros artísticos de tanto custo a gênios, a talentos, a humildes artífices que sem assinalar de seu nome confiaram obras á gloria para admiração dos pôsteros.

Tudo em lesão enorme da humanidade e da arte, a confrangerem-se as inteligências e os corações dos seres verdadeiramente pensantes.

Participe das oscilações do conflito mundial, Roma acaba de tornar-se alvo de operações militares culminantes por bombardeios aéreos. Luto pesado ora veste o genero humano, recanto a recanto do globo. Também aos homens educados na cultura e instruídos pelas viagens, cabe o receio de desaparecimento de numerosos atestados do outrora valioso. Que será dos monumentos, das obras primas da arte, até das proprias ruínas evocadoras ante as quais o pensador, o erudito recordam, meditam e cotejam passado e presente!

Roma, no seu agora duvidoso qualificativo de Cidade Eterna, encerra para o Mundo um mundo de história, encontrável ás vezes nos mais reconditos cantos da *urbs* que ditou leis a tantas partes componentes do orbe antigo.

No decurso de sua historia, primaz na antiguidade classica, herdeira, senhora, émula da Grecia, Roma foi oprimida por flagelos, desde os da tirania e das invasões até os das calamidades da natureza ou da insanía humana. Corporificou-a entre outros Nero, duplamente ultimo: ultimo na série dos Augustos, e também ultimo dos homens.

Atribuido a Nero, o incendio de Roma, em 64 depois de Cristo, tornou-se objeto de longo estudo de Carlo Pasca!, estudo não sem muita polemica de contraditores.

Descobrir toda e bem a Roma antiga na moderna é cousa para muito tempo e muitos passos. Para conseguil-o, o visitante da cidade, que não a queira a vôo de passaro, pode valer-se de bastantes obras de erudição. Na falta das mesmas, é recorrer a bons guias de turismo, principal deles o consultado *Baedeker*. Merece mais confiança do que os guias em carne e osso de sabedoria ininitesimal, a faslificar historia para mistificação de turistas armados de binoculo a tiracolo e não de cultura e perspicacia.

Vêr e saber Roma aconselhado por quem a viu e sabe a fundo, isto não tem preço, é curso de historia falada. Para amigos o professavam, em Roma de 1911, dous evocadores de primeira ordem, ministrando ensinamentos em salteadas lições de genero diferente. Chamavam-se, já não existem ambos, Paulo Frederico Gauckler e Monsenhor Duchesne.

Gauckler era arqueologo infatigavel e militante. Dirigira o serviço de antiguidades na Africa Francesa, achava-se em missão de natureza arqueologica em Roma de 1911. O que ele sabia em materia de historia antiga...

Em 1911 ainda, á espera de cadeira na Academia Francêsa, cadeira afinal obtida, Monsenhor Duchesne dirigia a Escola de Roma, custeada pela França e de séde no palacio Farnese. A' tardinha ou á noite, Monsenhor Duchesne reunia pessoas distintas, sobretudo as que se interessavam por conversas de elevação, estas bem presididas por Monsenhor Duchesne. O que ele sabia de historia da Igreja...

Acompanhar Gauckler, de dia, atravez de Roma antiga, frequentar as recepções vespertinas ou noturnas de Monsenhor Duchesne era sem livro repassar historia romana, às vezes. A's vezes, porque a algumas visitas não se lhes dava muito tratar do passado, preferidos os dize-dize do dia, as novidades da semana. Se havia unanimidade no gosto pelo dize-dize do dia, pelas novidades da semana, ficavam de lado e bem de lado as conversas elevadas. No caso contrario trocavam-se idéas na maior liberdade e na companhia de um homem da Igreja dotado de espirito liberal. Diante dele se tratava, por exemplo, dos cultos sirios que em certo tempo pareceram, em Roma e no Ocidente, tolher caminho ao cristianismo nascente quando para ele pendiam quantos o paganismo já não contentava.

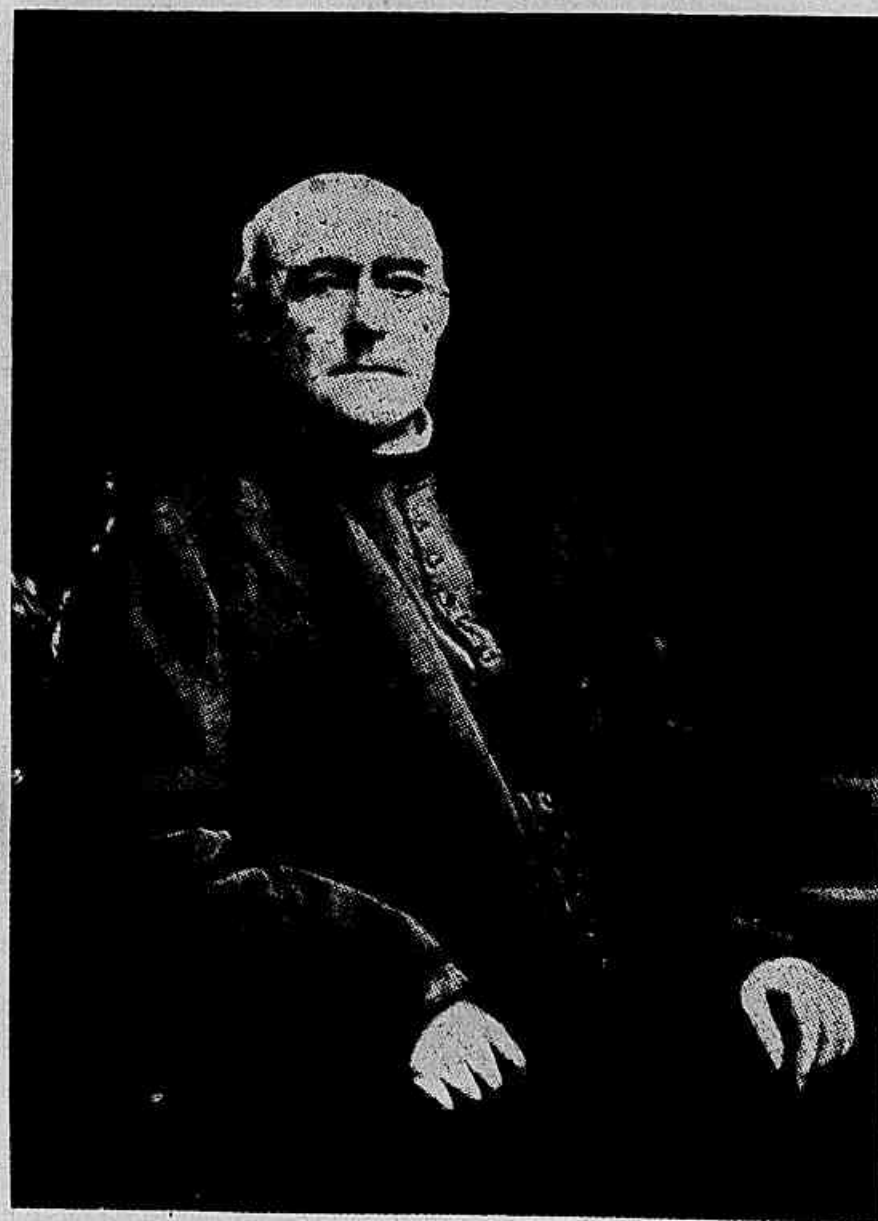
Monsenhor Duchesne e Gauckler deviam durar

pouco. A 6 de Dezembro de 1911, com 45 anos de idade, Gauckler morria, em Roma, pranteado por mestres, confrades e amigos, não lhe faltando entre estes um brasileiro. Dirá ele, com Georges Perrot, membro da Academia de Inscricões do Instituto de França, que "por muito tempo, ninguem poderá tocar na historia da Africa punica e romana sem levar em conta os monumentos que Gauckler poz a descoberto, os textos que publicou, as vistas engenhosas que semeou nos seus escritos".

Que estará agora sucedendo á Escola de Roma, em cidade ameaçada por acontecimentos cada vez mais bélicos? No Museu das Termas de Diocleciano, os banhos do imperador romano transformados por Miguel Angelo em igreja e convento, existe neste uma cabeça de Furia adormecida, e talvez despertada bem represente um certo hoje.

Quem seguisse Gauckler atravez do Forum romano, e soubesse um pouco de historia, podia dizer-se á caça de lembranças, vindas uma a uma.

Não raro o guia erudito, de tão embebido no recordar, parecia conversar consigo mesmo, enquanto descansava sobre um fuste de tombada columna. Para vêr bem o Coliseu no seu intáto, cumpria segundo Gauckler sentar-se solitario nos bancos onde se sentára um



Monsenhor Luis Maria Oliverio Duchesne, da Academia Francesa, o arqueologo bretão nascido a 13 de setembro de 1843.

povo. Acudira ao circo dos circos, onde milhares de vivos achavam gosto no convite para vêr morrer.

No Forum restos de um templo ainda punham presente o nome do templo da Concordia; magnificando tal sentimento, repellido pelo homem quando só ele lhe poderia dar um migalho da felicidade.

Na Roma de tantas memorias levanta-se uma grande memoria literaria, e se impõe na cidade: a memoria de Chateaubriand, o unico. Foi em Roma não só embaixador diplomatico como o dessa flexivel lingua francêsa á qual a sua prosa musical soube dar tanta poesia.

Em toda a obra de René, o desiludido, Roma aparece ora em hino, ora em saudade. Em *Mémoires d'Outre Tombe*, Chateaubriand triste, envelhecido, a caminho da morte, esplendidamente ainda soube dizer *Adieu à Rome*.

Nesses adeuses, Chateaubriand declara ter se dado a excavações. "Que se paga ao dono do terreno onde tesouros se acham soterrados"? E responde: "O valor da relva destruída pela excavação".

Compreende-se logo o valor de Roma no espirito do autor do *Genio do Cristianismo*, livro que sem sangue operou revolução na França desopressa do Terror e de seus cadafalsos.

O que Chateaubriand sentio nas alturas do seu

genio, experimenta o visitante modesto, mas esclarecido, prende-se em Roma ao encanto, á coexistencia de passado e do presente, o cristianismo em vida ao lado do paganismo em semi-môrte a subsistir em suas ruínas materiais.

Uma cousa é o Vaticano, outra a columna de Marco Aurelio, uma cousa é a basilica de S. Pedro outra o templo de Castor e Pollux, uma cousa o Corso Humberto I, outra a Via Appia, a lembrar quem construiu essa "rainha das estradas", o censor Appio Claudio Coecus.

Ir a Roma e não vêr o Papa é expressão vernacula a traduzir desapontamento. Quem viu o Papa viu o Homem Branco; na religião catolica é o branco rainha das côres, basta lêr os Evangelhos.

Mas não se vae a Roma sómente para vêr o Papa, sim também para conhecer quanto cristianismo se acha escrito até nos muros da cidade. As suas idades diversas assinalou-as Chateaubriand, amigo das igrejas de Roma. "Apraz-me rezar de joelhos, meu coração assim mais perto do pó e do repouso, assim mais aproximado do tumulto." Confissão do magno escritor.

Roma se enriquece com igrejas de tamanho e feitiço vários, em compendio de arquitetura em diversos capitulos espalhados e com ilustrações diferentes recomendando as lições de mestres, assim a lição de Vignole no Cesú, a igreja principal dos jesuitas, os mais visados defensores da fé.

Quem aprecie o barroco o tem por obra de Bernin na expressiva igreja de Santa Maria del Popolo, e não iremos aqui mencionar a inteira lição arquitetônica dos templos catolicos de Roma.

Não deixaremos contudo sem menção a igreja de Santo Aleixo, antes de S. Bonifacio, no quarteirão popularissimo do Aventino. A menção diz um pouco de Brasil. Ao receber de Pio X o chapéu e o anel de cardeal o primeiro arcebispo do Rio de Janeiro, d. Joaquim Arcoverde, recebeu aqueles distintivos com o titulo dos SS. Bonifacio e Aleixo.

Não só a arquitetura como também a pintura e a escultura são á copiosa representadas nas igrejas de Roma. Com seus tesouros de arte completam o tesouro-mór do Vaticano no qual a arte pagã figura com tantas obras no raso chão como nas alturas. Venha por exemplo a Sala das Sibilas, em cuja abobada as pintavam antecipando futuro por inspiração de deuses, ajuntando lhes profetas fazendo o mesmo por inspiração de Deus.

Roma é uma cidade na qual existem embaixadas e legações junto ao Vaticano e ao Quirinal ou junto ao Papa e ao rei da Italia.

Os estrangeiros em Roma têm pois quem os receba ou os defenda se preciso, os estrangeiros na cidade não se dirigem só ás suas embaixadas e legações para tratar de seus interesses como vivos. Roma possui igrejas que, por seus nomes, lembram a alienigenas as suas nações.

Não se precisa dizer a quem pertencem nacionalmente a igreja de S. Luis dos Franceses, nem a de S. Tiago dos Espanhois, ou a de S. Tomás dos Ingleses, Santo Antonio dos Portugueses, onde em 1846 pedio para ser sepultado, como foi, o visconde de Itabayana, figura no cenario diplomatico de nossa Independencia.

Nem faltam a Roma campos funerarios de sub-sólo, os das catacumbas, n'uma das quais o celebre pintor Hubert Robert esteve perdido durante dous dias, em aflição facil de conceber.

Volte-se das catacumbas ao sólo para assinalar duas particularidades de Roma, a primeira no convento das beneditinas de Santa Cecilia do Transtevere, isto é da margem direita do Tibre.

As beneditinas criam cordeiros benzidos a 21 de Janeiro, dia de S. Inez, de cada ano. A 29 de Junho o Papa benze os palios destinados aos arcebispos como insignias de sua dignidade, o palio por exceção conferido a bispos. Consiste o palio em tira estreita de lã branca proveniente dos cordeiros benzidos a 21 de Janeiro no mosteiro de Santa Cecilia.

Outra particularidade de Roma, por doação de Alexandre VI: o primeiro ouro vindo da America auri-fuge no tétó da igreja de Santa Maria Maior. E o que resta a particularisar em Roma...



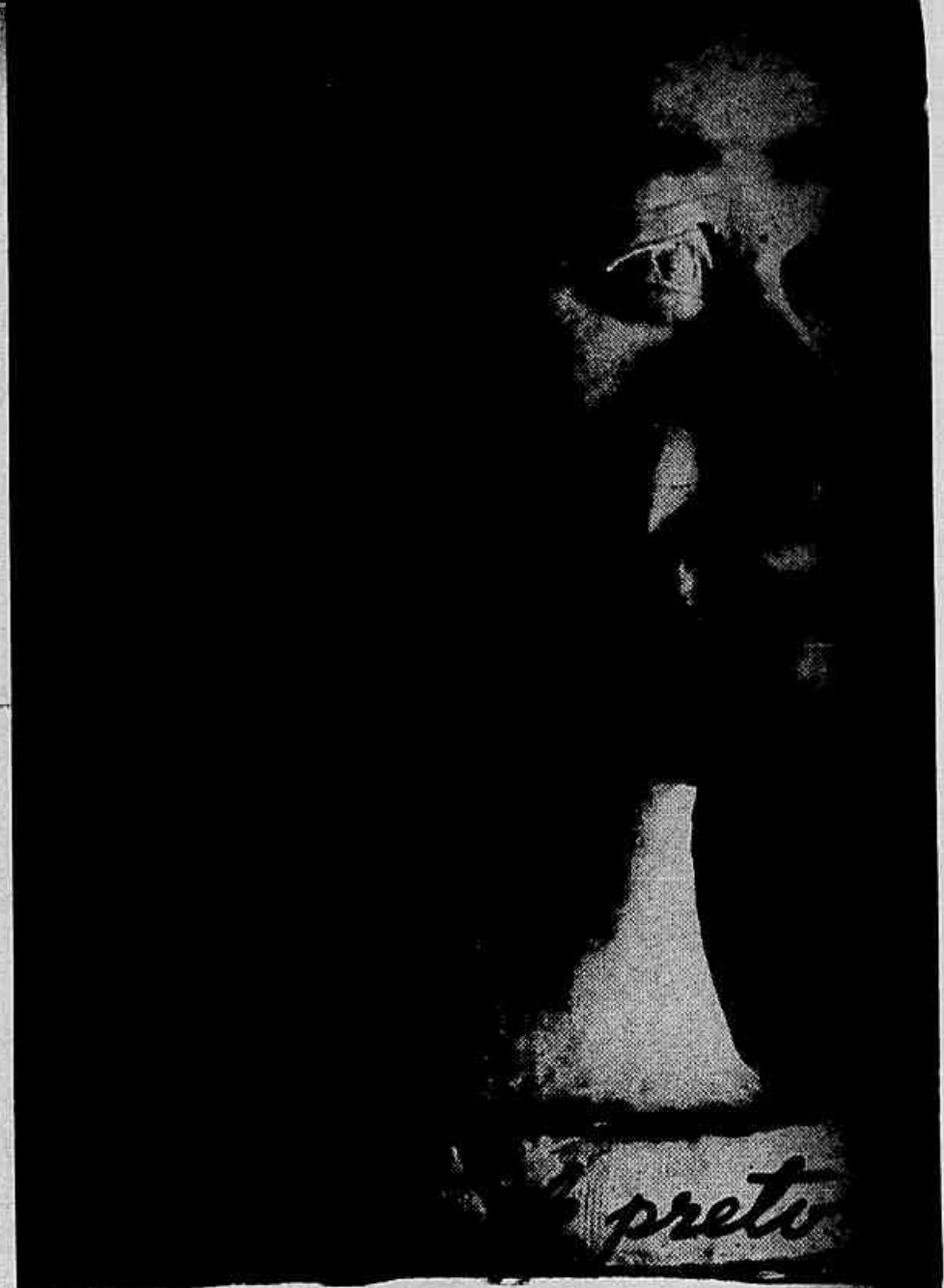
empreendimento de Flavio de Carvalho e de perto acompanhou todas as experiencias artisticas levadas a efeito, com exito indiscutivel, por aquela entidade, que visava instituir no pais o habito de pensar e libertar os nossos artistas da rotina academica.

Havia pouco chegara de uma de suas viagens á Europa. Em contacto com as elites intelectuais, cuja presenca era assinalada nos Clubes de Arte então existentes em S. Paulo, a Sra. Pola Rezende não escondia o seu contentamento em vir encontrar, entre nós, o mesmo movimento de renovação que testemunhara por toda parte onde passeara a sua curiosidade espiritual.

De sua experiencia demorada das varias culturas europeias e americanas, ela vinha aparelhada da perfeita compreensão do fenomeno artistico como atributo e expressão social de um povo.

Dotada de uma variada e rica cultura literaria, falando correntemente diversos idiomas, por intermedio deles se apropriara do conhecimento moderno.

Muita vez dava a impressão de um espirito ecletico. Ecletico era o meio em que vivia e, por isso, com certa voluptuosidade intelectual, se deixava abandonar num verdadeiro jogo floral de ideias e em tais instantes delatava pronunciada tendencia literaria e filosofica. E para desconcertar aqueles que a julgavam superficialmente um espirito contemplativo, enamorado da filosofia e da beleza pura, a sra. Pola Rezende desviava o seu espirito para outra sorte de cogitações, mostrando-se perfeitamente informada sobre os problemas mais objectivos do nosso tempo. E com espontaneidade discorria sobre economia e finanças, reformas sociais, cultura dos campos e organização rural. Espirito extremamente objectivo, partia do real para o ideal.



O ESPÍRITO E A ARTE DA SRA. POLA REZENDE

PARA os que a conheciam mais de perto não continuou nenhuma surpresa a apresentação da sra. Pola Rezende, nos meios artisticos e culturais de S. Paulo, como escultora de invulgar capacidade criadora.

A sua atuação era notada em todos os certames da Paulicéa e, onde houvesse um grupo de artistas expondo seus trabalhos ou a debater ideias, a sra. Pola Rezende estava sempre presente e se singularizava pelo *entrain* e vivacidade comunicativa com que comentava e defendia seus pontos de vista.

A sua coparticipação, em prol da arte e seus obreiros, era decisiva. Como uma rajada de luz, portadora de nobre incitamento, estimulava os que começavam e se manifestava, com comedimento e justeza, a respeito dos que já haviam firmado nome nas varias modalidades da expressão artistica.

Era inflamado o seu entusiasmo pelos movimentos artisticos que se esboçavam na Paulicéa, visando o reerguimento cultural dos nossos artistas que, sem recurso, lutavam com toda sorte de embaraços para conquistar um *climax* apropriado á eclosão das obras de arte e pensamento e vencer o indiferentismo publico pelas coisas do espirito.

Na quadra em que ali existiu o Clube Dos Artistas Modernos, conclamada, deu todo o seu apoio ao original

A efervescencia artistica que naquela época galvanizava os meios culturais de S. Paulo passara com o fechamento do Clube dos Artistas Modernos e de outras organizações do mesmo genero. Dispersos os artistas, cada um começou a tratar de sua vida, isoladamente. Dir-se-ia haver desaparecido totalmente o espirito gregario que os unira em instante tão expressivo na evolução das ideias entre nós. Recolheram-se aos seus *ateliés* (e outros a seus mocambos) e em intervalos longos reapareciam em exposições parciais ou colectivas. Estavamos em pleno periodo de agonia (agonia no seu sentido exato) da Arte Moderna.

A Sra. Pola Rezende não se colocou indiferente á margem do que se passava nem o seu temperamento em ebulição a poderia mobilizar na renuncia de seus ideais artisticos, que eram e continuam a ser ideais humanos. Individualmente não perdia o contacto com o mundo silencioso dos que trabalham e pensam pela redenção do artista.

Nas reuniões de sua residencia na Alameda Franca mostrava aos intimos os seus planos de trabalho, sempre visando a congregação dos artistas paulistas numa entidade de classe que os defendesse, estimulando-os ao labor criador. Ela artista também (sem ainda se decidir por esta ou aquela forma de expressão) estava decidida a retomar a luta.

— Como lutar? Sozinha? E nestes instantes de duvida escrevia porque encontrava no processo da escrita uma forma de disciplina e libertação. Durante um longo periodo viveu a debater-se, a procurar novos caminhos para a sua atividade espiritual. Sentia que estava sendo arrastada para uma finalidade qualquer, para uma ocupação que a absorvesse totalmente. De uma sensibilidade agudissima, o mundo exterior lhe transmitia uma mensagem dolorosa.

Sentia-se só, num deserto a debater-se com os fantasmas que povoavam o seu mundo interior. Pensou em escrever um livro de meditações sobre problemas do espirito. Redigiu os primeiros capitulos. Era um desejo vago. O seu temperamento realista não se acomodaria no mundo das coisas imponderaveis. Preocupava-se mais com o mundo das cores e das formas, com dimensão e perspectiva. E, nessa arrebatadora inquietação, pensava que deveria ocupar-se manualmente em qualquer oficio. Veio-lhe, então, a ideia de esculpir. Nunca indagara como começar. Frequentara artistas, mas nunca se demorara na curiosidade de inquirir como os escultores trabalham, insuflando ao barro as suas ideias. Bastava-lhe a intuição.

As suas mãos, comandadas pelo seu espirito criador, procuravam a macieza da materia plastica.

E assim aconteceu. De posse do elemento original, modelou o seu primeiro trabalho. Contra todos os ensinamentos academicos, começou a reproduzir o modelo vivo. E surpreendeu-se com o proprio trabalho. Ele lhe restituia a imagem que, adormecida, vivia no seu subconsciente. E daí por diante não teve um só momento de vacilação: o seu destino estava vinculado á criação artistica e, o que é mais, á escultura que lhe não fornecia os elementos para lhe expressar o pensamento. Pensava na pintura, numa tela ampla, com fundo, onde despejaria cores, movimento, ar, vida, conflito humano. Obstinaadamente não parou um só instante. Novas con-

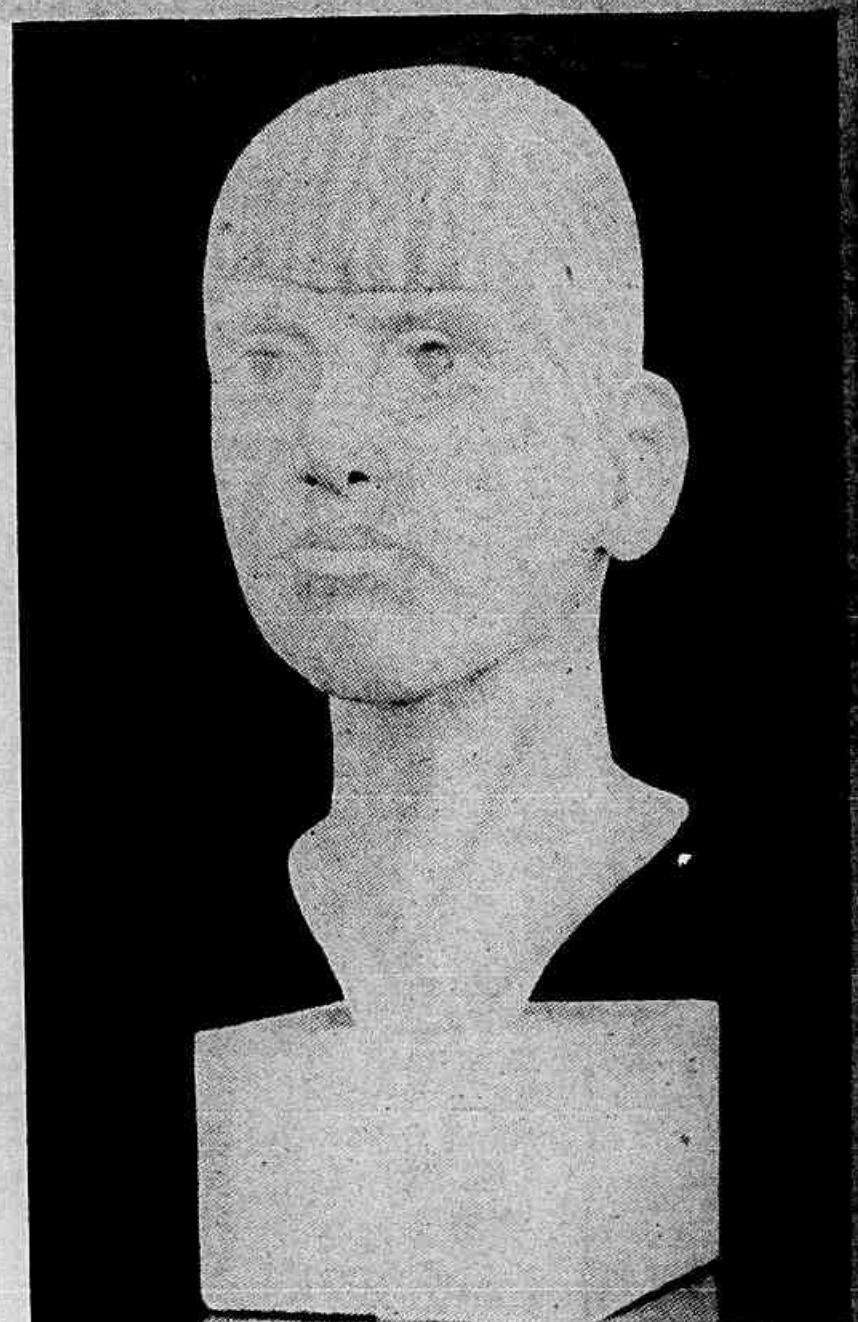
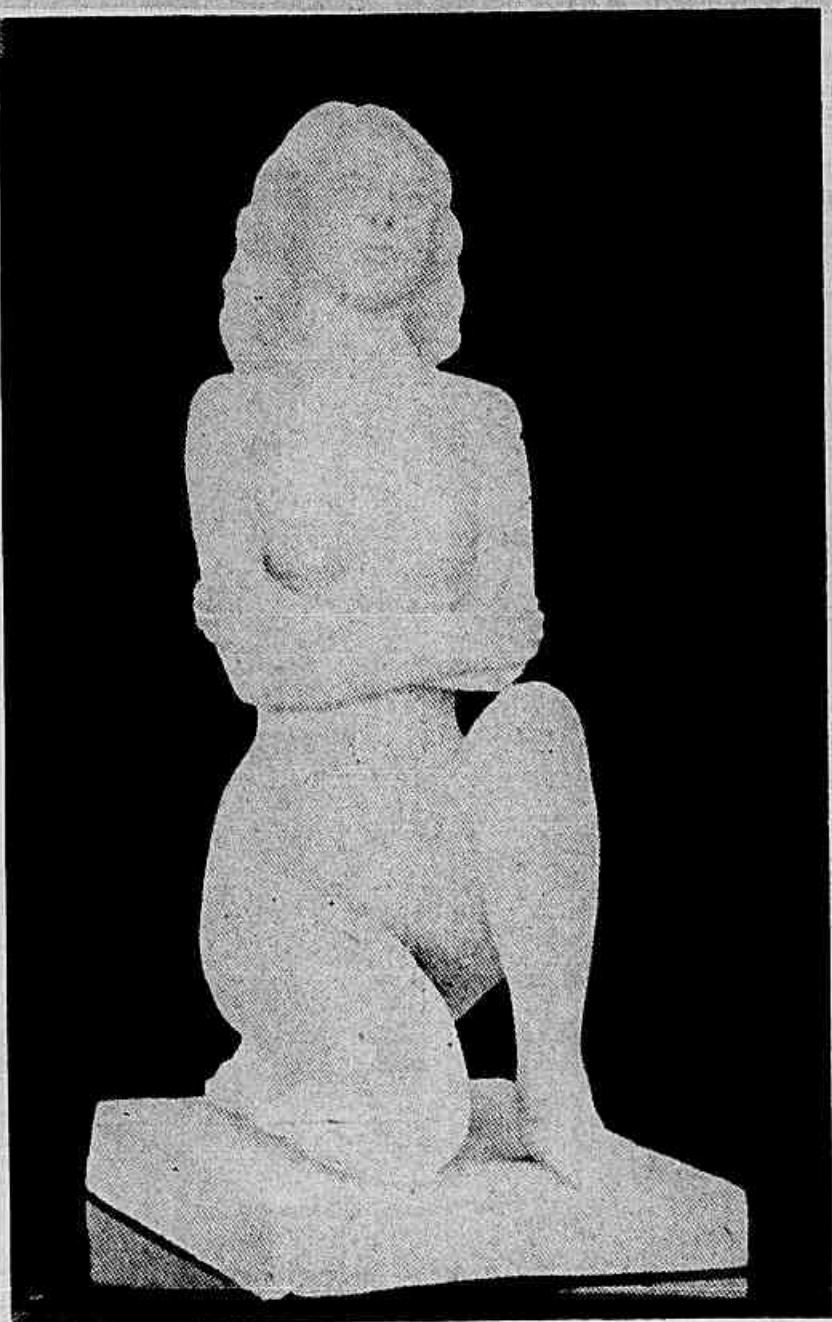
cepções lhe foram surgindo, a principio tumultuosas e mediante longo e tenacissimo trabalho, as suas figuras foram aparecendo limpidas, puras, inocentes, como no primeiro dia da Criação.

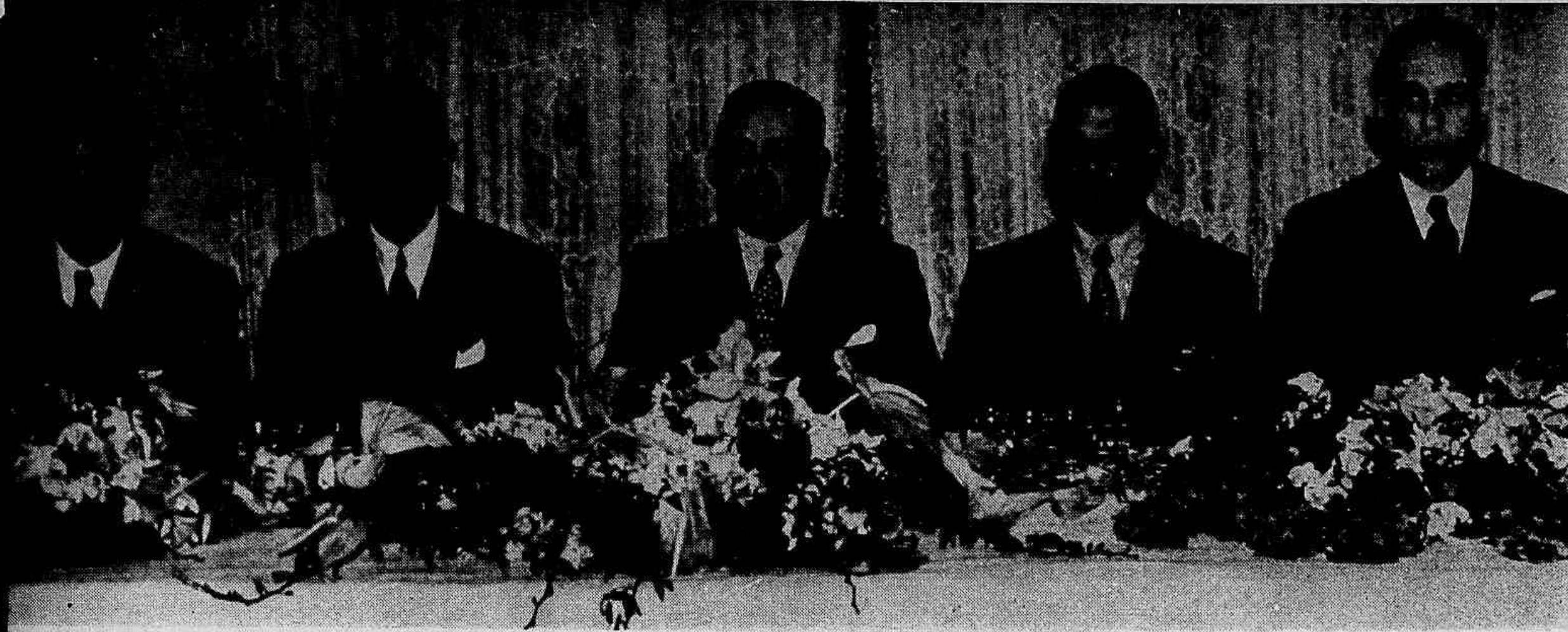
Era uma artista que surgia sem nenhum dos cacetes academicos. Autodidata, ignorava leis elementares da escultura e tudo foi adivinhando, dado o grande poder de idealização de que é dotada.

Isso aconteceu nos ultimos dias de Janeiro do ano de 1942. Em menos de dois anos foram-se assinalando os progressos e conquistas da artista, cuja obra não deixará de impressionar, pelo seu imprevisito, como vem impressionando, aos mais exigentes julgadores.

Nesta pagina reproduzimos alguns de seus trabalhos, cuja imagem fotografica não nos transmite a força de expressão que se desprende dos originais saídos das mãos da artista.

E' pensamento da escultora fazer uma mostra de seus mais recentes trabalhos.





À ESQUERDA — O COMANDANTE AMARAL PEIXOTO, LADEADO PELOS SRS. MINISTRO APOLONIO SALES, FULVIO MORGANTI, ADHERBAL NOVAIS E MINISTRO MARCONDES FILHO.

AS CLASSES AÇUCAREIRAS AO INTERVENTOR AMARAL PEIXOTO



À ESQUERDA — ASPECTO PARCIAL, TIRADO NO MOMENTO EM QUE FALAVA O SR. JOAQUIM BANDEIRA.

TEVE grande repercussão em todos os meios sociais e economicos o grande banquete oferecido pela lavoura e pela industria da cana do açúcar ao interventor Amaral Peixoto, como testemunho de reconhecimento pela destacada atuação do ilustre homenageado em face dos altos problemas da industria açucareira. A' belíssima festa, realizada no Copacabana Palace Hotel, compareceram os srs. ministros de Estado, pre'ito do Distrito Federal, diretor-geral do Departamento de Imprensa e Propaganda, presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool, altas patentes militares e numerosas personalidades da magistratura, do mundo oficial, do comercio e das finanças, além de cerca de duzentos produtores de açúcar e plantadores de cana, representando todas as zonas de cultivo e industrialização do país. Em nome dos manifestantes, oferecendo a homenagem, falou o industri l pernambucano sr. Joaquim Bandeira, que fez o elogio da ação patriótica do intervenor fluminense em re'ação ao nosso problema açucareiro, o qual, desprezando conveniências regionalistas, dedicou-se exclusivamente ao seu aspecto





**À ESQUERDA — O SR. AMARAL PEIXOTO PRO-
NUNCIANDO O SEU DIS-
CURSO. EM BAIXO — O
SR. JOSÉ CARLOS PEREIRA
PINTO LEVANTANDO O
BRINDE DE HONRA DO
PRESIDENTE DA
REPÚBLICA.**

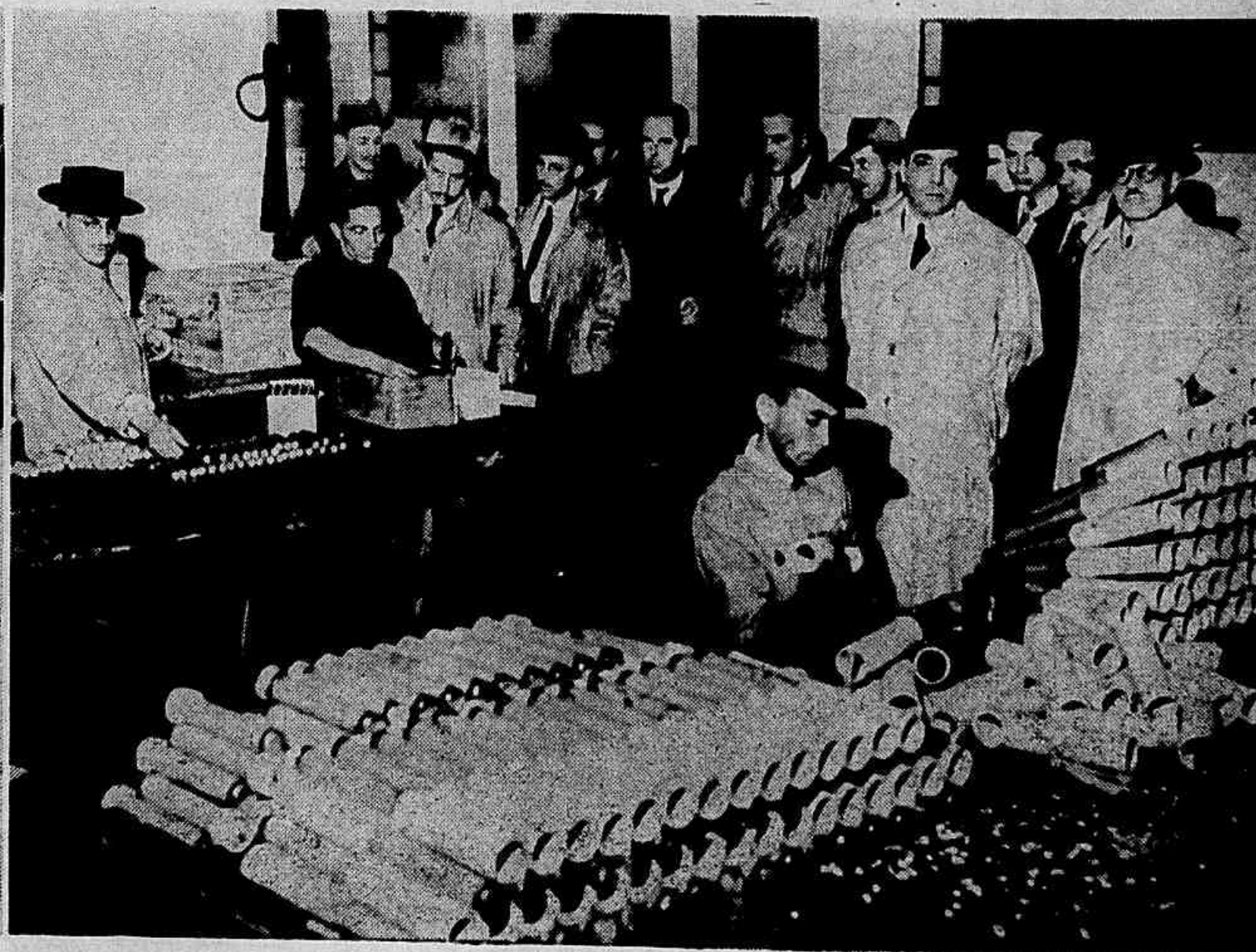
brasileiro. Louvou o orador a política sugerida pelo homena-
geado com referencia ao alcool-motor, salientando a tranqui-
lidade que experimenta agora o produtor em saber que está
afastado o perigo da superprodução e que o referido carbu-
rante regulará automaticamente a produção açucareira. Agra-
decendo a homenagem, pronunciou o comandante Ama-
ral Peixoto importantissimo discurso, já amplamente divul-
gado pela imprensa. Deteve-se s. s. no exame da questão ca-
ravieira, para, em seguida, traçar um vigoroso quadro do atual
panorama nacional, enaltecendo a obra que se realiza e que
colocará o Brasil em condições de sustentar as responsabili-
dades que lhe serão impostas no mundo de após guerra. Em
todo o desenrolar da sua oração, o governante fluminense foi
muito aplaudido. O sr. José Carlos Pereira Pinto, usineiro de
Campos, fez o brinde de honra ao presidente da Republica.
A mesa do banquete achava-se decorada com flores naturais
de variados matizes, estando o salão ornamentado com ban-
deiras brasileiras. Estas paginas registam diversos aspectos
apanhados pela nossa objetiva durante o banquete, que
transcorreu num ambiente de grande cordialidade.

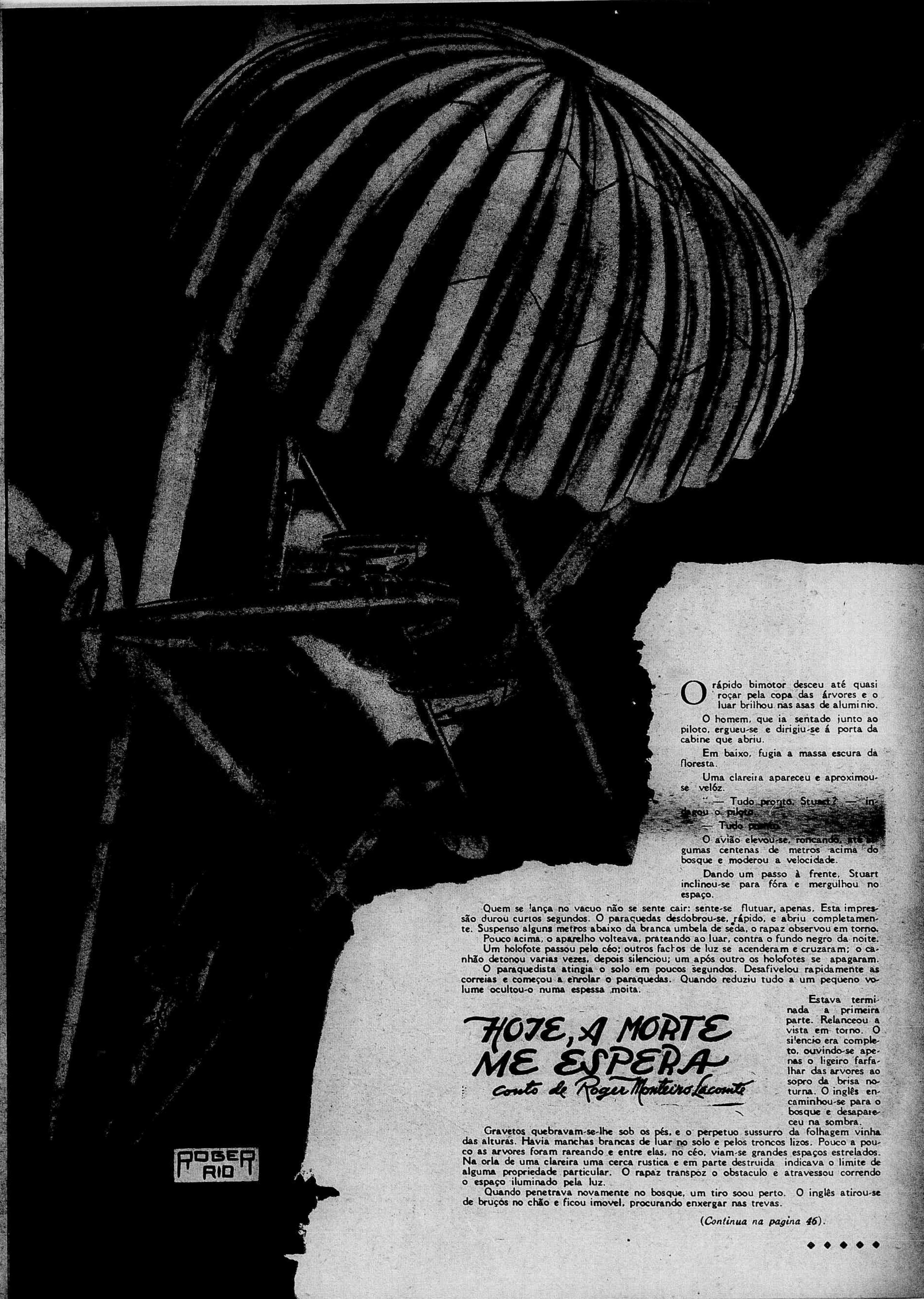


A Camara Sindical dos Corretores em visita á Fabrica da Estrela



A Camara Sindical e grande numero de corretores de fundos publicos, tendo à frente o Presidente daquela corporação, Dr. Juvenal de Queiroz Vieira, visitaram a Fabrica da Estrela, arrendada à Companhia Brasileira de Explosivos e Munições, da qual é Presidente o Snr. Francisco Vilmar. As gravuras reproduzem aspectos dessa visita de inspeção, que traduz o alto interesse dos nossos circulos financeiros pelas atividades dessa Empresa.





O rápido bimotor desceu até quasi roçar pela copa das árvores e o luar brilhou nas asas de alumínio.

O homem, que ia sentado junto ao piloto, ergueu-se e dirigiu-se á porta da cabine que abriu.

Em baixo, fugia a massa escura da floresta.

Uma clareira apareceu e aproximou-se veloz.

— Tudo pronto, Stuart? — indagou o piloto.

— Tudo pronto.

O avião elevou-se, roncando, até algumas centenas de metros acima do bosque e moderou a velocidade.

Dando um passo á frente, Stuart inclinou-se para fóra e mergulhou no espaço.

Quem se lança no vacuo não se sente cair: sente-se flutuar, apenas. Esta impressão durou curtos segundos. O paraquedas desdobrou-se, rápido, e abriu completamente. Suspenso alguns metros abaixo da branca umbela de seda, o rapaz observou em torno.

Pouco acima, o aparelho volteava, prateando ao luar, contra o fundo negro da noite.

Um holofote passou pelo céu; outros factos de luz se acenderam e cruzaram; o canhão detonou varias vezes, depois silenciou; um após outro os holofotes se apagaram.

O paraquedista atingia o solo em poucos segundos. Desafivelou rapidamente as correias e começou a enrolar o paraquedas. Quando reduziu tudo a um pequeno volume ocultou-o numa espessa moita.

Estava terminada a primeira parte. Relanceou a vista em torno. O silencio era completo, ouvindo-se apenas o ligeiro farfalhar das arvores ao sopro da brisa noturna. O inglês encaminhou-se para o bosque e desapareceu na sombra.

Gravetos quebravam-se-lhe sob os pés, e o perpetuo sussurro da folhagem vinha das alturas. Havia manchas brancas de luar no solo e pelos troncos lisos. Pouco a pouco as arvores foram rareando e entre elas, no céu, viam-se grandes espaços estrelados. Na orla de uma clareira uma cerca rustica e em parte destruida indicava o limite de alguma propriedade particular. O rapaz transpoz o obstaculo e atravessou correndo o espaço iluminado pela luz.

Quando penetrava novamente no bosque, um tiro soou perto. O inglês atirou-se de bruços no chão e ficou imovel, procurando enxergar nas trevas.

(Continua na pagina 46).

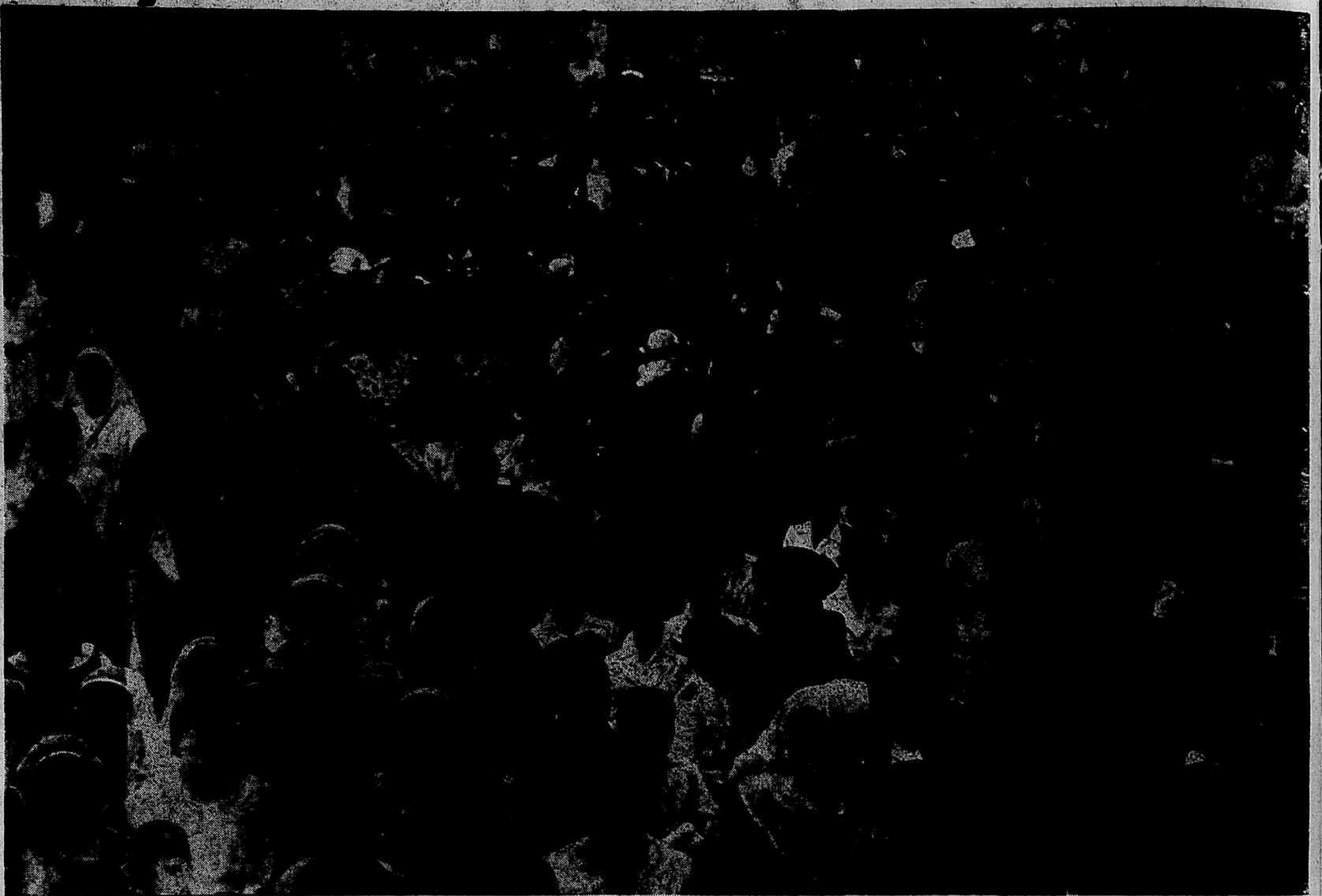
◆ ◆ ◆ ◆ ◆

ROBERT
RIO

HOJE, A MORTE ME ESPERA

Conto de Roger Monteiro Laconite

A 1ª procissão de N. S. de Copacabana



Grande massa popular assiste comovidamente à consagração da Paróquia de Copacabana ao Coração Imaculado de Maria. O arcebispo metropolitano D. Jaime de Barros Camara presidiu a cerimônia, emprestando-lhe assim uma maior significação e brilho.



Irmandades religiosas e representações de colégios católicos da capital fizeram-se representar na procissão de Nossa Senhora de Copacabana.

A imagem de Nossa Senhora de Copacabana, cedida ao Brasil pela Bolívia, reprodução perfeita da existente no país vizinho.



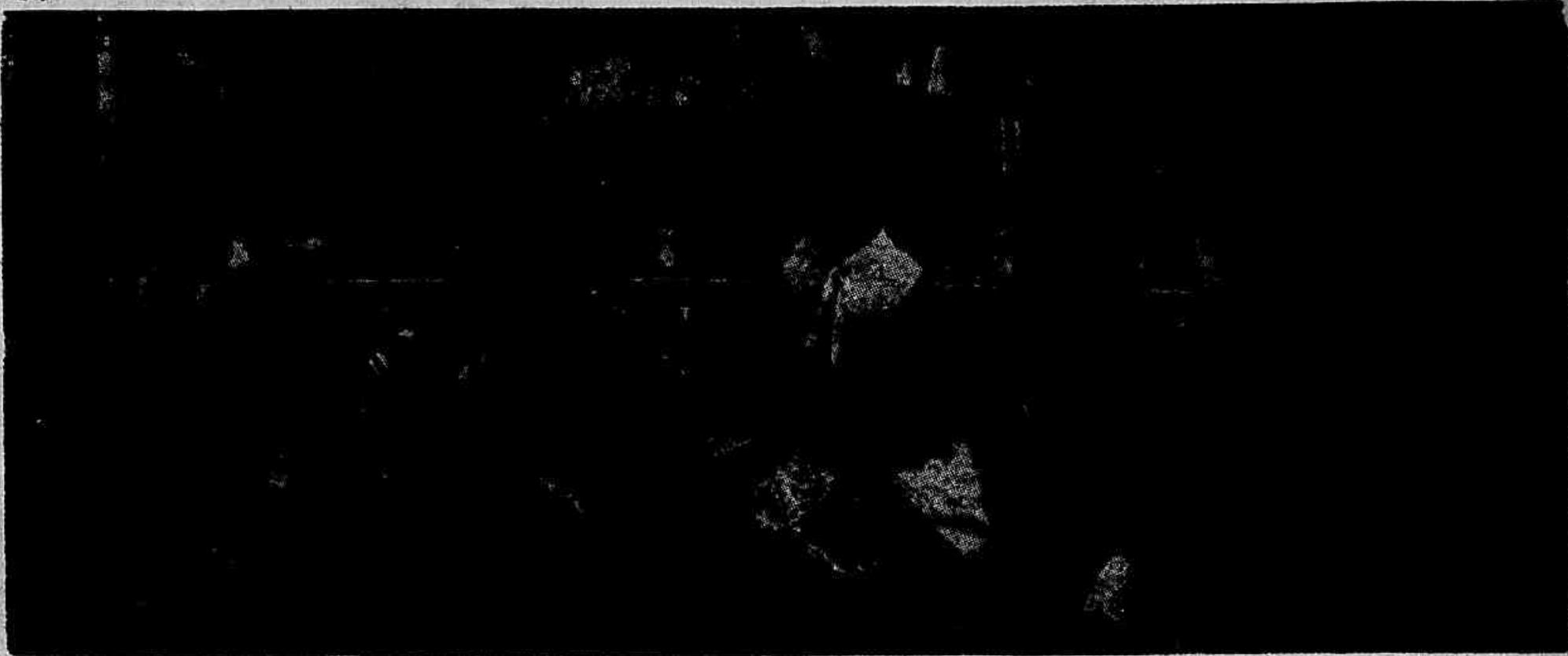
No domingo, 19 de Setembro, realizou-se a procissão de N. S. de Copacabana, como coroamento das festividades que tiveram lugar em honra de sua imagem, oferecida ao Brasil pela Bolívia. O cortejo, que foi presenciado por elevado número de devotos, constituiu um espetáculo de grande beleza religiosa.

O Jaime de Barros Camara, a cuja posse no Arcebispado Metropolitano assistimos ainda recentemente, esteve presente, contribuindo assim para maior realce da cerimonia católica.

A procissão, que se iniciou na Praça Serzedelo Correia, percorreu o seguinte itinerário: Ruas Hilário de Gouveia, Barata Ribeiro, Barão de Ipanema, Avenida Atlântica e Praça Serzedelo Correia.

Terminada a procissão o Revmo. Mons. Henrique de Magalhães produziu belíssima oração repassada de zelo e piedade cristã.

Seguiu-se a consagração da Paróquia de N. S. de Copacabana ao Coração Imaculado de Maria, cerimonia essa que foi presidida por D. Jaime de Barros Camara, Arcebispo Metropolitano.



O arcebispo D. Jaime de Barros Camara realiza a consagração da Paróquia de Nossa Senhora de Copacabana ao Coração Imaculado de Maria.

Na gravura, D. Jaime de Barros Camara, revmo. monsenhor Henrique de Magalhães e dois sacerdotes da Paróquia de Copacabana.



Dois aspectos da procissão que percorreu diversas ruas do bairro e que finalizou as festividades em louvor de Nossa Senhora de Copacabana.

FIGURAS E FATOS



CHÉGA AO RIO O INTERVENTOR AGAMENON MAGALHÃES

— Estampamos aqui dois aspectos da festiva recepção que teve o Interventor Agamenon Magalhães na Capital da República. Nas fotos que ilustram esta nota vemos S. Excia. ao descer do avião em companhia de sua Esposa. Esposa e ao ser abraçado pelo Ministro Apolônio Sales, no momento de seu desembarque no Aeroporto Santos Dumont.

DR. LUIZ CARLOS DE OLIVEIRA — Por motivo de sua nomeação para o cargo de Chefe do Gabinete do Chefe de Polícia, o dr. Luiz Carlos de Oliveira, advogado da Caixa Econômica, foi homenageado pelo Departamento Legal dessa instituição com um almoço que se realizou no restaurante da A. B. L., ao qual, entre outros, compareceram o tenente-coronel Nelson de Mello e o dr. Carlos Lus. A nomeação do dr. Luiz Carlos de Oliveira para aquele alto posto repercutiu agradavelmente nos meios jurídicos e sociais da Capital, dado o elevado conceito que desfruta o ilustre causidico, portador que é de excepcionais atributos de espirito e inteligencia. A fotografia acima é um flagrante do almoço.



ECOS DA "SEMANA DA PATRIA"

— A foto acima nos mostra a srta. Ester da Fonseca, aluna do Ginásio Maria Raythe, que se destacou no bailado "dança da terra", executado perante o Presidente Getúlio Vargas, no campo do Vasco da Gama, no dia 7 de Setembro, como parte integrante do programa da "Hora da Independência."



Grupo formado após o almoço oferecido ao interventor Agamenon Magalhães, pelo presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool, sr. Barbosa Lima Sobrinho.

Ao lado: A fotografia foi tomada em Montreal (Canadá) por ocasião do encerramento do curso de português dado sob os auspícios da União Cultural dos Latinos da América, em uma reunião na casa particular do Presidente daquela Instituição, Sr. Dostaler O'Leary, no dia 14 de Julho do corrente ano. Houve distribuição de certificados, diplomas, prêmios e troca de saudações entre aquele Presidente e o Consul Geral, professor de português. Veem-se na fotografia, sentados, Sra. Yvette Baulu-Germain, aluna e diretora dos cursos, Sta. Pierrette Girardin, aluna e Secretária Geral da mesma Instituição, Sr. H. Pinheiro de Vasconcellos, Cônsul Geral e professor de português, Sra. Pinheiro de Vasconcellos e o Sr. Dostaler O'Leary, Presidente; em pé, da esquerda para a direita, os alunos, Sr. G. Maurice, Sta. M. Paradis, Sra. E. Gaudette, Sr. G. Moquin, Sr. E. Gaudette, Sr. P. E. Trudel, Sr. Luc Laforce e Dr. J. Germain; na frente, e m pé, a partir do meio da fotografia, Sra. P. Pinto da Silva e Sr. P. Pinto da Silva, Vice Cônsul do Consulado Geral; Stas. Yolanda e Yara Pinheiro de Vasconcellos e G. Desroches, Auxiliar do Consulado Geral.

DR. MARIO PINHEIRO DE ANDRADE

Faleceu no dia 7 de setembro nesta cidade o ilustre cientista patricio Dr. Mário Pinheiro de Andrade, figura do maior relevo no nosso meio médico e em quem as excepcionais qualidades de inteligencia, cultura e probidade constituíam as vigas mestras de um caracter impoluto. A sua vida foi o exemplo de uma grande vitória conquistada pelo labor ininterrupto de uma existência toda ela dedicada a trabalhos e estudos da profissão.

Filho de Campos, Estado do Rio de Janeiro, terra de muitos brasileiros ilustres, onde nasceu em 2 de Novembro de 1882, veio a formar-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro em 1907. Em 1910 fundou com Eduardo Marques e Gustavo Riedel o Laboratório de Biologia Clínica, cujos produtos gozam da melhor reputação pela excelência da sua fabricação. Logo depois de formado, após dois concursos brilhantes, foi nomeado diretor do antigo Laboratório Anatomia Patológica do Hospital de Alienados, que ele com sua grande capacidade de trabalho e maior competencia transformou no atual Instituto de Neurologia da Assistência a Psicopatas, que é um modelo no genero. Nessa especialidade foi um dos mais notaveis do Brasil, bastando lembrar que quando na Europa fazia um curso especializado de anatomia patológica com o famoso Prof. Krepelin, foram por este citados, em sua clássica obra, vários trabalhos da autoria do ilustre extinto.

Deixa os seguintes irmãos e cunhados: José Pinheiro de Andrade Filho, comerciante, D. Antonieta de Bulhões Gouvêa Pinheiro, viúva do Dr. Nuno Pinheiro de Andrade, advogado e Chefe da "Secção de jurisprudência do Supremo Tribunal Federal, Dr. Nelson Pinheiro de Andrade, Juiz de Direito no Estado do Rio de Janeiro, Coronel Aviador Armando Pinheiro de Andrade, Diretor da Escola de Especialistas da Aeronautica, Comandante Arnaldo Pinheiro de Andrade, D. Armandina Vieira Cortez, casada com o Comandante Amarilio Vieira Cortez, Chefe de Operações da Panair do Brasil, D. Marina Pinheiro de Vasconcellos, casada com o Sr. Majolo Gondim de Vasconcellos, comerciante em S. Paulo e vários sobrinhos, entre os quais: D. Odette Pinheiro d'Horta, casada com o Sr. Agostinho d'Horta Filho, Nelson Pinheiro de Andrade Sobrinho, Renato Pinheiro de Andrade, funcionários em S. Paulo, D. Davina Pinheiro Rezende, casada com o Dr. José de Moura Rezende, ex-Secretário da Justiça de S. Paulo, D. Wanda Pinheiro Cortez, casada com o Capitão-Tenente Oswaldo Macedo Cortez, comandante de um dos nossos Caça-submarinos e o Dr. José Pinheiro de Andrade Neto, diretor do Instituto de Neurobiologia.

As homenagens que lhe foram prestadas e o grande acompanhamento ao seu enterro dizem bem da grande estima e consideração que desfrutava no nosso meio social e científico.





Aspecto da missa celebrada no pátio da Faculdade de Direito comemorando a data de 11 de Agosto, aniversário dos Cursos Jurídicos no Brasil.

INSTITUTO ROENTGEN
Radioterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.
Rua Barão de Itapetininga, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 -- Tel. 4-0394
— SÃO PAULO —

De São Paulo

Quando fôr a São Paulo
... não deixe V. S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA Succedora de MAPPIN STORES D. RAMOS DE AZEVEDO S. PAULO



Flagrante da reunião efetuada no Centro Social Chinês em homenagem ao presidente da China. A festa obedeceu ao ritual do grande povo aliado, como se vê do altar colocado ao fundo, encimado pelo retrato do continuador da obra de Sun Yat Sen.

MATRIZ: SÃO PAULO

Rua Libero Badaró, 103 loja -
107 s/ loja - 1.º e 2.º and.
Caixa Postal, 178-B e 2999
fone 2-4550
Tele grama "CONSTRUTORA"

**EMPRESA
CONSTRUTORA
UNIVERSAL**

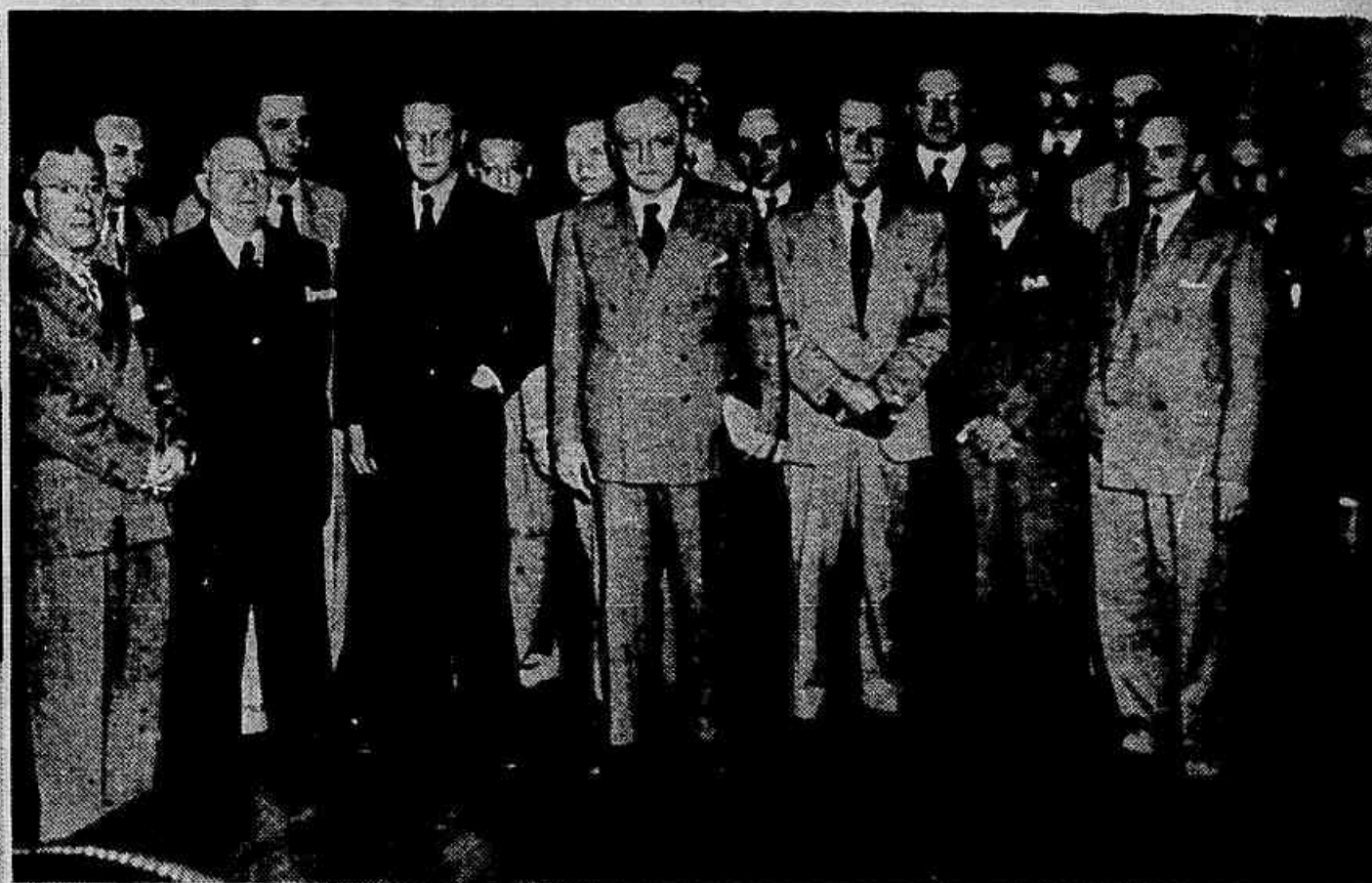
A maior organização predial do Brasil

**Inspetorias em todos
os Estados do Brasil.**

**Agencias em todas
as cidades do Brasil.**



Para discutir a realização de uma festa em benefício das vítimas de guerra, reuniram-se diversas damas da melhor sociedade paulista na residência da Sra. Marjory Prado, com a presença da sra. Consulesa da Polónia. Vemos acima um aspecto dessa reunião.



BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FÍGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

Afim de comunicar à imprensa a nova organização dada à IV Feira Nacional de Industrias a ser inaugurada em novembro próximo, no antigo Parque Antarctica, a Federação das Industrias Brasileiras de S. Paulo, reuniu os jornalistas em seu salão nobre, comparecendo ao conclave, além do dr. Roberto Simonsen, o reitor da universidade dr. Jorge Ameriçano e outras figuras de destaque no meio industrial paulista.

C'ÉGA-RE'GA

REPORTAGEM
DE
MOACIR
SIMARDI

EM POUCO A SOCIE-
DADE CARIOCA CONHE-
CERÁ O ESPETÁCULO
MÁXIMO DO ANO... CÉJA
FÉJA? O QUE SERÁ
MESMO CÉJA RÉJA? SO-
BEM AS ESCADARIAS DO
MUNICIPAL FIGURAS DA
SOCIEDADE, IMPRIMINDO
AO ESPETÁCULO O CA-
RÁTER SINGULAR DE UMA
BELÍSSIMA PARADA DE
ELEGÂNCIA.



TEATRO MUNICIPAL
ESPETÁCULO DE GALA



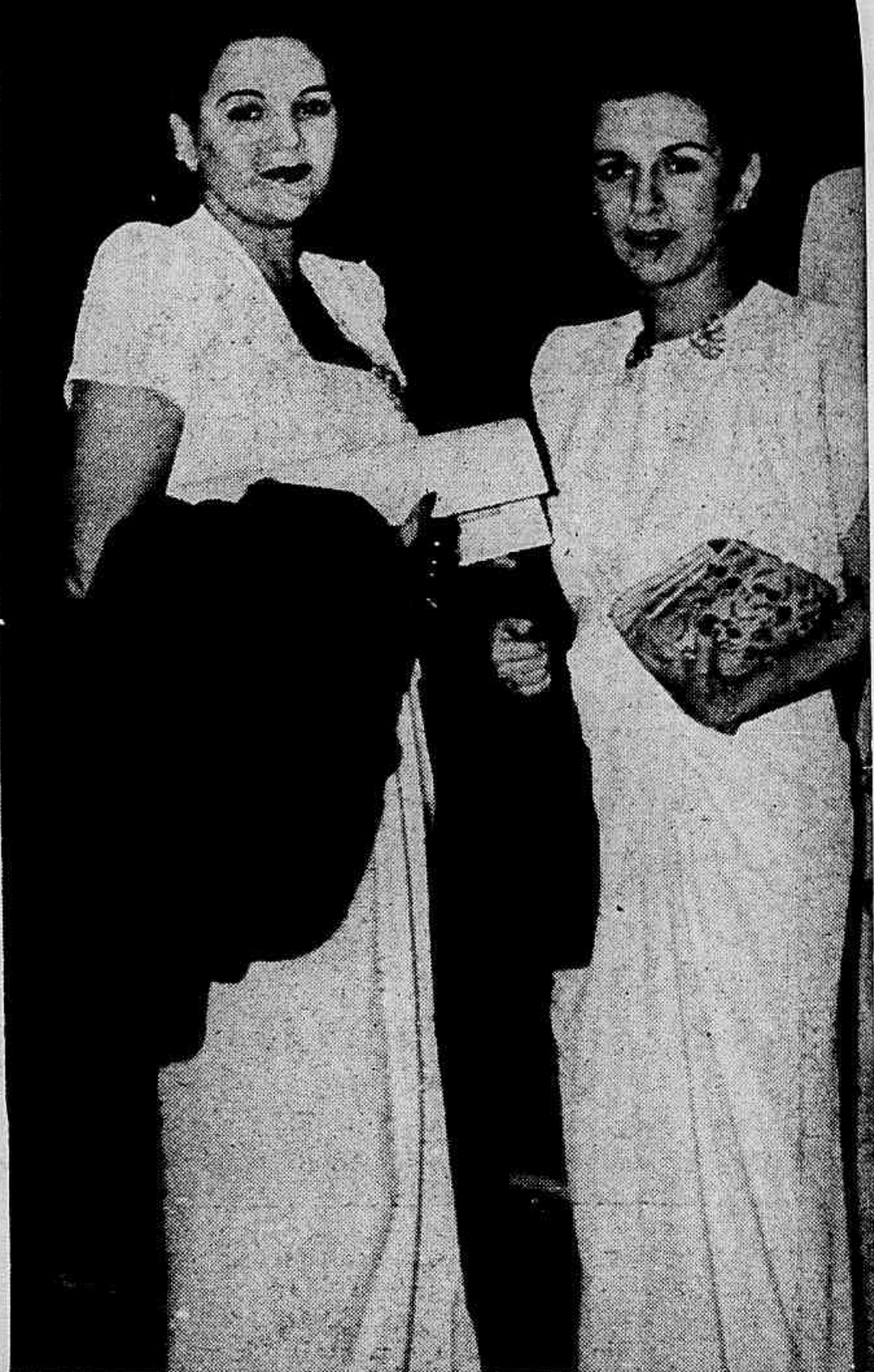
NO GRUPO O SR. ADEMAR GONZAGA, DIRETOR DA CIXÉDIA, SENHORA E SOBRINHA.





ASPECTO DAS FRIZAS. VENDO-SE: DR. JOAQUIM GUILHERME DA SILVEIRA, DR. JORGE DORIA E SRA., SR. JOÃO DE FREITAS E SRTAS. CANDIDA DE SOUZA E HELENA BANDEIRA.

AS SRAS. MARCELO REZENDE E GRATULIANO DE BRITO, MOMENTOS ANTES DO INICIO DO ESPETACULO.



NO "FOYER" DO MUNICIPAL, AGUARDANDO "CEGA REGA", AS SENHORITAS BEATRIZ CORDEIRO DE OLIVEIRA, REGINA MARIA E NERY GONZAGA, SOFIA BEATRIZ DE SOTERO E LUIZA MARIA PONTES.

AS SENHORITAS MARIA HELENA LEITE E ANA MARIA PIERGILE, ATENDEM COM UM SORRISO O CONVITE PARA UMA POSE.

AS SENHORITAS ELZA LOPES E MISABELE PEDROSA DISTRIBUEM OS PROGRAMAS DA "FÉRIE"...

SENHORAS ILDEFONSO FONTA E OLIVEIRA CASTRO.

MESDAMES SETY POLI E FONSECA BARCELAR.





OS PARES AGUARDAM QUE A ARTISTA MARIA ANTONIA FAÇA REVIVER O ENCANTAMENTO DAS VALSAS DE STRAUSS, NUMA EVOCAÇÃO DELICIOSA DO SÉCULO PASSADO.

O Rio elegante, a alta sociedade carioca, marcou "interview" no Municipal para ver e aplaudir o espetáculo máximo do ano — Céga-Réga.

Dizer do brilho e da expressão alcançados por esta festa em que tomaram parte elementos de grande destaque da sociedade carioca, não nos é difícil: delicadamente bela e sugestivamente grande. Tudo foi cuidado nos seus detalhes mínimos. E a preocupação de acertar, de não destoar do esforço comum, seria já de si uma vitória, não fôra a "féerie", uma sucessão de deslumbramentos, uma maravilhosa noite de arte e de elegância.

E quando nos detemos comovidamente a ajuizar do fim visado por "Céga-Réga", qual seja o de levar um pouco de conforto aos milhares de prisioneiros de guerra franceses, aos soldados da França imortal, da França que se eterniza no genio e no heroismo dos seus

NO "ATELIER DA CASA SIBÉRIA". A "VENDEUSE" E A SRA. FRANCISCO ROSEMBURGO. A SRA. PLÍNIO UCHOA E O SR. WLADIMIR ALVES DE SOUZA SÃO OS FREGUESES. E OS MODELOS SÃO AS SRAS. NENETE DE CASTRO, VICENTE GALLIEZ, WILLESENS, TEODORO XANTAKY, MARIA CECILIA PENNA E PERLA LUCENA. A SRA. EDUARDO MARTINEZ DE HOZ, DONA DO ATELIER EXIBE UM VESTIDO DE HUMBERTO FILOMARINO.



cidadãos e ainda contribuir para os brasileiros convocados, a nossa atitude cantamento.

A "première" de "Céga-Réga" f sem

Na primeira parte de "Céga-Réga" as beiro Colaço. A Sra. Lourdes Rosem

A SRA. RIBEIRO COLAÇO, QUE VIVEU ESP MULHER, APARECE NO FLAGRANTE COM UM DOS QUADROS



para assistência dos filhos dos soldados
essa atitude não é menor que o nosso en-
ga" sem duvida uma merecida consagração.

a-Ré assistimos á "Grande Revista" de Ri-
osem go é a "commère" e o Sr. Adhemar L.

U ESP IDAMENTE QUATRO DIFERENTES TIPOS DE
COM ZANDO A MULHER "FRANCESA". FOI ESTE
DROS INANTES DA REVISTA.



UM DETALHE DOS PARES QUE DANÇARAM A "VALSA MARA-VILHOSA".



de Siqueira, o "compère". Os quadros se sucedem debaixo dos aplausos: As Vitaminas, A Fila de Onibus, o encantamento das valsas de Strauss vividas pela consagrada artista Maria Antonia. Os pares rodopiam como em sonho, levados pelo ritmo de Viena... Sra. Oliveira Castro e Sr. Oswaldo Lundgreen, Viscondessa Carnaxide e Sr. Alfredo Maria Porchat, Sra. Victor Lage e Sr. Henrique de Barros, Srta. Gilda Lafayette Bandeira e Sr. João Saavedra, e outros ainda numa ronda feita de suavidade e encantamento.

No "Atelier da Casa Sibéria" Ms. Francisco Rosemburgo, "vendeuse", atende a Sra. Plinio Uchoa. A Sra. Eduardo Martinez de Hoz exibe um vestido de Humberto Filomarino. E os modelos são as Sras. Nenete de Castro, Vicente Galliez, Willensens, Teodoro Xantaky, Maria Luiza Mello, Maria Cecilia Penna e Perla Lucena.

O CORPO DE BAILE DO TEATRO MUNICIPAL SERVIU DE FUNDO PARA O ÚLTIMO QUADRO DA REVISTA "APOTEOSE FEMININA".

A SRA. ALEXANDRE DE AZEVEDO INTERPRETOU COM COMOVENTE SINCERIDADE "A ORAÇÃO DA AVÓ" DE QUE DAMOS DOIS BELÍSSIMOS FLAGRANTES, ENCERRANDO-SE ASSIM A "GRANDE REVISTA" DE RIBEIRO COLAÇO



Alma Feminina



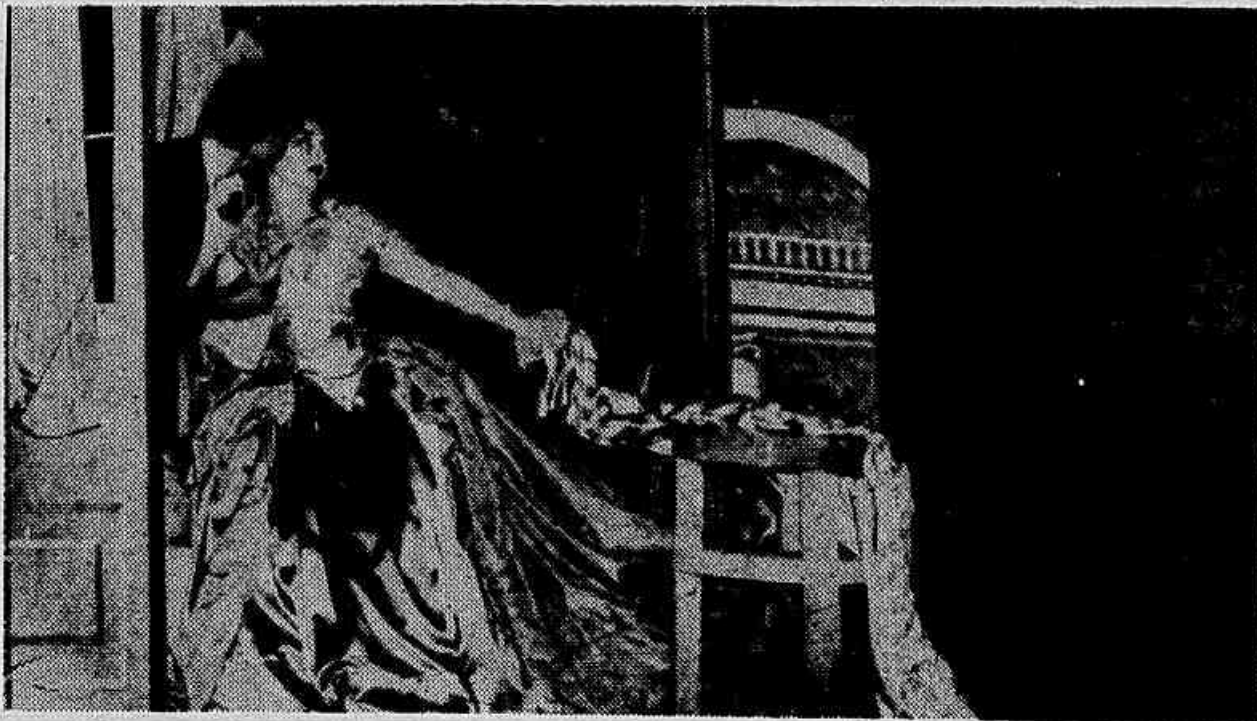
GUARDA DO MUSEU, WLADIMIR ALVES DE SOUZA, E A SRA. FRANCISCO ROSEMBURGO, UMA VISITANTE DAS GLÓRIAS DO LOUVRE.



A SRA. VASCO LEITÃO DA CUNHA, NO QUADRO DE PRUD'HON: L'IMPÉRATRICE JOSÉPHINE.



SAINDO DAS MOLDURAS, AS QUATRO FIGURINHAS DE DEGAS DANÇAM PARA OS OLHOS EXTASIADOS DO PÚBLICO. SÃO AS SRTAS. ADRIANA CARVALHO DA ROCHA, DINAH CARDOSO MARTINS, CELIA PINHEIRO FONSECA E RENATA BARBERO.



DELICADAMENTE INTERPRETADO PELA SRA. VITOR LAGE E PELO SR. JOÃO DE SOUZA LAGE "LE BAI-SER A' LA DE'ROBÉE", DE FRAGONARD.

UM DETALHE DO MINUETO, DANÇADO COM FIDALGA ELEGANCIA.

POSE ESPECIAL DAS SENHORITAS CÉLIA PINHEIRO DA FONSECA E RENATA BARBERO.



"Alma Feminina" encerra o primeiro ato do espetáculo. Tomam parte a Sra. Roberto Boavista (commère), Sr. Adhemar de Siqueira (compère), Sra. Ribeiro Colaço que interpreta com rara felicidade diferentes tipos de mulher e a Sra. Alexandre de Azevedo. O corpo de baile do Teatro Municipal serviu de fundo para o quadro cuja beleza constituiu verdadeiramente uma apoteose à alma feminina.

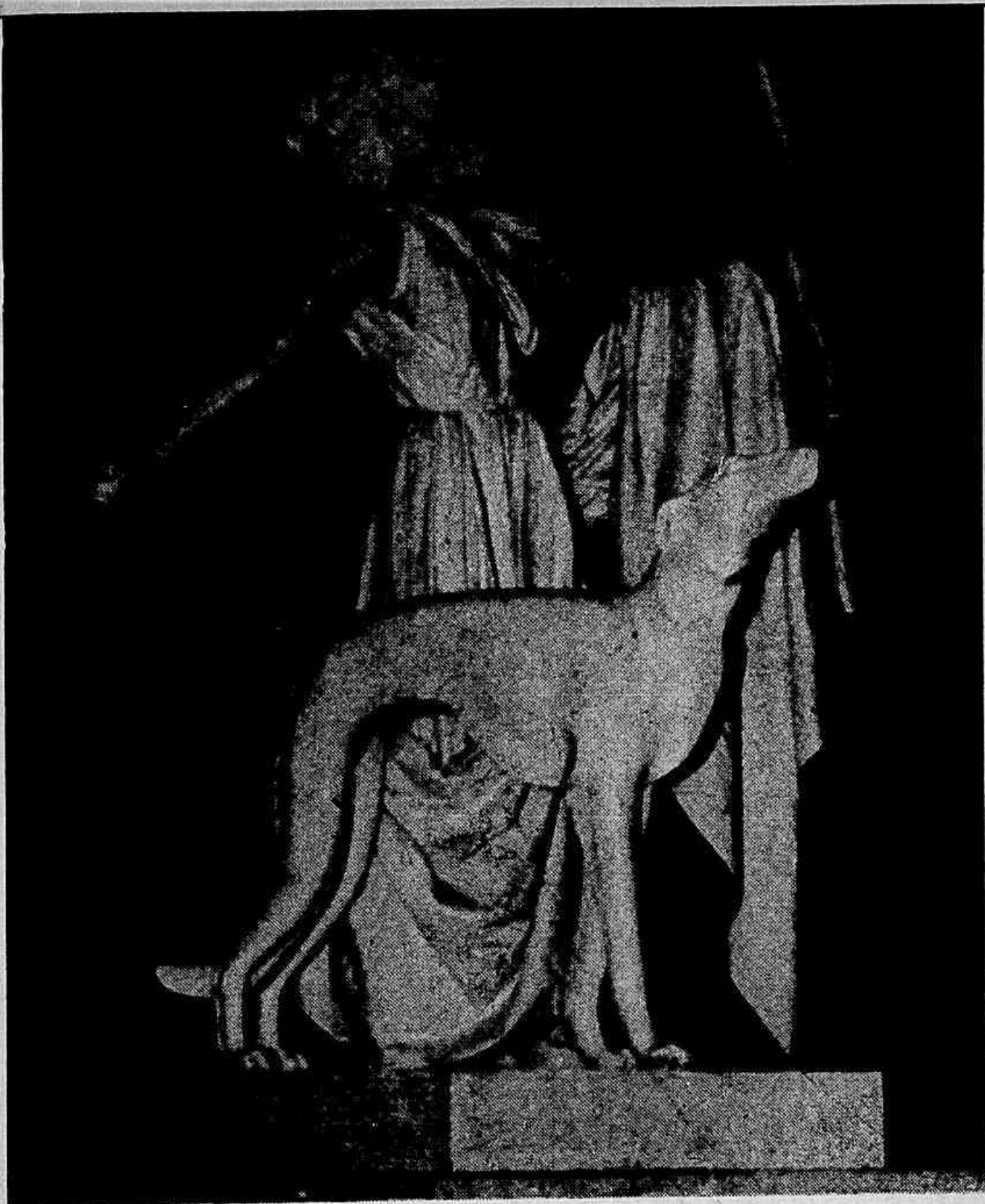
Na segunda parte tivemos oportunidade de ver as telas de Manet, Degas, Rembrandt, Fragonard, Watteau, Renoir e outros através da sensibilidade artística da Sra. Dulce Martinez de Hoz, Srta. Renata Barbero, Srta. Celia Pinheiro, Sr. Visconde de Carnaxide, Sr. Antonio Mesquita, Sra. Vitor Lage Srta. Laura Carvalho, Sra. Quintino Bocayuva, Sr. João Saavedra, Sr. e Sra. Cecil Hime, Srta. Guiomar M. Vieira, S. A. R. Princesa Tereza Orléans e Bragança, Srta. Celina Liberal, e outros ainda cujos nomes nos fogem nesta resenha. "Espantalhos" e Portinari, encerra o espetáculo, a que a coreografia de Veltchek transmite uma nota de deslumbramento, um sentido de apoteose.

A musica para a revista foi composta e compilada pela embaixatriz Régis de Oliveira, orquestrada e dirigida por Siemkiewicz. Os cenários são de Julio Senna, Trompowsky, Henrique Liberal e Wladimir Alves de Souza.



THE BLUE BOY, DE GAINSBOROUGH, VIVIDO PELA SRA. JEAN DUVERNOIS.

Constituíram a Comissão Organizadora da "fêrie" Henrique Dods-worth (Presidente de Honra); Sra. Eduardo Martinez de Hoz (Presidente da Comissão) S. a. Raul Regis de Oliveira; Sra. Ildefonso Dutra; Sra. Joaquim Proença (Secretaria); Sr. Ray-mundo Castro Maya (Tesoureiro); Sra. Fran Sundt; Sra. Luiz Anibal Falcão; Srta. Stella Costa Motra; Sr. Raul Pedrosa.



SRTA. LE'A DE AFFONSECA. NUM QUADRO DE COYSEVOX.



S. A. R. I. PRINCESA THEREZA DE ORLEANS E BRAGANÇA, MENINA MARIA THEREZA GUINLE E MENINO PEDRO BUARQUE DE MACEDO, EM "LA FAMILLE ROYALE" DE MME. VIGÉ-E-LEBRUN.



SRTA. GUIOMAR M. VIEIRA E SR. LEONARDO E. NASCIMENTO SILVA.

LE BALCON: SRA. DULCE MARTINEZ DE HOZ, SRTA. CELINA LIBERAL, SR. JORJE LUDOLF.

A visita dos magistrados brasileiros a Petrópolis, deixou a todos sincera gratidão pela fidalguia do acolhimento.

Ao lado da paisagem singulamente magestosa, o sábado estava transbordante de sol, de um sol acariciador, que deluindo as ultimas neblinas preguiçosas com sua luminosidade, ofertava aos olhos e ao coração beleza e alegria irmanados da Natureza em festa...

Contemplando o cenário quasi irreal, atestado vivo da grandiosidade Divina nesta terra "na qual o Supremo Artífice poz toda sua arte e o seu carinho" como disse alguém com encantadora espontaneidade em um hino de amor e unção religiosa, — tivemos a impressão de que os apóstolos de Themis prostravam-se reverentes ante o templo imperecível da Arte erguido na jurisdição da Poesia e do Sonho!

Admirando uma tela de François Moreaux, um bronze de Vela, um tapete de Smyrna, um jarrão egípcio no palacete Franklin Sampaio, — ou calçando as pantufas para admirar no museu Imperial a riquíssima corôa que cingiu a fronte dos nossos Imperadores; o magistral retrato a óleo da augusta e sereníssima Princesa Isabel, denunciando graça, bondade, resignação e ternura maternas, apanagios inconfundíveis da mulher brasileira; os finíssimos leques que esconderam sorrisos de malícia ou de esperança das damas da Corte; os cristais brasonados, as estatuetas, os moveis históricos e objetos outros que falavam à nossa sensibilidade, da tradição, de um passado glorioso e honrado, — os discípulos de Ulpiano, prestavam culto a Clío e a Polymnia depois de sentirem o poder sobrenatural de Euterpe e a sedução de Calliope no almoço servido na sede do Tennis-Club...



PETRÓPOLIS E A VISITA DOS MAGISTRADOS



Em breves dias e ainda por muitos outros, no ambiente sóbrio e austero dos tribunais de todo Brasil, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, no intervalo das sessões, amenizando-as da aridez do Direito como verdadeiro "intermezzo" sentimentalmente elevado, os magistrados conferencistas relatarão a seus pares o que foi o conclave do Rio de Janeiro, deleitando-se por certo na exaltação dessa linda e magnífica viagem a Petrópolis que dificilmente esquecerão.

E a tardinha, quando o dia agonizava, quando as colinas petropolitanas procuravam agasalhar-se em um manto violáceo matisado de hortensias, — deixamos agradecidos a cidade de Pedro, como que despetos de um sonho...

A alma vinha cheia de bênçãos e do coração transbordava nos eflúvios de alegria, os prenúncios da saudade!

As pupilas, pletóricas de deslumbramento, ante o desfazer-se dos invisíveis liames filigrânicos, entre o Sonho e a Vida, — dificilmente contiveram o amargor da despedida...

LUIZ M. PINAUD



Encerramento do Congresso Juridico

SESSÃO DE ENCERRAMENTO — Flagrante feito durante a sessão de encerramento do Congresso Jurídico Nacional, vendo-se a mesa que presidiu aos trabalhos e aspecto da assistência.

BANQUETE DE CONFRATERNIZAÇÃO — Grupo tirado no salão do Automovel Clube do Brasil, onde teve lugar o banquete solene de confraternização dos congressistas.

VISITA AO TRIBUNAL DE APELAÇÃO — Os delegados ao Congresso Jurídico Nacional estiveram em visita de cortesia no Tribunal de Apelação do Distrito Federal, ocasião em que se fez a chapa acima.

CHÁ-DANSANTE NO AUTOMÓVEL CLUBE — Realisou-se, no Automovel Clube do Brasil, um animado chá-dansante, promovido em homenagem às famílias dos congressistas e que marcou acontecimento de relevo mundano.

Após brilhantes reuniões das comissões de estudos, dedicadas aos mais variados ramos do saber jurídico, encerrou-se o Congresso Jurídico Nacional, promovido pelo Instituto da Ordem dos Advogados, em comemoração do 1.º Centenário de sua fundação.

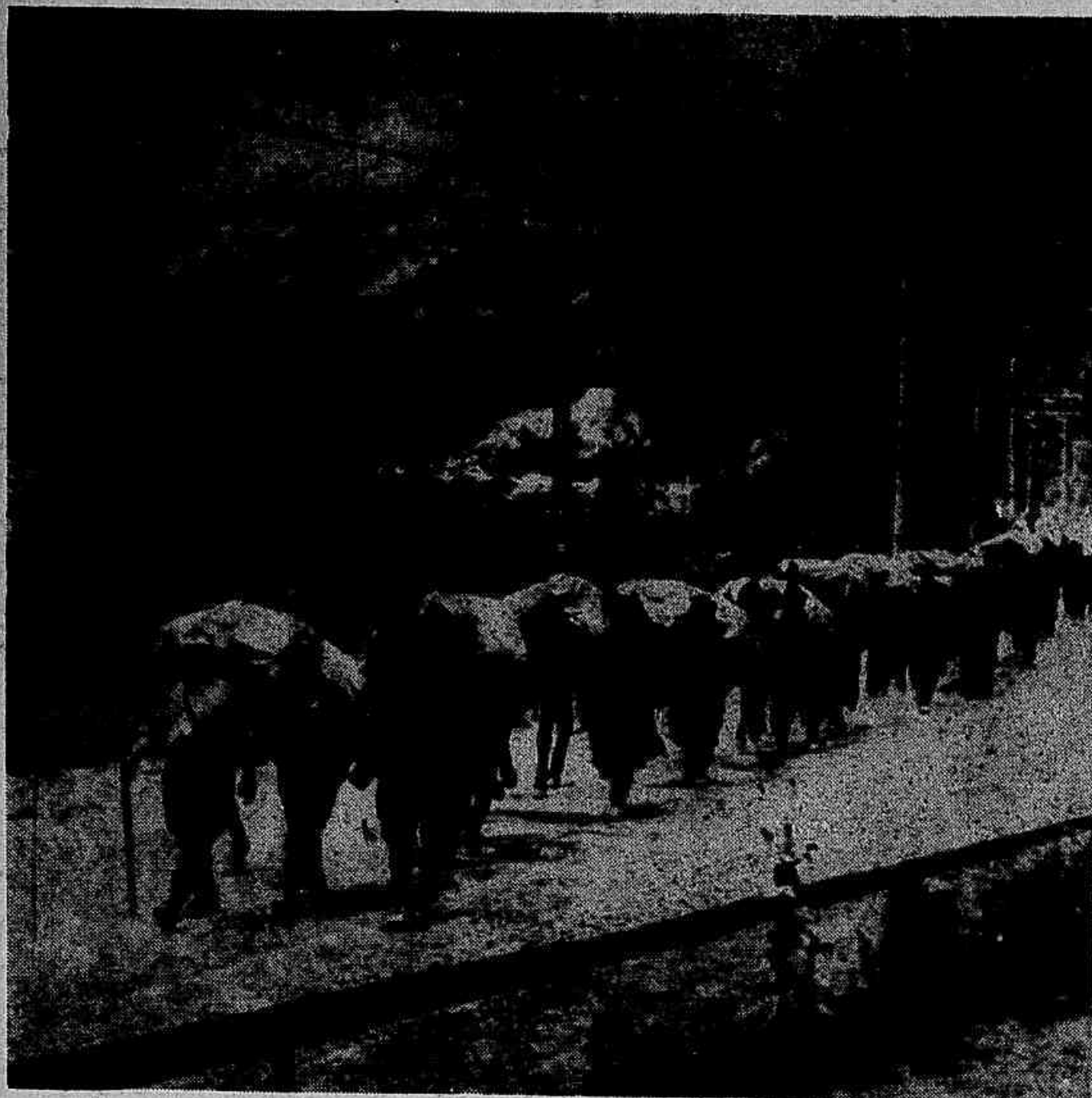
O êxito do conclave foi dos mais significativos e para isto contribuiu, sem duvida, a valiosa colaboração de eminentes juristas brasileiros e do governo, que emprestou todo seu apoio à efetivação do mesmo.

Nossa reportagem acompanhou todo o desenrolar do congresso e mostrou aos leitores de REVISTA DA SEMANA sua imponente grandiosidade.

As reuniões finais do congresso constituíram motivo de conagração dos delegados estaduais, tendo a sessão solene de encerramento contado com a presença de todas as delegações e sido presidida pelo dr. Miranda Jordão, presidente do Instituto.



O Mundo em Guerra

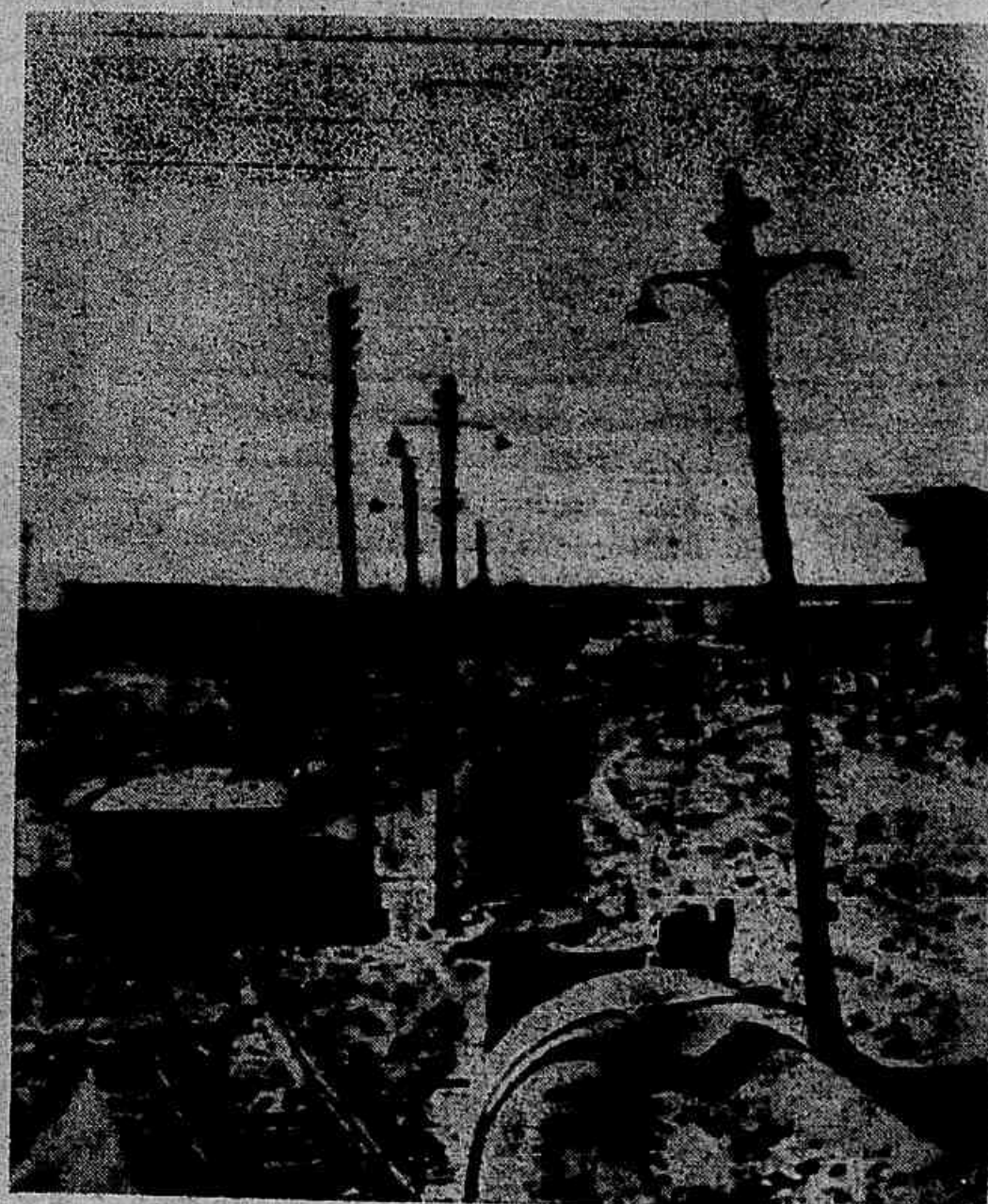


O ÚLTIMO OBJETIVO ALIADO NA PENÍNSULA ITALIANA — o Passo de Brenner, entre a Itália setentrional e a Alemanha meridional. Vêem-se nesta fotografia soldados italianos avançando nesse famoso desfiladeiro, que tem sido impiedosamente bombardeado pela aviação aliada.

A CONFERÊNCIA DE QUEBEC — Os chefes dos governos inglês, americano e canadense reúnem-se no terraço da cidadela em Quebec. Vê-se ao fundo o castelo Frontenac e as bandeiras das Nações Unidas. Sentados da esquerda para a direita vemos: Primeiro Ministro canadense Mackenzie King, o Presidente Roosevelt e o Primeiro Ministro Winston Churchill da Grã-Bretanha. De pé, da esquerda para a direita estão: o General H. H. Arnold, Comandante Geral das Forças Aéreas Norte-americanas; Sir Charles Portal, Marechal do Ar da RAF; Sir Allan Brooke, Chefe do Estado Maior Imperial; Almirante Ernest J. King, Chefe da Esquadra Norte-americana em operações; Marechal de Campo Sir John Dill do Estado Maior Imperial; General George Marshall, Chefe do Estado Maior Norte-americano; Sir Dudley Pound, Chefe do Estado Maior da Armada Britânica; e o Almirante William Leahy, Chefe do Estado Maior que comanda o Exército e a Marinha.



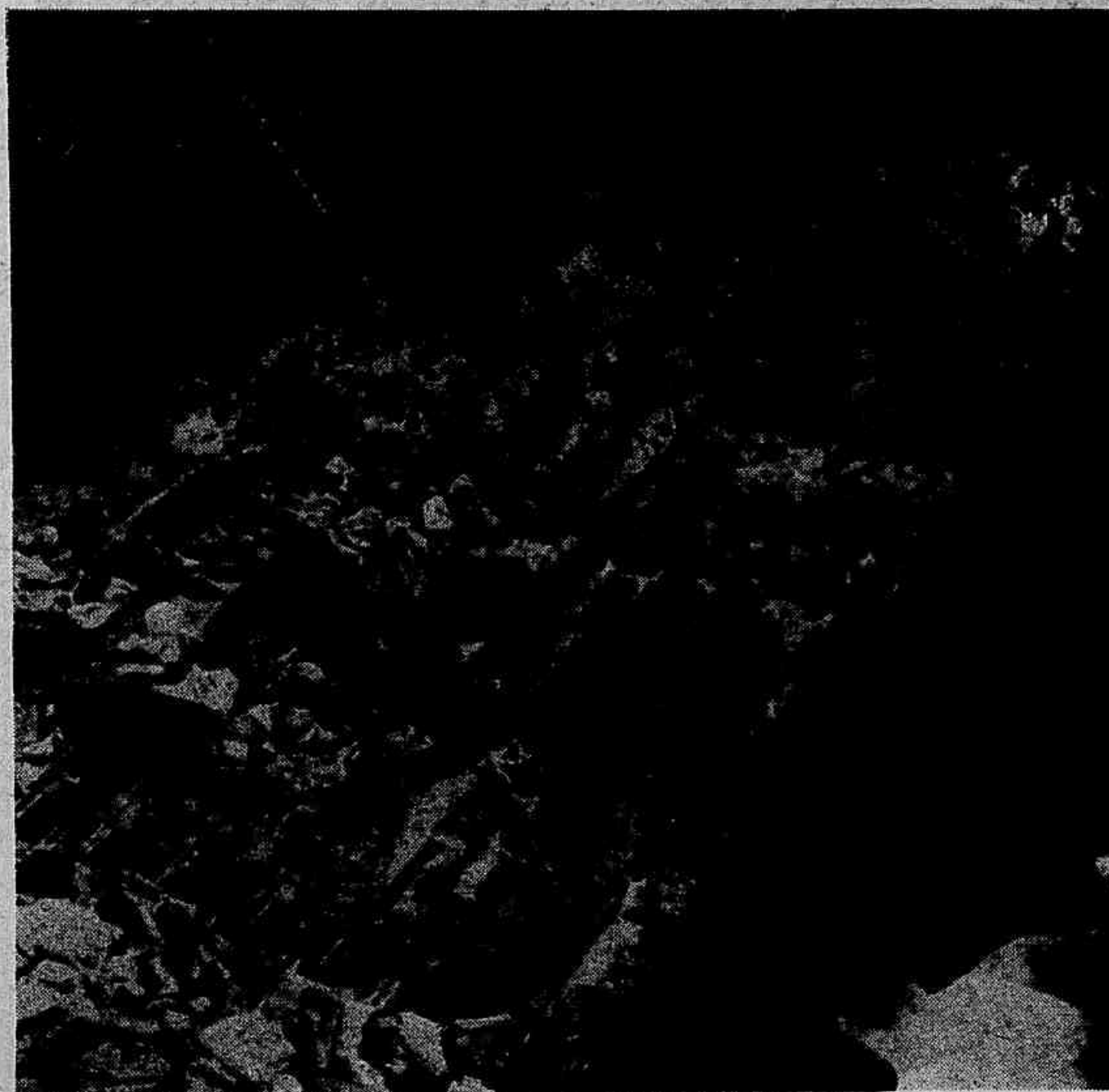
NÃO ESTÃO MUITO TRISTES OS PRISIONEIRO ITALIANOS!... — Marinheiros e soldados italianos, dos primeiros que caíram prisioneiros nas mãos dos Aliados ao invadirem este continente italiano, conversam sorridentes com homens da RAF, perto de Reggio de Calabria.



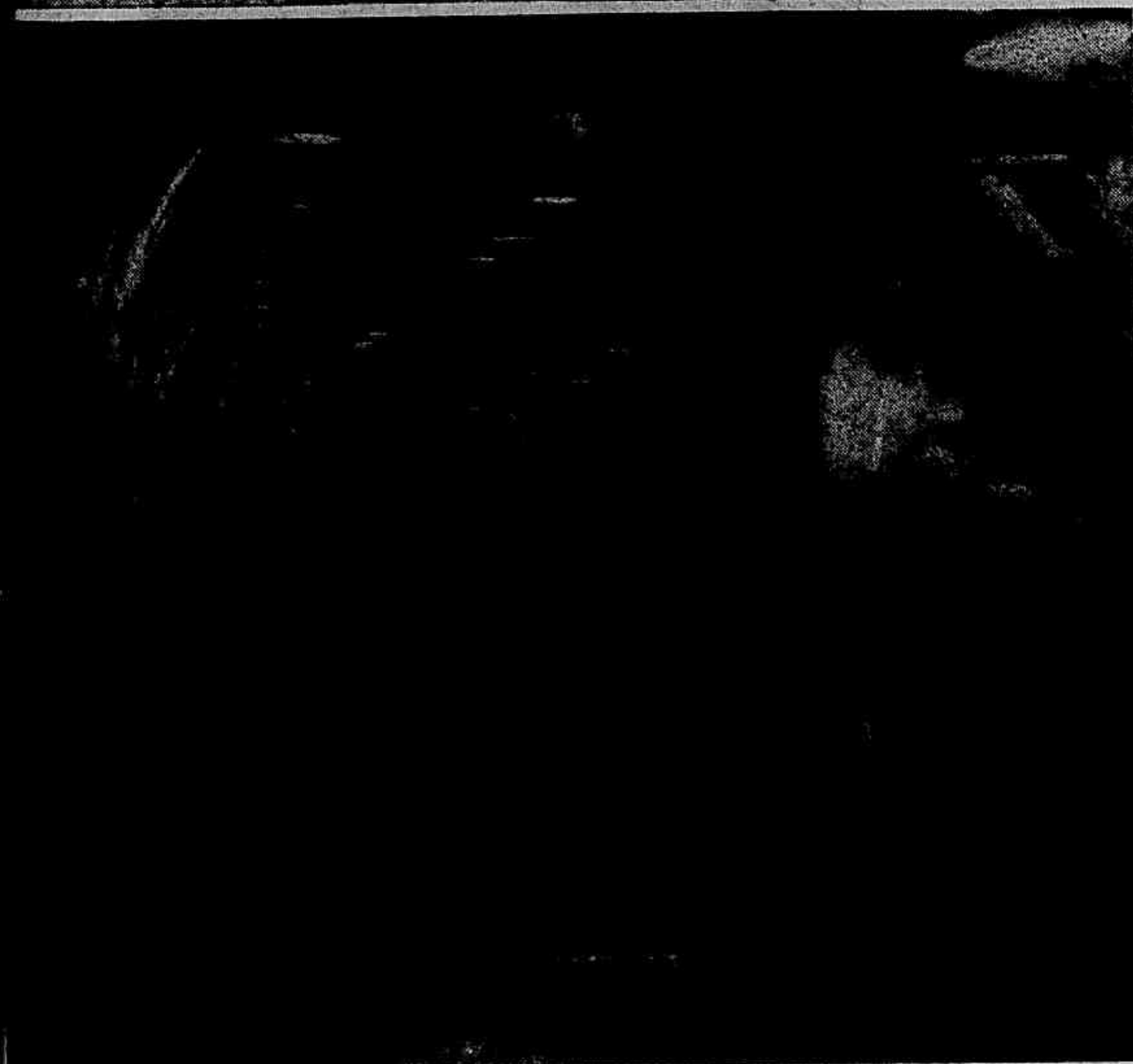
COMO FICOU MESSINA APÓS O BOMBARDEIO ALIADO — Um aspecto das ferrovias de Messina, último baluarte do Eixo na Sicília, que foi tomada pelas tropas americanas, finalizando assim a luta na Sicília. Messina foi duramente bombardeada nos últimos dias da campanha, conforme se depreende da própria fotografia.

OS PRIMEIROS FERIDOS — Feridos aliados na campanha da Itália aguardam, nas barcas apropriadas, que os transportem para os hospitais do Norte da África.

OUTRO NAVIO QUE LUTARÁ PELA LIBERDADE DOS MARES — O "Hornet" da esquadra norte-americana desliza para o mar num estaleiro da Virgínia.



NA FASE FINAL DA BATALHA DA SÍCILIA — Enquanto a infantaria norte-americana do 7.º Exército atacava as posições do Eixo em Tusa, a artilharia americana fazia fogo sobre a cidade, protegendo-lhe o avanço. Assim caiu a cidade.



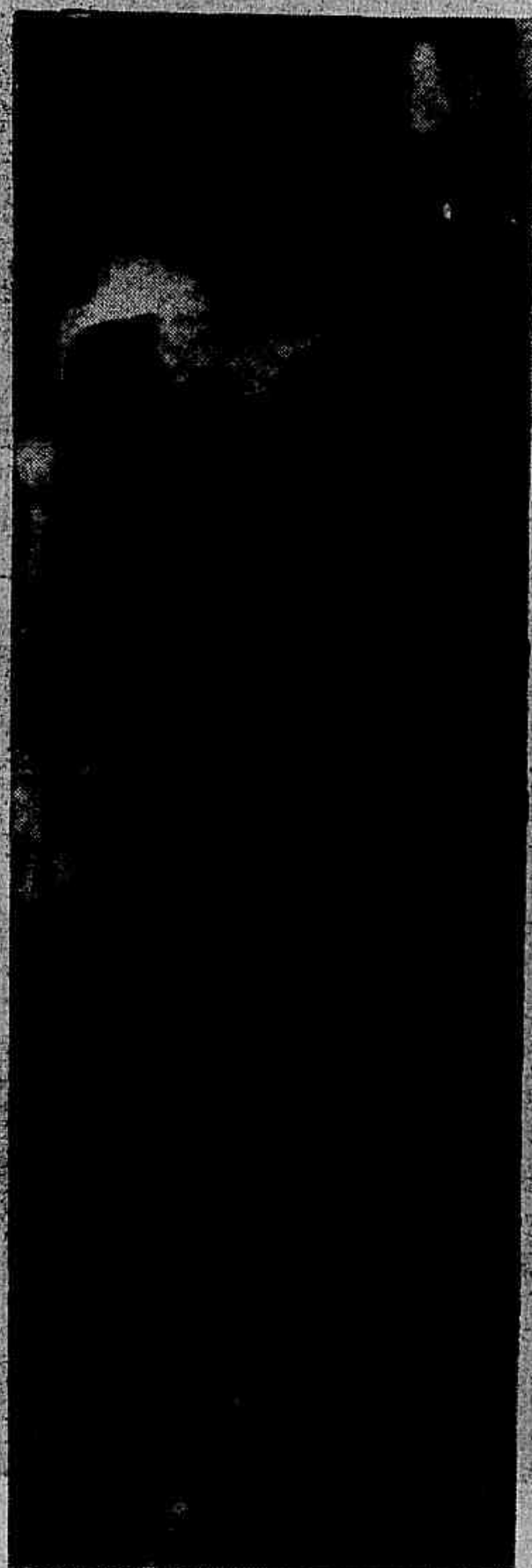
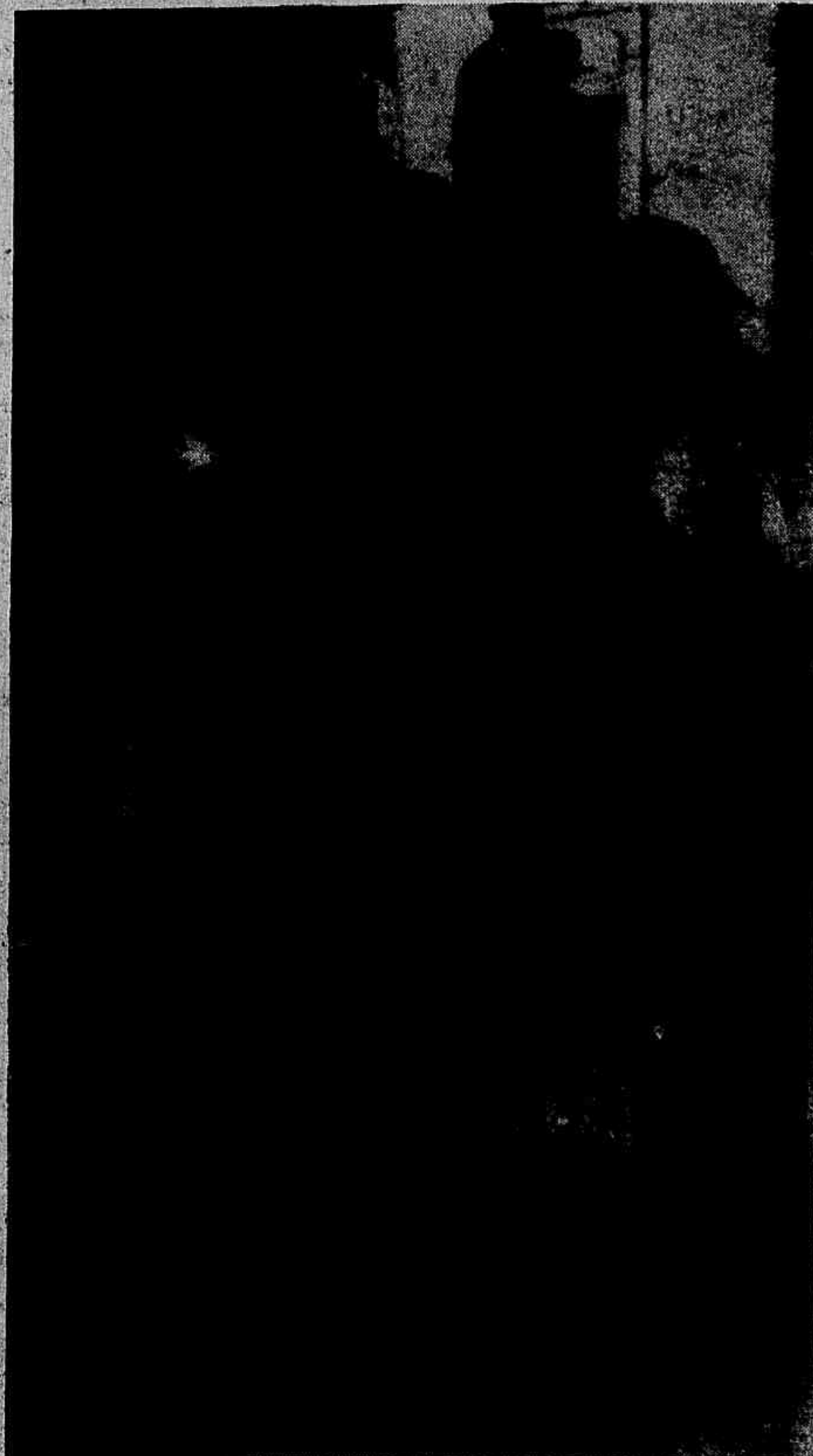
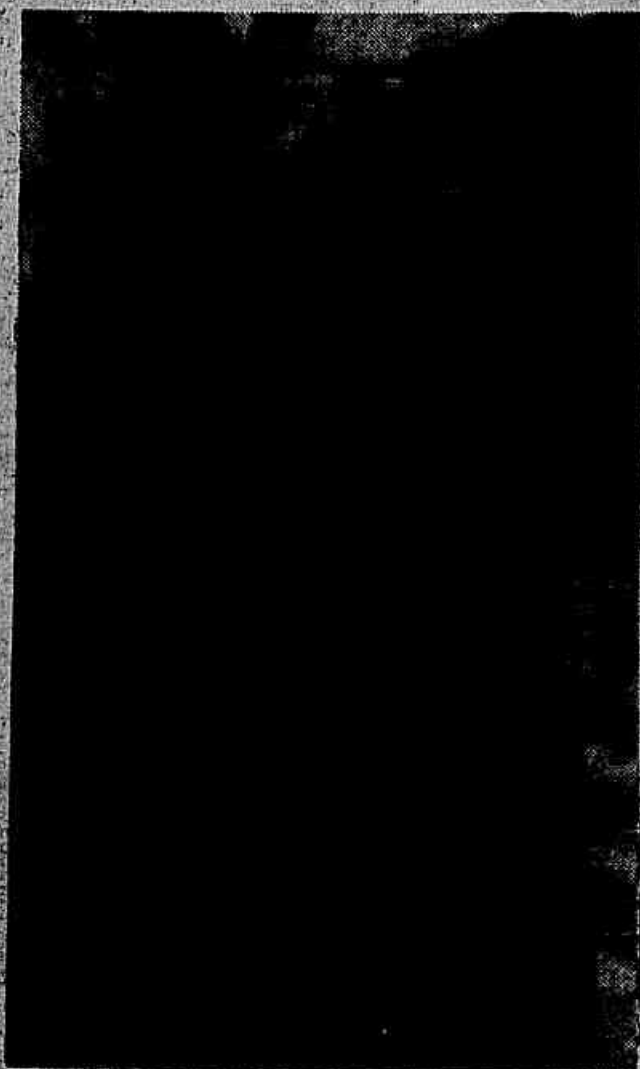
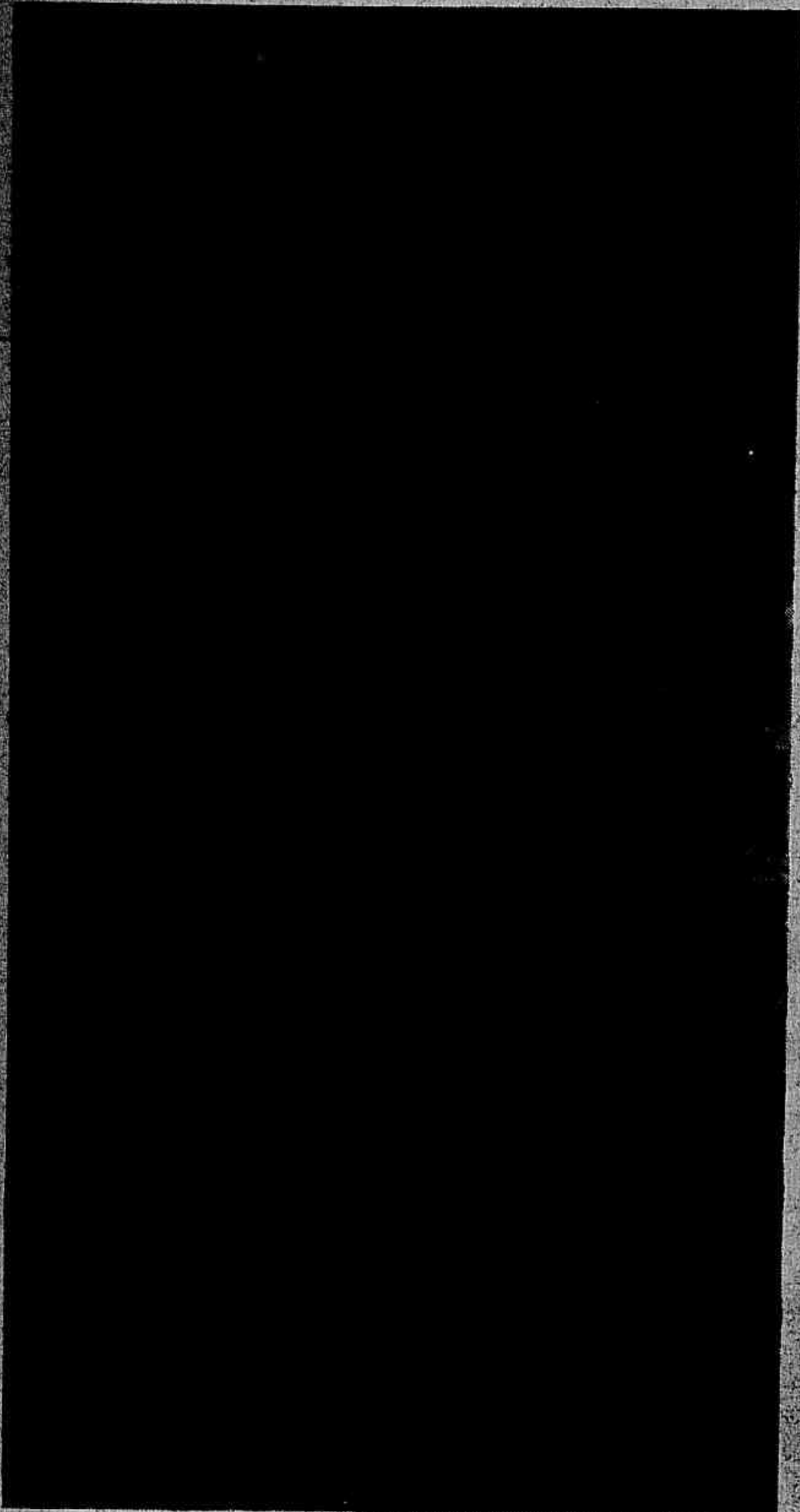
UMA FABRICA SUBTERRANEA — A 60 pés de profundidade, isenta dos ataques da aviação funciona esta fábrica de aviões em Londres, onde trabalham mulheres.



OS ALEMÃES PREPARAM-SE PARA A DEFESA — Fotografias desta espécie têm sido publicadas na Alemanha com o fim de tranquilizar o povo ante a invasão. Mostram homens do Corpo de Engenharia Alemã construindo muralhas na costa mediterrânea da França.

O Jockey Club mundano

Estampamos nesta pagina seis aspectos que por si só bem atestam a elegancia que caracterizou a tarde turfistica de domingo ultimo no Hipodromo da Gavea, mais um brilhante "meeting" com que o Jockey Club Brasileiro presenteou a alta sociedade carioca.



Entre outras variações da moda para a presente estação, Eleanor Gunn, interessante cronista nova-yorkina, assinala as seguintes: os tons pastel para os costumes de passeio estão em pleno auge. Também são grandemente apreciados os casacos confeccionados no moderníssimo rosa-ciclamen com botões de nácar ou dourados. Atualmente não se encontra uma vitrine que não exponha numerosos trajes em duas peças em cores vivas, lisos ou estampados, em panamá, gabardine e tecidos de algodão. Quanto ao negro continua a ser usado. Entretanto, para servir de fundo à estampa negra, ou branca e preta, prefere-se o vermelho sendo que, nesse caso, em geral o desenho é muito delicado e a fazenda quase sempre crespada. O cinzento, para vestidos lisos, continua imperando - sendo que a sua tonalidade mais recente é a chamada *caniche* porque se parece com o pelo do cão dessa raça.

Para variar o conjunto temos uma quantidade de blusas, jogos de golas e punhos, cintos diversos, lisos ou em quadros escoceses e detalhes em tafetá. Isso está de tal maneira difundido que Bette Davis, a grande artista da Warner possuidora de uma preciosa coleção de vestidos, declarou, não obstante, a Linda Leath: "Dentre todos, meu favorito é este modelo em que a saia ampla e a jaqueta folgada combinam com a blusa em estilo camisa de veraneio."

E cremos sinceramente que, para passar o *week-end* em festas ao ar livre e excursões, nada mais elegante e prático que esse modelo de Miss Davis.



Para a noite, entre as péles prediletas para a primavera está o arminho tanto por sua beleza como pela sua *nuance* dourada.

Esses abrigos, para a temporada de menos frio, devem ser usados amplos nos ombros e soltos.

A foto que ilustra estas páginas é uma suave evocação do Oriente, onde a lindíssima porta chinesa e o *exquis* do modelo de Fay Emerson (Warner) nos levam, insensivelmente, ao período do apogeu da terra de Confúcio, quando os mestres pintores ainda podiam transformar, no silêncio das montanhas, a sensualidade terrena numa fonte de elevação espiritual até à pureza divina.

No Teatro da Moda

Lucienne
de Paris



Sob um sol de primavera, em casa ou na rua, a estamparia em seda ou em tecidos de algodão se impõe de forma sem precedentes. Os algodões, especialmente em *piqué* estampado, têm grande aceitação; de fato, nada mais alegre e mais cômodo que um conjunto feito em algumas dessas criações que além de bonitas são acessíveis a todas as

bolsas. Tais vestidos se usam igualmente na cidade, nas praias e no campo. Por isso mesmo é que as adoráveis pequenas da Warner, Universal e Columbia lançam novos modelos com sugestões coloridas que adquirem brilhos magnéticos sob um sol de primavera.

Sob um Sol de Primavera



DEANNA DURBIN (Universal) num lindo modelo em rayon vermelho, com estamparia branca.

MARIA MONTEZ (Universal) — em dois conjuntos: o 1.º negro para tarde com ornamento de setim branco. Sapatos sem biqueira e chapéu com véu de seda negro; o segundo, em seda havana com patinhos amarelos e grande chapéu de palha, combinando. Observem a elegância dos sapatos.

E agora, em pleno campo NANCY COLEMAN (Warner) apresenta dois modelos: um em algodão estampado e outro em "laïse" e algodão.

Entretanto como um milagre de juventude e de beleza surge ALMA CARROLL (Columbia) com lindíssimo lenço campês, bordado em cores vivas, que combina admiravelmente com as rendas trabalhadas pacientemente pelas mãos habéis de uma rendeira de França.

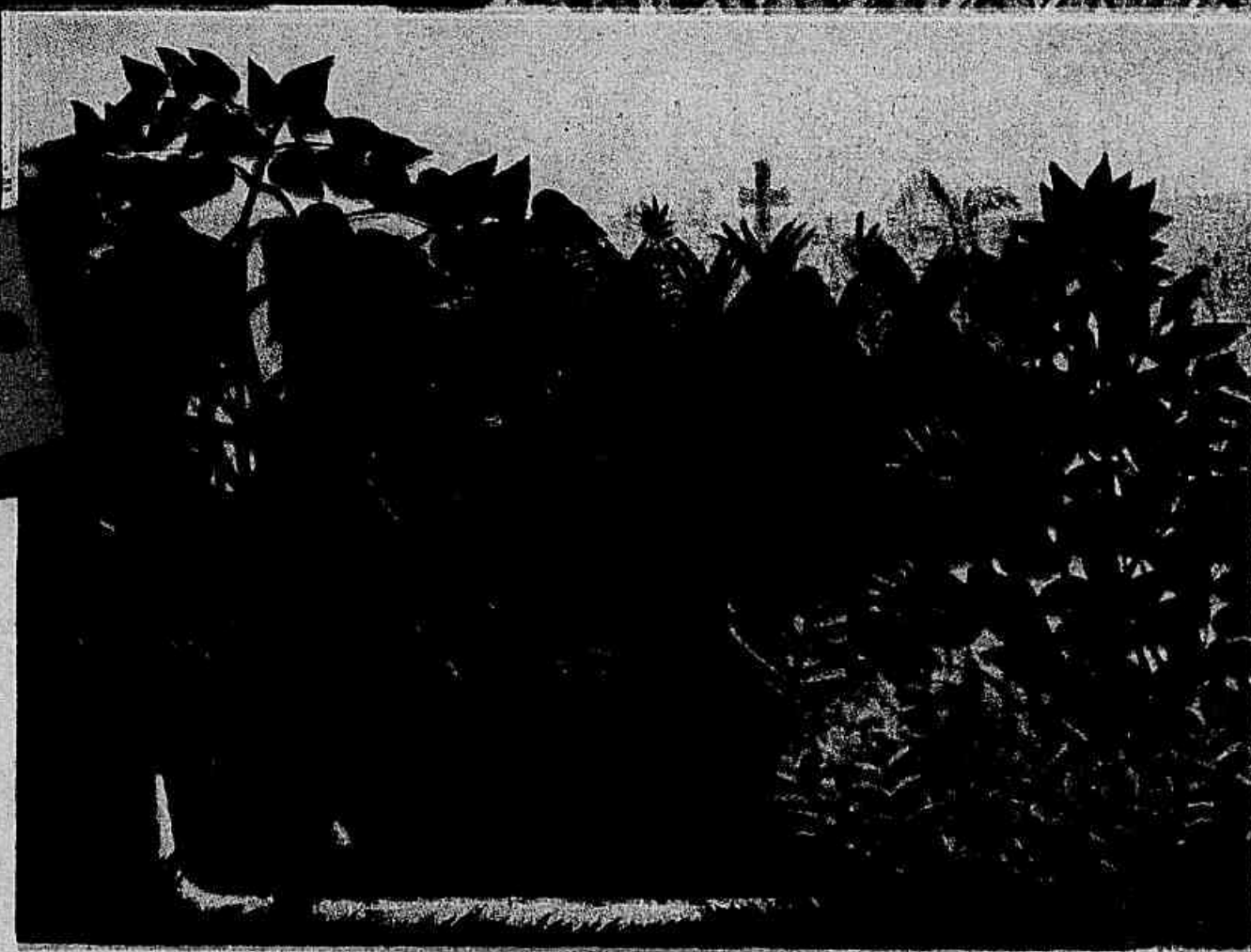




O Lar

Um ambiente moderno, confortável e *rafiné*, próprio para as lides e o descanso do intelectual.

Possuê dupla finalidade: a do trabalho — reparem a máquina sobre a secretária



*Um living-room
para o intelectual*

moderníssima e a biblioteca embutida na parede — e a do repouso: não é maravilhosa a otomana que, aliada à beleza de um quadro célebre, oferece a esse canto de sala um aspecto encantador?

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNIES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NÃO TEM PARE ANTES NEM FIANÇ

NOSSO CORPO

Conto do escritor francês

BINET-VALMER

Eis um drama, um modesto, obscuro drama em que tomei parte quando externo dos hospitais de Paris.

Lembra-se o senhor, caro mestre, do grande número de autópsias que me mandou fazer no ano em que estive sob as suas ordens, no anexo do Hotel-Dieu, sombrio casarão hoje desaparecido?

Apaixonadamente eu me entregava a esses trabalhos, auxiliado por um servente do anfiteatro, rapaz alegre, caprichoso no serviço e ao qual apenas desgostava a espécie de horror manifestada pelos enfermos quando o viam aparecer à entrada das enfermarias.

No entanto nada a sua figura tinha de terrível. Alto, de ombros largos, cabelos bem louros, faces frescamente rosadas, a toda a outra gente devia despertar simpatia. Aldeão desterrado em Paris, Tiago Brousson conservava na fisionomia alguma coisa do campônio que fora de sua terra se sente como um corpo sem alma. E notando o constante sorriso que lhe soerguia, sobre os dentes alvíssimos, o grosso lábio ingênuo, entendia eu que Brousson lidava assim, calma e desenvoltamente, com os cadáveres por ser ele próprio, de certo modo, um cadáver, por não possuir imaginação nem sensibilidade. Enganava-me.

Tinham-no proibido de entrar no vestibulo separado das salas por uma simples porta envidraçada; e realmente Brousson evitava aquele lugar.

— Meto-lhes medo... dizia-me ele. — A culpa não é minha!

No entanto, em princípios de maio, várias vezes o surpreendi desobedecendo àquela ordem; e, repreendendo-o por isso, vi-o franzir o sobrolho, com um ar irritado.

No primeiro dia desse mês receberamos uma pobre moça, tísica em último grau, e que a enfermeira chefe me recomendara sem me explicar porque. Era uma campônia que tentara empregar-se em Paris como ama seca, mas não o conseguira por causa da tosse que a afligia. Tratámos dela oito dias e depois morreu.

Morria muita gente na minha enfermaria e, em verdade, eu deixara de sentir diante dos agonizantes a emoção das primeiras semanas. Disse comigo: "Para ela foi melhor assim". E deixei-a com a vigilante.

No vestibulo, porém, encontrei Tiago com o rosto colado ao vidro da porta.

— Que faz aí? perguntei.

O servente olhou-me como se não tivesse ouvido e, de repente, interrogou por sua vez:

— Morreu?

— Quem?

— A do 19.

Era o número da campônia. Respondi:

— Sim. Acaba de morrer.

Brousson fez um movimento para entrar na sala; mas os doentes, já horrorizados com aquele falecimento, romperam em gritos. O rapaz deteve-se no momento mesmo em que eu o censurava:

— Que é isso? Você bem sabe que está proibido...

Sem dar palavra, precipitou-se para fora do vestibulo. Voltei à sala, para tirar aquilo a limpo.

— Senhora Legrand!

A vigilante deixou a cabeça da morta; e pude interrogá-la sobre os estranhos modos de Brousson.

— Era a sua namorada lá na terra... explicou a mulherzinha. — Foi a pedido dele que eu a recomendei ao senhor. A rapariga não pode suportar as saudades, veio para Paris... E aí está. Tristeza da vida. Brousson tinha-me pedido que não dissesse nada ao senhor e nem revelasse à namorada o serviço que ele fazia aqui... Dizer que, daqui a pouco, a vão levar lá para baixo... E amanhã, a autópsia...

— Ah, não, isso eu evitarei, senhora Legrand!

Corri ao compartimento onde Brousson, como de costume, me preparava o serviço. Bati-lhe suavemente no ombro.

— Brousson, a vigilante contou-me tudo...

— Ah, sim? murmurou ele, sem interromper a tarefa que era instalar na armadilha de madeira o cadáver dum velho que eu ia abrir.

— Escute, eu desejava poupar-lhe...

Brousson voltou-se bem para mim:

— Foi uma desgraça! Uma desgraça que eu não merecia. Quando parti da terra, foi para ver se ganhava um pouco de dinheiro. Éramos tão pobres ambos... Andei uma porção de tempo sem arranjar nada. Começava aqui a endireitar a vida. Ela, porém, cansou-se da minha ausência, resolveu vir também. E foi esta desgraça.

Enquanto assim falava, ia arrumando os instrumentos.

— Está tudo pronto, doutor.

Passou-me a tesoura, o malhete. Não me sentia nada disposto para o trabalho. Mas era necessário... E ataquei o cadáver.

— Eram noivos, vocês?

— Íamos casar assim que tivéssemos juntado bastante. Conheciamo-nos desde crianças. E eu lhe queria tanto... Não merecia isto!

Deixou-se cair num banco, escondeu o rosto nas mãos enxovalhadas. Depois de acabarmos o trabalho e quando eu lhe ia comunicar a idéia que tivera, Brousson antecipou-se a falar, dando à voz um tom suplicante:

— Se o senhor quizesse ter a bondade de intervir junto ao diretor para me darem folga amanhã...

Respondi-lhe que sim; e, dominando a timidez de moço, que me paralizava diante daquela máguia, acrescentei:

(Continua na página 48)

PROGRAMAS DE ONDAS CURTAS em português DOS EE.UU. PARA O BRASIL

Transmitido simultaneamente das seguintes estações:

WRCA - 15.15 Mgcs. (faixa de 19 ms.) das 18:00 às 20:45

» - 9.67 » (faixa de 31 ») das 21:00 às 24:30

WGEA - 11.85 » (faixa de 25 ») das 18:00 às 21:45

» - 7.00 » (faixa de 41 ») das 21:30 às 24:30

WCBX - 9.49 » (faixa de 31 ») das 18:00 às 24:30



Hora do Rio Domingo

18:00	Resumo dos Programas e Notícias
19:00	O Mundo Hoje
19:10	Resumo dos Programas
19:30	Melodias da Broadway
19:45	A Vida em Hollywood
20:00	Rádio Jornal
20:15	Salão de Concerto
20:45	Música Semi-Clássica
21:00	Resenha dos Programas
21:02	Notícias
21:15	Música da América
21:45	Bandas Militares
22:00	Notícias
22:15	Olga Coelho e Trio Charro Gil
22:30	Reinaldo Henriquez e a Orquestra Panamericana
23:00	Notícias
23:15	Orquestra Filarmônica de Nova York
00:00	Resumo das Notícias
00:15	Devaneio Musical
00:30	Encerramento

Hora do Rio Segunda

18:00	Resumo dos Programas e Notícias
18:15	Magia Tropical
18:30	A Semana em Revista
18:45	Spotlight Bands
19:00	Notícias
19:15	Alô Amigos
19:45	Música de Dança
20:00	Rádio Jornal
20:15	Sammy Kaye e sua Orquestra
20:45	Música Semi-Clássica
21:00	Resenha dos Programas
21:02	Notícias
21:15	Orquestra de Walter Gross
21:30	Orq. de André Kostelanetz
22:00	Notícias
22:15	Eva Garza e Trio Charro Gil
22:30	Música de Manhattan
23:00	Notícias
23:15	Trio Charro Gil
23:30	Convite à Música
00:00	Resumo das Notícias
00:15	Devaneio Musical
00:30	Encerramento

TRANSMISSÕES EM "ONDAS DIRIGIDAS" PARA O BRASIL.

Hora do Rio Terça

18:00	Resumo dos Programas e Notícias
18:15	Cancões das Nações Unidas
18:45	Resenha Literária
19:00	Notícias
19:15	Chopiniana
19:30	Conheça Nova York
20:00	Rádio Jornal
20:15	Orquestra de Vincent Lopez
20:45	Orquestra de Freddie Martin
21:00	Resenha dos Programas
21:02	Notícias
21:15	Orquestra de Raymond Scott
21:30	Notícias Desportivas
21:45	Música por Tucci
22:00	Notícias
22:05	Chamando Pan America
22:30	Eva Garza e Orquestra Panamericana
23:00	Notícias
23:15	Trio Charro Gil
23:30	Devaneios Musicais
00:00	Resumo das Notícias
00:15	Orquestra Panamericana
00:30	Encerramento

Hora do Rio Quarta

18:00	Resumo dos Programas e Notícias
18:15	Valsas Famosas
18:45	Serenata Tropical
19:00	Notícias
19:15	Seleções de Operas
19:45	Dinah Shore - canções
20:00	Rádio Jornal
20:15	Contrastes Musicais
20:30	Aviação Americana
20:45	Música Semi-Clássica
21:00	Resenha dos Programas
21:02	Notícias
21:15	Quarteto Golden Gate
21:30	Notícias de Hollywood
21:45	Concertos de Jazz
22:00	Notícias
22:15	Eileen Farrell e a Orq. da CBS
22:30	Reinaldo Henriquez e a Orquestra Panamericana
23:00	Notícias
23:15	Eva Garza e Orquestra Panamericana
23:30	Música de Manhattan
00:00	Resumo das Notícias
00:15	Orq. de Walter Gross
00:30	Encerramento

Hora do Rio Quinta

18:00	Resumo dos Programas e Notícias
18:15	Chopiniana
18:30	All-Time Hit Parade
19:00	Notícias
19:15	Chá Dansante NBC
20:00	Rádio Jornal
20:15	Orquestra de Vincent Lopez
20:45	Orquestra de Freddie Martin
21:00	Resenha dos Programas
21:02	Notícias
21:15	Orquestra de Raymond Scott
21:30	Notícias Culturais por Gaspar Coelho
21:45	A América do Norte Canta
22:00	Notícias
22:15	Olga Coelho
22:30	Eva Garza, Trio Charro Gil e a Orquestra Panamericana
23:00	Notícias
23:15	Trio Charro Gil
23:30	Banda dos Fuzileiros N. A.
00:00	Resumo das Notícias
00:15	Devaneio Musical
00:30	Encerramento

Hora do Rio Sexta

18:00	Resumo dos Programas e Notícias
18:15	Momento Musical
18:45	Revista Cultural
19:00	Notícias
19:15	Música do Novo Mundo
19:45	Música de Dança
20:00	Rádio Jornal
20:15	A Página Feminina
20:45	Música Semi-Clássica
21:00	Resenha dos Programas
21:02	Notícias
21:15	Orquestra de Paul Barron
21:30	Cartas em Revistas
21:45	Alma de Minha Pátria
22:00	Notícias
22:05	Pelos Sendeiros da Música
22:30	Comentário
22:35	R. Henriquez e Orq. Panamer.
23:00	Notícias
23:15	Trio Charro Gil
23:30	Orq. de Concertos CBS e Solistas
00:00	Resumo das Notícias
00:15	Orquestra de Walter Gross
00:30	Encerramento

Hora do Rio Sábado

18:00	Resumo dos Programas e Notícias
18:15	Orq. de Alfred Wallenstein
18:45	Bolet. Latino-Americano
19:00	Notícias
19:15	Club do Swing
19:30	Fantasia Musical
20:00	Rádio Jornal
20:15	Caravana Tropical
20:45	Orquestra de Freddie Martin
21:00	Resenha dos Programas
21:02	Notícias
21:15	Orquestra de Raymond Scott
21:30	Notícias de Hollywood
21:45	Banda Militar
22:00	Notícias e Comentários
22:15	A Hit Parade
22:45	R. Henriquez e Orquestra Panamericana
23:00	Notícias
23:15	Orquestras de Variedades
23:30	Música de Hoje e Ontem
00:00	Resumo das Notícias
00:15	Orquestra de Harry James
00:30	Encerramento



A moda é sem dúvida uma grande feiticeira. Grande e temível, pois engloba mil atrações diversas (chapéus, sapatos, perfumes, maquillage, acessórios, etc...) e se utiliza de filtros perigosos. Devido a tudo isso a *mulher* — diletta cobaia da moda — transforma-se constantemente e com o terrível sortilegio da novidade prende de maneira irresistível os descendentes de Adão.

Aqui temos, por exemplo, Marjorie Hosbelle (Warner) Marjorie Lord e Maria Montez (ambas da Universal), impecáveis de elegância, apresentando modelos de chapéus típicos de transição do inverno para a primavera.

E, numa parada demonstrativa, de que apenas um detalhe pode sugerir novos conjuntos, desfilam tres modelos dos mais afamados, das grandes casas de modas de New-York.

E, agora, observando tudo isso, respondam: Não é a *moda*, muito mais que a *mulher*, uma grande feiticeira?



A BELEZA E' OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o crême de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e re-frescar a cutis.

Depois de aplicar este crême, observe como a sua cutis ganha como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador á vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Crême de Alface permite á pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Crême de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

A Magia da Moda



ROUGE LIQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARAVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



Minha Casa e meu jardim...





Com a guerra, os jardins cederam lugar às hortas da vitória. Até mesmo com a família real inglesa, sucedeu assim. Entretanto ainda sobra um cantinho de terreno destinado às flores e ao refugio da Primavera.

A Jardinagem caminha *pari-passu* à horticultura. Assim pensam Evelyn' Keyes (Columbia) que foi colher a primeira flor desabrochada este ano, no seu jardim; Nancy Coleman (Warner) que inspeciona o trabalho do jardineiro e Ann Sheridan (Warner) sentada pensativamente, junto das pequeninas margaridas.

Quanto a Nan Wynn (que nome engraçado!) é francamente da horticultura. Veste seu lindo traje, proprio para este mistér, e vai trabalhar de verdade.

Entretanto reparem — essas artistas têm mesmo muito gosto! — reparem o vestuário de cada uma. A roupa e o ambiente. Elas se integram naquela e aquela neste ultimo; tanto que parecem exclamar orgulhosas: "Sim esta é a minha casa! Sim, este é o meu jardim!"

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISIVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

Noticiário Elegante

ANIVERSÁRIOS

DIA 2:— Senhora Maria da Penha Fonseca Bittencourt. Senhores: dr. Paulo Magalhães, jornalista Amílcar Zeferino Barroso e dr. Fontes Junior.

DIA 3:— Senhora Mariinha Duarte. Senhores: dr. Rodrigues Alves Filho, Domingos Vassalo Caruso e Jorge da Costa Pimentel.

DIA 4:— Senhoras: Paulina Gomes Braga, Anita Pastor d'Angelo e Laura Marquetti de Oliveira. Senhores: Professor Clovis Bevilacqua, dr. Rubem Rosa, ministro do Tribunal de Contas, monsenhor Francisco de Melo e Souza e Licurgo Costa.

DIA 5:— Senhores: general Leite de Castro e dr. Renato Bittencourt.

DIA 6:— Senhora Olinda Serra. Senhores: José Carlos de Macedo Soares, da Academia Brasileira de Letras e dr. Antônio Cardoso Fontes.

DIA 7:— Senhoras: Noemia Frota Louada, Violante Freire Carvalhal e Lília Guaspari Ribeiro. Senhores: dr. João Maria de Lacerda, Raul Roulien e Hamilton Barata, jornalista.

DIA 8:— Senhora Dirce Ribeiro. Senhores: D. Antonio dos Santos Cabral, arcebispo de Belo Horizonte, dr. Viana do Castelo e Francisco Leite.

NASCIMENTO

HELENA MARIA — O lar do sr. Walter Nogueira alto funcionario do Ministério da Fazenda e de sua gentil esposa D. Helena Peres de Nogueira está em festa com o nascimento de sua filhinha Helena Maria.



NO INSTITUTO NACIONAL DE MUSICA, realizou-se uma festa em beneficio dos indios do Amazonas festa essa, bastante apreciada e muito concorrida. Damos aqui dois aspectos da numerosa assistencia.

LETICIA DE FIGUEIREDO que realizou no dia 17 do mês de Setembro, próximo passado, na A. B. I., um recital de canto que foi muito aplaudido.



CASARAM-SE NA IGREJA DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO, no dia 19 de Setembro, Regina Maria Cabral Peixoto e Artur Bosisio. Na gravura á direita, os noivos durante o ato religioso.

Desfile de Modelos

Dizem que o Rio é uma cidade maravilhosa. E é mesmo. Tão maravilhosa que o próprio tempo resolve brincar com ela, e quase diariamente.

Por isso os estrangeiros observam perplexos que as mesmas elegantes que num dia aparecem em estilo primaveril pedindo aos garçons um apetitoso *ice-cream*, *sundae de chocolate*, etc., no outro se abrigam com *renards*, capa de peles, etc., exigindo com alguma impaciência: "uma bebida quente para cortar o frio".

Dessa duplicidade atmosférica, em pleno meado de Setembro, Goulart apresenta alguns modelos que se fizeram usar no Jockey-Club e na Americana.



UENCARRELLI
UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO

Nosso corpo

(Continuação da página 39)

— Escute, Brousson... Você pode reclamar o corpo ou eu posso pedir ao chefe para não se fazer a autópsia.

Deu de ombros, tristemente:

— Que adiantava isso? Ela está morta...

— Então para que quer você essa folga?

O rapaz baixou os olhos:

— Para recordar...

— Compreendi. Compreendi, não tanto as palavras, mas a expressão, ao mesmo tempo pudica e sonhadora, do seu rosto.

— Descanse, terá a sua folga. Além disso, falarei ao chefe, para não...

Tornou a dar de ombros, com tristeza:

— Que importa? Ela morreu...

Dois homens trouxeram o corpo, com o seu lençol, e colocaram-no num dos compartimentos junto da câmara gelada.

Brousson não lhe tocou; e os homens, a quem de certo a vigilante prevenira, deram uma volta para não passar por diante de nós.

— Quasi não sofreu... observei, compadecido.

— Era uma rapariga corajosa... E eu lhe queria tanto...

Fomos à presença do diretor e este propôs a mesma coisa que eu lembrara: Brousson podia reclamar a noiva. Ele, porém, não fazia questão disso; desejava apenas uma folga para o dia seguinte.

Concederam-lha; e o senhor me permitiu, caro mestre, não fazer aquela folga de que talvez lhe resultasse boa contribuição para as suas preciosas experiências... Quando, porém, dois dias depois, comuniquéi a Brousson aquela contemplação, ainda uma vez ele deu de ombros.

— Que fez você ontem, Brousson?

— Fui passear no campo, com ela.

— Estava com os olhos avermelhados, as feições abatidas...

— Com ela. Eu lhe queria tanto, tanto...

E de repente, desatou em soluços.

Muitas vezes, depois, falámos da sua namorada. Vim a saber como a criatura era alegre, como era linda e como ele se sentira feliz no dia do primeiro beijo.

— Fechando os olhos... dizia-me ele — vejo-a perfeitamente... Vejo-a como era naquele tempo.

E eu sentia — talvez por ser ainda muito moço — que Brousson me dava uma lição, ele que manuseava cadáveres, sabia o que eram cadáveres e o que a sua amada acabara sendo, mas, sem fazer caso disso, a conservava viva em si mesmo, desprezando aquele corpo que fôra pela alma abandonado.

Hoje, a morte me espera

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 19)

Subito uma lanterna electrica acendeu; a poucos passos de distancia. Lentamente e sem ruido Stuart puxou o punhal que trazia perto do tornozelo e esperou. A luz veio andando em zig-zag deteve-se numa moita subiu por um tronco... O rapaz encolheu-se, com o punhal seguro na mão crispada, os dentes cerrados, pronto para o golpe silencioso, rápido e mortal dos comandos.

A luz caiu-lhe em cheio, no rosto.

— Robert! — gritou uma voz de mulher. Stuart ergueu-se de um salto. A luz da lanterna seu rosto estava livido, os olhos dilatados:

— Helen! — murmurou, com voz surda.

— Que faz você aqui na França?

— Missão de comando.

— Esta zona está cheia de soldados alemães! Aqui perto ficam...

— Eu sei — cortou o comando — e vim para destruir isto mesmo.

— E como voltará?

— Não voltarei nunca mais."

Helen riscou um fosforo e acendeu o lampeão de gasolina que pendia do tecto. A sala era exigua e os moveis que a guarneciam, toscos.

— Meu pae alugou esta casa por alguns mezes para aqui escrever uma novela. Quando veio a guerra ele quiz voltar à Inglaterra, mas caiu doente. Em Agosto os alemães apareceram na região e toda esperança de fuga se desvaneceu.

Uma noite ele saiu, só — a voz da moça quebrou-se. — De repente ouvi tiros, varios tiros...

Robert sacudiu a cabeça. Tinha compreendido.

Depois de curto silencio, Helen voltou a falar:

— Quando ouvi o rumor que você fez, abri a janela e, sem pensar, atirei... depois nada mais ouvi... assustei-me... temi ter alvejado algum inocente camponês e sai para prestar socorro, se ainda fosse tempo.

— Que conta fazer? — indagou o comando.

— Não sei — respondeu a moça, com um gesto de desanimo.

Robert sentiu o coração alvoroçado. Ela estava linda e a expressão de dor acentuava-lhe a pureza dos traços.

— Helen — começou o jóvem — eu nada posso fazer. Você precisa recomendar... e eu... vou terminar...

A moça levantou a cabeça bruscamente, com os olhos abertos de espanto:

— Então quando você disse que não voltaria nunca mais...

— Queria dizer isto mesmo: não voltarei nunca mais.

— Como?

— Minha missão é suicida. Um golpe serio para a ofensiva alemã. E ainda mais serio para mim.

— E você aceitou... — começou Helen, hesitante.

— Propuz — corrigiu Stuart.

A pergunta veio, angustiosa e tremula:

— Por que?

O inglês passava os dedos lentamente pela grade do capacete que tinha nas mãos:

— Porque — respondeu — desde aquela noite em que você me tirou toda esperança, não havia mais lugar para mim na vida.

Robert depoz o capacete num banco:

— Quando a guerra chegou, eu achei que meu sofrimento era egoista, no meio de tanta dor; mas, não pude vencê-lo.

O rapaz ergueu-se e proseguiu:

— Quiz então que ele servisse à causa daqueles que sofriam. Dou, por eles, a vida. Nada de mais. Dou o que já não tem finalidade para mim.

Stuart deteve-se. Corriam lagrimas dos olhos de Helen.

— Escute — disse ela — meu pae não consentiria nunca... e eu julguei que se você pensasse que eu não o amava, mais rapidamente esqueceria... e menti... Também sofri... não poderia e quecer.

A joven, que reclinara a cabeça no peito do Comando, ouvia-lhe pulsar o coração desordenadamente; mas era fi me a mão que lhe acariciava os dourados aneis do abelo

— Seria melhor não ter encontrado — murmurou o rapaz, gravemente — Eu ia para a morte sem hesitação n m medo porque a via como o prisioneiro, do escuro de seu calabouço, vê um pedaço de céu entre as grades da janela. Aguardei-a mil vezes, nas nuvens, e mil vezes ela fã tou ao encontro marcado;

Robert falava mais lentamente:

— Agora, a morte me aterroriza... e hesito... A vida tornou-se para mim imensamente doce e bela... Deixa-la é perder um bem precioso e inestimavel... E' perder-te... para sempre... Hoje é a morte que me espera e meu desejo é fugir."

As ultimas palavras, ditas num sussurro, confundiram-se com um longinquo rumor, baixo e surdo, que vinha nas lufadas da briza.

— Avieões — disse o comando.

— Pare em muitos — comentou a moça.

O rumor avolumava-se aos poucos.

A voz do rapaz soou baixo no silencio da casa:

— Bombardeiros. Vão para Inglaterra... para nossa Inglaterra. Vão lançar bombas sobre aldeias e cidades, mata mulheres, velhos e crianças, e deixar criaturas sem lar... E haverá filhos que soluçando alto procurem seus paes entre destroços informes..."

O ronco dos motores ecoa como um trovão distante e interminavel.

— ...e haverá paes que mortalmente fãlidos removerão ruínas à procura de seus filhos... E' a dor, o desespero e a morte que vão a caminho das cidades inglezas!"

Os motores atroam os ares, agora com ruido ensurdecedor.

A vez do Comando elevou-se:

— "Vai-se perpetrar um crime. Milhares de victimas serão assassinadas porque não querem ser escravos... — Stuart abaixou a voz como que falando para si mesmo:

— Eu já vi uma cidade bombardeada... Vi removerem as ruínas de uma casa... Um homem, mais febril do que os outros, apatava toros de madeira e blocos de pedra com verdadeiro frenesi... De repente apareceu um ursinho de pano... depois, entre pedra e calça, a ponta de uma saizinha manchada de sangue... O que ainda faltava aparecer não vi, porque me afastei... mas "ele" viu..."

O Comando calou-se. Os avieões passavam, ainda, como uma procissão diabólica dos enviados do Mal.

— A sim fazem a guer a os nazis: Cruel e monstruosamente. E, se vencerem, a Humanidade sofrerá nas suas mãos até que a vida não mereça ser vivida e a morte venha a ser o m'nor de seus crimes."

O rovão dos motores rolava pe'o vale.

— Helen! — exclamou o Comando — Por Deus e pela Humanidade é preciso impedir que eles vençam!"

E tomando as mãos da moça, murmurou:

— Adeus!"

Colocou o capacete, desceu a jugular, examinou as granadas de mão e dirigiu-se à porta.

Helen seguiu-o.

— Iremos juntos — disse ela."

Ao passar pelo lampeão a moça extinguiu a luz. Sairam ambos para a noite. O vento frio bateu-lhes no rosto. A quietude voltara.

— Acha que chegaremos? — murmurou a joven.

— Chegaremos...mas você não deve ir...porque será impossivel voltar...

— Prefiro assim."

Um clarão vermelho abriu-se como um leque de fogo no fundo escuro do céu. Alguns segundos depois ribombou pelo vale o fragor prolongado de tremenda explosão. No ar e nas árvores pareceu ficar a expectativa ansiosa que sucede a um grande rumor inexplicavel.

Um vulto másculo surgiu seguido de perto por outro gracil e pequeno. A voz do homem falou, baixa e ofegante:

— "Destruimos tudo. Mas é impossivel escapar".

Os dois fugitivos corriam pela encosta.

— Toda a guarnição está em nosso encalço. Somos dois contra milhares".

Estendia-se no horizonte o lívido clarão da madrugada. A' proximidade do nascer do dia a quietude da noite cedia lugar à tristeza grandiosa da alvorada. A sombra era ainda espessa.

Stuart e a joven seguiam pela encosta, entre árvores de troncos verticais e alta ramada eternamente murmurante.

Quando chegaram à crista da elevação seus vultos se recortaram, nitidamente em negro, no céu onde os primeiros alcores do dia nascente punham pãhdos tons nas nuvens que fugiam.

Um jato de flama esguichou de entre as moitas, lá embaixo, e um crepitar de metalhadora fez-se ouvir por um momento.

Os dois vultos curvaram-se e rôlaram or terra.

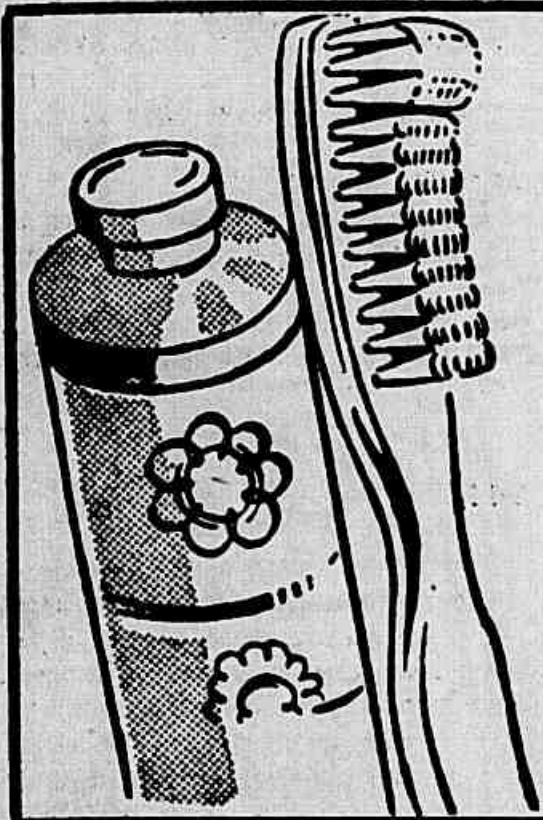
— "Herr lieutenant, este inglês deve ter vindo no avião que abatemos á noite. Encontramos o paraquedas oculto no bosque."

O oficial passeou a luz da lanterna pelos dois corpos sem vida, estendidos no solo.

A luz percorreu um corpo esbelto de mulher, passou para outro, longo e fôte, de homem e foi deter-se em duas mãos que se apertavam como em derradeira despedida ou num pacto indissolúvel.

— E esta mulher? — perguntou o oficial. Quem será?





Isto limpa os dentes, mas não elimina o MAU HÁLITO

Para assepsia completa da boca, use Odorans — o dentifrício medicinal, que penetra em todos os interstícios dos dentes não atingidos pela escova, impedindo a fermentação de partículas alimentares — principal causa do mau hálito. O poder germicida de Odorans evita a piorria, gengivites, etc. Faça bochechos e gargarejos com uma solução de Odorans pela manhã, à noite e após as refeições.

ODORANS
O DENTIFRÍCIO MEDICINAL

Sem deixar vestígios

(Continuação da página 8)

— Seria mais acertado se nós entrássemos numa sala onde a senhora pudesse sentar-se, madame — sugeriu o primeiro policial, depois de outro relance de olhos ao companheiro.
— Se quiserem. Entrem para a sala de jantar — e ela abriu caminho, virando-se quando alcançou a mesa, a mão livre agarrando-lhe a borda.
— Parece que a senhora esteve fora — observou o primeiro policial, apalpando o capacete e deixando o olhar deslizar do chapéu da mulher para os sandwiches que estavam atrás dela.

— Para falar verdade, acabo mesmo de chegar. Fui ao cinema.
— Oh, ao cinema. Então suponho que não ouviu nada.
— Ouvir nada? — repetiu ela. — Não. Não sei o que o senhor quer dizer.
— Compreendo. Posso perguntar, madame, somente para ter a certeza, se seu marido é Mr. Hubert Clavering, morador em Half Moon Street, 126?

— Eu creio que meu marido tenha arranjado cômodos por essas redondezas. Não o tenho visto, todavia, há algum tempo já. Há vários anos, efetivamente.
A boca estava seca, ela se preparava para enfrentar o que estava para vir.
— Não o via, absolutamente? Ah!... Bem, madame, tenho algumas notícias más para a senhora. É melhor se preparar. Houve um acidente...

Sua críspação contra a mesa enrijou-se.
— Acidente? Derrubado no "fog"?
— Não, madame. Aconteceu nos aposentos dele. Ele foi encontrado pela dona da casa... morto.

Ela arquejou, os olhos arregalados.
— Morto! Mas... meu menino o viu esta tarde. Ele estava perfeitamente bem às sete horas.

— Aconteceu depois disso. Numa hora qualquer desta noite.
— O senhor não quer dizer que foi... suicídio?
— Não sabemos ao certo, madame. O fato é que nós pensamos que podia ser...
O outro policial, vários anos mais velho, deixou cair uma mão pesada no braço do colega.

— Não continue a assustar a senhora, Peters — murmurou.
— Estou perfeitamente bem. Somente... não posso compreender. Como é que ele foi morto? — perguntou num cochicho, os olhos tensos perscrutando a cara de um e do outro, sucessivamente. — Digam-me tudo o que sabem, façam favor.

Os dois trocaram olhares, e o mais velho fez que sim.
— Bem, madame, o fato é que foi... apunhalado.
— Apunhalado!
O segundo policial fez um movimento em direção ao armário.
— Vamos, deixe-me arranjar alguma coisa para a senhora tomar — disse, apanhando uma garrafa de cristal. — E' conhaque? — cheirou, derramou um pouco num copo e o apresentou a ela, com uma bondade intempestiva. — Beba, madame... isso lhe dará energia.

Ela sorveu um pouco do conhaque, com receio de beber demais. Precisava de todas as suas faculdades. Se ao menos essa impressão de irrealdade passasse! Que era que o homem estava dizendo?

— E' melhor assim, madame. Vejo que tomou algumas forças. Tinha de ser um choque danado, mesmo se seu marido não fosse... quero dizer... — hesitou embaraçado.
— Não se importe — ela ouviu o que estava dizendo serenamente. — Meu marido deixou-me há cinco anos. Desde então tem vivido no continente. Creio que voltou a Londres recentemente. Que é que querem que eu faça?

O policial mais moço respondeu-lhe, desculpando-se.
— Receio que temos de pedir-lhe que venha conosco a Half Moon Street, para identificar o corpo. E' lamentável, mas não sabemos de ninguém mais a quem procurar. Achamos seu nome na lista de telefones. — E' uma simples formalidade, o companheiro assegurou-lhe. — Dentro de uma hora teremos trazido de novo a senhora para casa.
— Depois, como que comovido por seu rosto branco e fragil, acrescentou — Estou certo de que lhe teríamos poupado isto, se fosse possível.
— Compreendo perfeitamente. Naturalmente eu devo ir. Apenas deixem-me dar uma desculpa a meu menino. Gostaria que ele não soubesse de nada até amanhã.

— Certamente, madame.
Os joelhos entrecrocavam-se-lhe, ao subir a escada. Sentia a cabeça um bocado esfofada, mas a voz estava natural, ao falar através da porta fechada.
— Não era nada, Martin. Apenas um telegrama com o endereço errado. Agora, veja se dorme logo, meu bem.

— Pois sim, mamãe. Boa noite — respondeu o rapazinho sonolento, e com um suspiro de alívio ela desceu uma vez mais, pondo o chapéu, enquanto descia.

Havia um taxi esperando na praça. Os dois policiais fizeram-na entrar com deferência que não era isenta de certa admiração. Num momento iam rodando ao longo de King's Road, em direção a Sloane Square.

— O "fog" está quase passado — observou ela depois de um longo silêncio, espiando pelo vidro enevoado.

O policial mais moço acenou que sim. Ele tinha um rosto agradável e satisfeito com os olhos azul-mar e um bigode cor de palha.

— E' um "fog" irregular. — Estava espesso de verdade além de West End, aí por volta das oito ou nove horas.

— Devia estar, madame.
Ziguezaguearam cruzando Belgravia, rodearam Green Park e de repente desembocaram saindo de Piccadilly dentro de Half Moon Street.

— A casa é esta, madame. Os aposentos dele eram no primeiro andar. Se a senhora vier por aqui...

O hall estava escuro. Uma pequena vampiresca, em roupão, mantinha a porta aberta, mirando o trio com curiosidade franca.

— O conselho que lhe dou, mocinha, é meter-se na cama — repreendeu o policial mais velho, de mau humor.

Ela endireitou-se em desafio.

— Eu tenho licença para estar levantada — informou, friamente. — Estou fazendo chá para minha mãe. Ela esteve tendo ataques, mas agora está melhor.

MARAVILHAS



DE TRICÔ e CROCHÊ

★ Torne-se uma artista das agulhas, fazendo maravilhosos trabalhos de lã. TRICÔ e CROCHÊ, revista especializada em trabalhos de lã, lhe trará mil e uma receitas esplêndidas, com gráficos, fotografias e tôdas as explicações sobre os trabalhos.

RECEITAS DE TRICÔ e CROCHÊ

★ Em cada número da revista TRICÔ e CROCHÊ, há uma boa quantidade de receitas minuciosas de agasalhos, adornos, roupinhas de lã.

FOTOGRAFIAS DAS PRENDAS JÁ FEITAS

★ Cada receita vem acompanhada da fotografia do trabalho terminado, para que a leitora forme sua impressão, antes de começar.

GRÁFICOS

Para evitar enganos e perda de material e tempo, TRICÔ e CROCHÊ publica gráficos que esclarecem as receitas.

TRICÔ e CROCHÊ CONTÉM AINDA: NOVELAS, CONTOS, POESIAS, CINEMA E MUITOS OUTROS ASSUNTOS DE INTERESSE FEMININO

TRICÔ e CROCHÊ - NO. AVULSO CR. \$ 6,00
À VENDA EM TÔDAS AS BANCAS

"TRICÔ e CROCHÊ"

Rua São Bento 308 — 6.º andar — SÃO PAULO

— Bom serviço, também. — Ele curvou a cabeça em direção a Mrs. Clavering, baixando a voz. — E' bom que controle bem seus nervos, madame. Está certa de que aguenta? Um vislumbre de sorriso franziu-lhe a boca rígida.
— Não, não, não se preocupe. Vamos subir.
Em fila indiana subiram a escada abafada e atapetada, enquanto de cima os alcançava uma voz de mulher, tremida, com um acento de choro.
— Fascinador... era isso que ele era. Não tenha dúvidas! Sempre assim, rindo e dizendo pilhérias. E o seu modo generoso de distribuir dinheiro! Naturalmente meu irmão diria que havia qualquer coisa muito esquisita a respeito dele, mas eu não sei, não estou certa... Eu diria que ele era dessas criaturas fáceis, que não tem um inimigo no mundo... Nunca sonhei que fosse casado. Não tinha ar de homem casado, de modo algum... Oh! — e a voz subiu insuportavelmente — nunca mais ficarei livre desta visão, por mais anos que eu viva!

Uma mão tranquila segurou de leve o braço da viúva:
— Não se importe com ela, madame. A senhora sabe como é essa gente excitável. Ela estremeceu aquele toque, porém mal pareceu ouvi-lo. No patamar fez uma pausa.
— Qual é o quarto dele?
— Oh! Eu ia me esquecendo de que a senhora não conhece o lugar. Vou na frente, se me perdoar por ir em primeiro lugar.

VI

O compartimento onde entraram era uma saleta-de-estar mobiliada no estilo de apartamento da melhor classe. Havia uma mesa de mogno, um sofá coberto de chitão com almofadas de setim preto e um **pouf**, uma bandeja turca de café em cima dum descanso. Da prateleira do fogão pendia uma toalha de bordado persa, fina e antiga, sem dúvida do próprio inquilino, e havia livros e uma profusão de flores, cujo perfume se misturava ao cheiro de cigarros e a outro perfume mais intenso, indefinível. Contra a parede, sobre uma secretária baixa, numa fina moldura negra, achava-se a fotografia dum rapazinho de **short** branco e camisa aberta ao peito. O retrato era flanqueado por duas velas, à maneira dum altar, e em frente dele ficava um vaso contendo lírios.

Dois homens ergueram os olhos à entrada do grupo. Um, evidentemente um médico, estava curvado sobre uma valise de instrumentos; o outro, fardado de inspetor de polícia, matinha junto à luz da lâmpada um objeto estreito e cintilante, examinando-o através duma lente. Nenhum dos dois prestava a mínima atenção ao desconexo monólogo duma tempestuosa mulher de aspecto juvenil que se aninhava no vão da porta oposta, o selo arfando sob a sweater cor de malva. Tinha os cabelos negros cortados bem curtos e desalinhados, atrados para trás como os de uma Fúria, olhos atrevidos agora cheios de lágrimas e fixos interrogativamente na tranquila figura da recém-vinda.

O inspetor adiantou-se.
— Mrs. Clavering? Sinto ter de submetê-la a isto. Receio que este negócio lhe tenha causado um grande abalo.

Os olhos dela encontraram os dele com uma expressão de grave domínio próprio.
— Certamente foi um choque. Contudo, eu faria melhor dizendo-lhe logo que meu marido estava vivendo separado de mim, na França, há vários anos.
— Eu compreendo. Mas não estavam divorciados?
— Não, divorciados, não. — Ela hesitou. — Ele me deixou há cinco anos.
— E desde então a senhora nunca se comunicou com ele?
— Houve algumas cartas fortuitas, a respeito de negócios, porém eu não tinha conhecimento do que ele fazia. Não teria sabido que ele estava na Inglaterra, se não fosse meu garoto, que o viu diversas vezes.



...Embelezados com **BATON COLGATE**

OS homens gostam de lábios que provocam vontade de beijar. Dê aos seus lábios o mágico tom de exotismo tropical com que o **Baton Colgate** torna seus lábios mais ardentes... mais atraentes e... muito mais *beijáveis*! O **Baton Colgate importado da América** é feito com **KARANUVA**, supremo embelezador dos lábios! É o baton que oferece duas consistências: tipo normal e tipo oleoso para lábios secos. Escolha dentre 5 maravilhosas cores — do Variável ao resplandecente Vermelho Amazonas! Use, desde hoje, **Baton Colgate**. Experimente, especialmente, o encanto inigualável da nova cor da moda: **Vermelho Amazonas**: exclusiva de Colgate!

O coração bate...
com **BATON COLGATE**

O médico, um homem delgado, de cabelos grisalhos, olhou para ela; compreensivamente, porém não fez nenhum comentário. Aparentemente era uma espécie de histórias a que ele não fosse alheio.

— E nas cartas de seu marido houve qualquer indício de uma briga? Alguma referência a alguém que lhe tivesse rancor?

— Não. Nunca ele se referia a seus negócios particulares.

— Bem! Não há remédio. Não parece que a senhora possa ajudar-nos em grande coisa, além da formalidade de identificar o corpo. Isto, sinto muito, porém tenho de pedir-lhe que faça.

Afastou-se de lado e ela viu, atrás dele, contra a janela, um divã sobre o qual jazia um longo objeto enrolado num lençol. O inspetor puxou para trás uma das pontas da coberta.

— A senhora poderia chegar aqui?

VII

Ela assim fez. Ali estava, estrado de costas, um homem alto, fornido, de cerca de quarenta anos, vestido com um terno de xadrez castanho. O rosto mostrava uma pele lisa, cor de azeitona, bronzeada pelo sol, mas excessivamente macia e livre de rugas. Os olhos, castanho-esverdeados, opacos, estavam abertos e mirando fixamente, os cantos da boca repuxados para cima numa expressão que singularmente simulava uma divertida admiração. Os cabelos negros, falhados em certos pontos nas têmporas, eram longos de fronte das orelhas bem conformadas. Uma das mãos pendia inerte a um lado do divã. Era longa e fuselada, com as unhas perfeitamente tratadas. Num dos lados da camisa, sobre o peito, havia uma larga mancha vermelha.

Com uma atenção fixa, ela scrutou o rosto semelhante a uma máscara. Percebia que a dona da casa a estava observado com um olhar fascinado, porém não lhrou em roda. Um segundo depois falou.

— E'... oh, é ele. Não pode haver engano. — Com um esforço, desviou os olhos do divã e se voltou para o inspetor. — O senhor sabe com que espécie de arma fizera isto?

— Estava cravada na ferida. Uma espécie de estilete que, parece, ele usava como corta-papel. Está ali, atrás da senhora, porém não toque, por favor.

Ela o viu, colocado contra uma bandeja de vidro, a lâmina damasquinada tinta de sangue. O cabo era de marfim amarelado, esculpido em desenhos arabescados.

De repente a dona da casa quebrou o silêncio.

— Ninguém podia imaginar que uma mulher tivesse força para fazer uma coisa destas... nem que fosse tão feroz — observou ela chorosamente.

Todos cinco voltaram-se para ela.

— Mulher? — fez a viúva com uma nota de interrogação.

— Talvez a senhora gostasse de ouvir o que Mrs. Noble tem a dizer — sugeriu o inspetor, calmamente.

A mulher na soleira da porta não precisou de novo estímulo. Endireitou-se, enxugou os olhos e começou.

— Naturalmente eu não poderia jurar que fosse uma mulher... mas havia alguém com ele, quando ele chegou às sete e meia ou por volta disso. Alguém, de passo leve. Minha pequena e eu ouvimos duas pessoas subirem a escada, porém eu estava no telefone e ela dando comida ao canário. Foi Joan quem me disse que Mr. Clavering devia estar com uma senhora, e eu disse para mim mesmo que numa noite destas ele talvez quizesse logo o jantar. Aguardei, esperando ouvir a campainha, porém nada aconteceu.

— E não viu ninguém sair da casa?

— Não, porque minha pequena e eu estávamos lá em baixo, no sub-solo. Ouvimos a porta da rua fechar-se e pensamos que os dois tivessem saído juntos. Não pensei mais nisso, até que às onze horas vim trazer a garrafa de água quente. Então vi a luz acesa e ele estirado aí no tapete, onde os senhores estão em pé. Primeiro pensei que ele tivesse tido um ataque, depois vi esta faca enfiada no peito dele.

O médico falou, num tom imparcial, enxugando os óculos e metendo-os na caixa.

— A senhora compreende, Mrs. Clavering, é tudo o que nós sabemos. Não se viu ninguém, não se ouviu ninguém. E' tudo suposição. Quando cheguei aqui, seu marido parecia estar morto há três horas. A arma penetrou no coração.

— E o senhor não pensa que tivesse sido suicídio?

— E' difícil de dizer. Certamente o golpe poderia ter sido dado por ele mesmo, porém na minha opinião é improvável. — Olhou para o inspetor. — O senhor esteve examinando o cabo, inspetor. Algum vestígio?

O inspetor apanhou de novo o punhal, segurando-o com um par de pinças.

— Nada que eu possa perceber. Ou foi cuidadosamente enxuto, ou...

— Bem, se foi ele que fez isto, não poderia ter enxugado a arma depois, não é? — interrompeu a dona da casa, com um ar de triunfo. — E' isto que eu digo.

Ninguém replicou. A viúva parecia estar pensando profundamente.

— Talvez isto possa ajudá-lo, inspetor. Meu garoto me disse que passou esta tarde com o pai. Separaram-se às sete e meia, pois parecia que meu marido tinha um encontro marcado com alguém.

Houve um movimento de interesse.

— Ah! Ele disse com quem?

— Não, mas talvez fosse possível descobrir.

O inspetor sacudiu a cabeça, em dúvida.

— Naturalmente, se ele tomou nota do encontro... A propósito, aqui está o diário dele. Posso dar uma espiadela.

Todos os olhos observaram enquanto ele virava as páginas do caderninho de notas.

— Aqui estamos... 17 de novembro. "Ver alfaiate, sobre pijamas". Fechou o diário, desapontado. — Todavia, vamos fazer indagações. Obrigado pela informação.

Seus olhos correram o quarto e vieram pousar na fotografia emoldurada entre os lírios. Deu um passo na sua direção, examinando-a atentamente.

— Parece que eu conheço a cara deste guri. Não era o herdeiro de Lord Brincombe, que...?

Mrs. Clavering fez simplesmente que sim.

— Sim. E' uma fotografia do jovem Ivor Derryth.

— Pensei que estivesse errado. Achado no rio, em Windsor, há cerca de cinco ou seis anos.

VIII

Velu até o centro do quarto, meditou um instante, depois falou-lhe bondosamente.

— Bem, Mrs. Clavering, acho que não há mais nenhuma razão para detê-la aqui por mais tempo. Tudo isto deve ser muito penoso para a senhora. — Baixou a voz confidencialmente. — Naturalmente a senhora terá de comparecer ao inquérito; mas, considerando as circunstâncias, a senhora terá apenas que repetir o que me declarou aqui e estará acabado. Eu vou dar uma palavra ao juiz de investigações e pedir que ele faça o inquérito o mais breve possível.

Do fundo de seu rosto branco ela olhou para ele, cheia de gratidão.

— Obrigada. E o senhor acha que eu posso ir, agora?

— Naturalmente. Um destes policiais acompanhará a senhora até a casa.

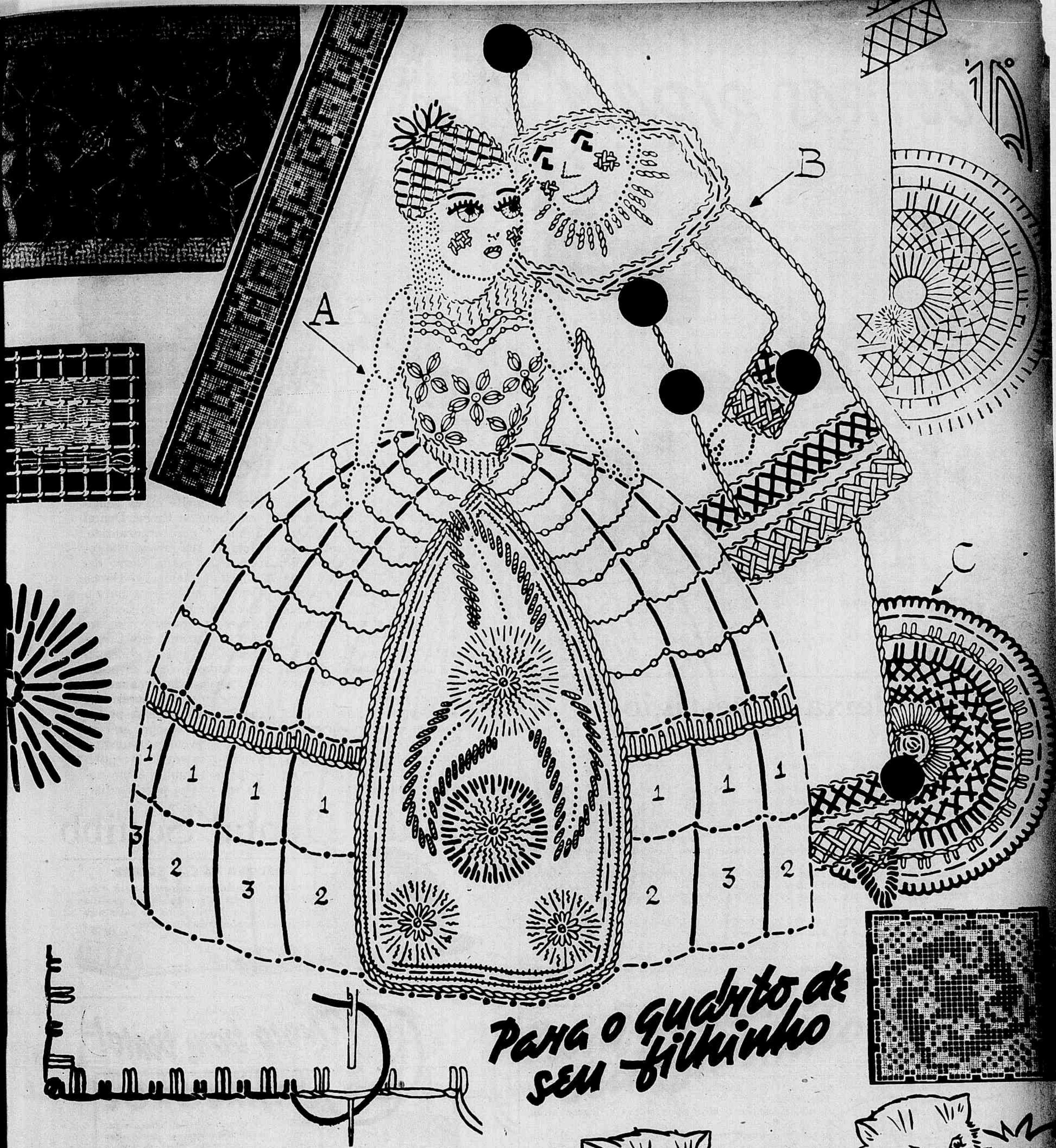
— Peters!

— Oh, por favor, não se incomode! Basta que eu me meta num taxi.

E' um prazer, madame — assegurou-lhe desajeitadamente o policial mais moço.

De novo ia rodando através das ruas molhadas e brilhantes, onde os reflexos cintilavam em longas faixas de luz. Ela se inclinou para trás, exausta. O acompanhante olhava-a compassivamente. Disposta como ela era, estava evidentemente ao cabo das forças.

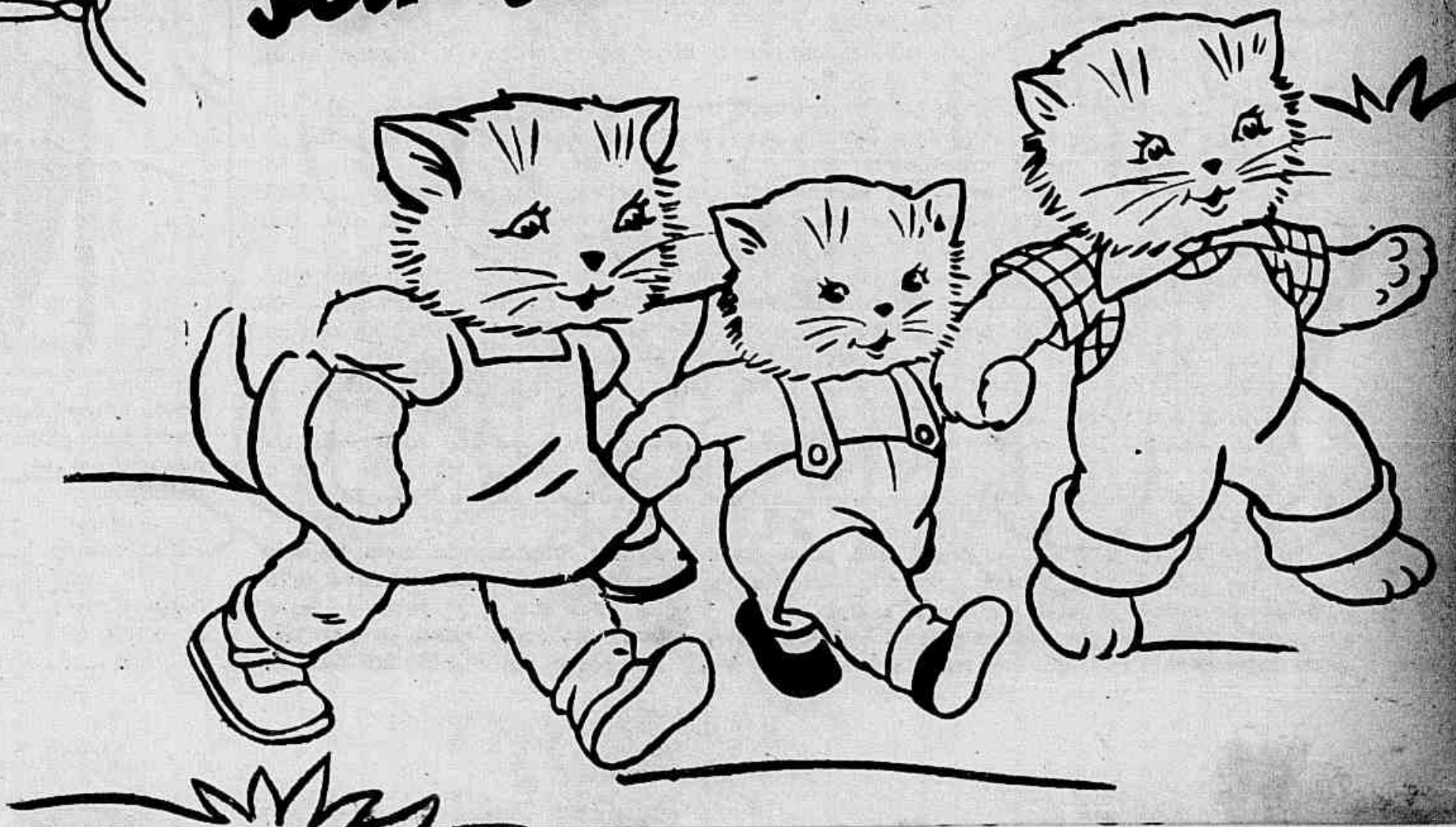
(Continúa na página 50)



MOBILIÁRIOS PARA APARTAMENTOS

A Fábrica de Moveis "Lamas" expõe em seu grande mostruário anexo às oficinas, à rua Melo e Souza n.º 100/10 (próximo à estação principal da Leopoldina), inúmeros modelos, especialmente criados para apartamentos e que resolvem o problema de escassez de espaço, sem prejuizo da boa comodidade, executando, ainda sob desenhos e em qualquer estilo ou dimensões, modelos especiais, oferecendo também em alguns casos, facilidade de pagamento. Os moveis "Lamas" são vendidos exclusivamente no mostruário anexo à fábrica.

Para alegrar o quarto ou a sala de recreio do seu filhinho nada mais interessante e gracioso que os riscos oferecidos nesta página. Podem ser executados conforme o gosto de cada uma e com pontos diversos, sendo que as aplicações dos entremeios em *filet* ficam muito bonitas para estores.



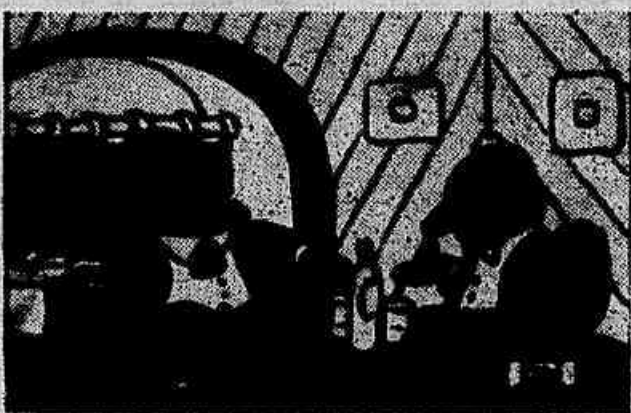
OUTROS RIRAM



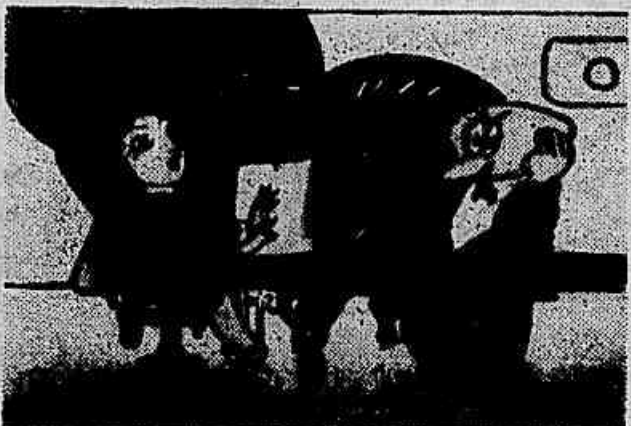
— A Laura diz que só casará com um homem de bom gosto.
— Coitada! Fica solteira com toda a certeza!



— Nada é belo de mais para você, meu amor.
— Oh, obrigada!
— O que é, é caro de mais para mim.



— Contaram-me que te casaste...
— Casei, sim. Era uma dívida de amor.
— Quer dizer que resolveste pagar as tuas dívidas.
— Começando por esta, porque precisava de dinheiro.



— Si o incomodo, papai, diga com franqueza. Bem sabe que só toco para matar o tempo.
— Ainda bem! Pensei que era para matares a mim!

Sem deixar vestígios

(Continuação da página 48)

— Eu não iria ficar me atormentando muito, madame — aconselhou-a ele tímida-mente. — Pelo que pude perceber a senhora não sofreu grande perda.

Ela sacudiu a cabeça de leve.

— Não. É somente a tensão em que eu fiquei. Logo mais estarei perfeitamente bem... Diga-me uma coisa: se verificarem que foi assassinato... o senhor diria que há muita probabilidade de se descobrir quem foi?

Ele mordeu os lábios cautelosamente.

— Bem, madame, nunca se pode dizer ao certo. Embora, se é minha opinião particular que a senhora está pedindo, eu diria que parece que há muito poucas probabilidades.

— Mas por que assim?

— Bem, madame, olhe só os fatos. Este cavalheiro, seu finado marido, vem com uma companhia, homem ou mulher, não podemos dizer qual fosse. Ora, ao cair da noite, o "fog" estava tão espesso que mal se podia ver a borda dos passeios. Não foi assim?

— Foi, sim. Mas eu não vejo...

— Bem, compreendo, desculpe. Foi a primeira coisa que eu disse. Eu digo para mim mesmo, suponha que esses dois se encontraram, não num restaurante ou num clube ou num lugar iluminado onde houvesse gente por perto, mas nalgum canto da rua? Suponha, para seguir o argumento, que não há testemunha para provar quem era a companhia. E' como um navio que passa na noite, vamos dizer, e numa noite de "fog" como esta. Naturalmente não sabemos.

— Mas, o motivo?

— Ah, aí a senhora está comigo, madame. Quem é que pode dizer? Pode ser que seu marido tivesse alguma coisa que aquela pessoa quizesse tomar. Cartas, talvez. Ou pode ser que fosse alguma mulher a quem ele tivesse feito alguma bondade. A menos que se possa descobrir quem teve aquele encontro com ele, nós ganhamos muito pouco em fazer cálculos.

— Compreendo — respondeu ela, pensativamente. — O que o senhor quer dizer é que, no ponto em que estamos, não há nenhum vestígio real.

— Isso mesmo, madame. Nem impressões digitais, nenhum motivo conhecido, nenhuma testemunha. Pelo que sabemos agora.

— E' estranho — murmurou ela, passando a mão pelos olhos. — Parece difícil conceber...

— Oh, não, madame. Há uma porção de casos em que nunca se provou coisa alguma. Muitas vezes o cadáver é pescado no Tamisa, como o polícia da beira do rio lhe dirá... Parou, vendo que ela tivera um calefrio.

— Desculpe-me, eu não devia ter falado nisto, seus nervos estão de ponta... Aqui estamos em Paulton Square. Agora, se eu fosse a senhora, madame tomaria uma boa xícara de chá forte e me meteria na cama. Tem sua chave, madame?

Uma vez mais estava ela na pequena sala de jantar, a porta fechada cuidadosamente. Desta vez os dentes batiam-lhe, e ao ajoelhar-se para estender as mãos geladas diante do fogo vacilante os joelhos cederam de modo que ela afundou num trêmulo montículo, sobre o tapete. Os lábios moveram-se sem proferirem um som.

— Graças a Deus, acabou-se... — Os lábios formaram as palavras. — Graças a Deus... graças a Deus...

Vários minutos permaneceu onde estava, escutando. A casa estava absolutamente quieta. Então, curvando-se mais sobre a lareira ardente, abriu a bolsa, tirou uma carta, correu os olhos por ela, lentamente. Estava escrita numa bonita caligrafia fluente e era deste teor:

"PREZADA MILLICENT. — Você não pode mais controlar minha vida, nem impedir que eu veja Martin. Ele é tanto meu filho quanto seu, e não vejo porque ele deva ficar inteiramente sujeito à sua vigilância despudorada. O que você diz a respeito de estar eu corrompendo-o é simplesmente uma tolice infantil, e você me faria raiva se isso não fosse engraçado! Não, não adianta, minha cara. Você me bateu em vantagens durante



Observe esta CARINHA...



A primeira vez que sua filhinha usar o Creme Dental Squibb... observe-lhe a expressão do rostinho. Note o ar de prazer e admiração que demonstra no momento em que percebe este delicioso sabor... ao mesmo tempo que sua boquinha sente uma sensação excitante de frescor!

As crianças — e os adultos também — gostam de usar o Creme Dental Squibb. E é uma satisfação saber que o brilho natural dos dentes se revela, sem o menor perigo

para o esmalte ou as gengivas, porque o Creme Dental Squibb é puro e garantido. Mais de 100 provas asseguram essa pureza. Outro detalhe importante... o Creme Dental Squibb é feito com um eficaz anti-ácido — o Leite de Magnésia Squibb. Procure usar diariamente este Creme Dental, tão puro e eficiente, após cada refeição, se possível. Apesar das suas muitas propriedades superiores, não custa mais do que as pastas comuns. Ao comprá-lo, examine o tubo cuidadosamente. Verifique se traz o Selo Squibb — porque Squibb é um nome em que se pode confiar.

Creme Dental Squibb

255

ESCOVA ANGLE SQUIBB

Recurvada em ângulo adequado para atingir por igual os interstícios e a superfície de TODOS os dentes. Fios da mais alta qualidade — eficientes — duráveis.



Quero bom trato!



TIMBORÓL

É o melhor e mais eficiente sabão veterinário, por conter todos os elementos ativos do timbó.

EVITA E COMBATE AS PULGAS, CARRAPATOS, SARNAS, ECZEMAS, FERIDAS, E, EM FIM, TODOS OS PARASITOS E DERMATOSES, ASSEGUANDO A HIGIENE E BELEZA DOS ANIMAIS.

anos, porém desde que tia Isabel me deixou independente, posso rir-me de você e viver como bem entender. Todavia, se você insiste, irei ver você e discutir de novo todo esse negócio cacete... embora seja apenas justo avisar a você de que será peixe perdue. — HUBERT."

Segurou a carta em cima das chamas, viu-a consumir-se até se transformar em cinza. Então entregou-se a outro serviço, um serviço final.

Da bolsa que havia mantido tão segura a noite inteira, tirou um pequeno objeto, alguma coisa macia e levemente rígida, enrolada numa bola. Com um gesto rápido jogou-a no centro do fogo. Queimando lentamente, a bola desnovelou-se, dividiu-se em duas partes. Era um par de luvas, encharcadas de sangue.

Infâncias

Completo 1 ano de idade a 30 de agosto último o menino Alvaro Manzieri, filho do Sr. Francisco Manzieri e de sua esposa D. Ignez Manzieri.



Completo 1 ano de idade, no dia 1.º de setembro último, a menina Ana Maria, filha do engenheiro Hugo de Castro e de sua esposa D. Léa de Castro. Aos amiguinhos que a foram cumprimentar pela passagem da festiva data, a aniversariante ofereceu linda mesa de doces. A foto que acima estampamos é um flagrante da festa de Ana Maria.



Flavio, filho do Sr. Francisco Magalhães e de sua esposa D. Ester Nunes Magalhães.



Carmita, filhinha do casal Bernardino Nascimento-D. Carmelita Cavalcante Nascimento.



Angela Maria, filha do Dr. Francisco Lianza e de D. Alba de Brito Lianza, residentes em João Pessoa, Paraíba.



Grupo formado pelos meninos Te-rezinha, Verinha, Maria Alice e Humberto, filhos do Dr. Humberto Avelar Magalhães e de D. Yeda Ribeiro Magalhães.

Norma Solon Ribeiro, filha do Sr. Alcanor Solon Ribeiro e de D. Zaira Solon Ribeiro, cujo primeiro aniversário transcorreu a 17 de agosto último.



Sergio Heitor, primogenito do casal Dr. Heitor Péres-D. Liliani do Couto Péres.

BRILHANTINA
COLONIAL



Excelsior